Sérgio Pereira Couto

Desvendando o Egito

Tutancâmon, as esfinges e outros mistérios da terra dos faraós



UNIVERSO DOS LIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sérgio Pereira Couto

Desvendando o Egito

UNIVERSO DOS LIVROS

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua Tito, 1.609
CEP 05051-001 • São Paulo/SP
Telefone: (11) 3648-9090 • Fax: (11) 3648-9083
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Conselho Administrativo: Alessandro Gerardi, Alessio Fon Melozo,
Luis Afonso G. Neira, Luis Matos e William Nakamura.

© 2008 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor Editorial
Luis Matos

Coordenação Editorial
Renata Miyagusku

Assistência Editorial
Carolina Evangelista

Preparação dos Originais
Camilla Bazzoni

Revisão
Fernanda Batista dos Sanros

Projeto Gráfico
Fabiana Pedrozo

Diagramação
Stephanie Lin
Fabiana Pedrozo

Capa
Sergio Bergocce

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C871d Couto, Sérgio Pereira.

Desvendando o Egito / Sérgio Pereira

Couto. – São Paulo: Universo dos Livros, 2008.
128 p.

ISBN 978-85-99187-72-2

1. Egiptologia - Civilização.
2. História do Egito Antigo. I. Título.

CDD 932.2

Introdução



"Do alto destas pirâmides...
... quarenta séculos vos contemplam!"

Esta é a frase atribuída a Napoleão Bonaparte quando este invadiu o Egito em 1799. Trata-se da frase mais conhecida e que exprime, como nenhuma outra, todo o fascínio que o país dos faraós exerce sobre nós até hoje.

É tanta a atração, que não há como ficarmos inertes a esse passado. Só ao imaginarmos que as pirâmides e demais monumentos foram erguidos num tempo em que não havia nem sombra da tecnologia de hoje, coloca-nos cara a cara com os limites humanos e vemos como os egípcios conseguiram conquistar o que sempre almejaram: a imortalidade.

Neste livro você conhecerá a fascinante história do faraó Tutancâmon, hoje o faraó mais famoso do Egito, porque teve a sorte de ser inexpressivo o suficiente para que sua tumba ficasse intocada até ser descoberta por Howard Carter; conhecerá os maiores faraós de todos os tempos; verá como as pirâmides foram erguidas; verá como surgiram os hieróglifos, uma das primeiras formas de escrita do mundo; visitará as múmias; lerá sobre os ladrões de túmulos, as maldições e o Vale dos Reis, o sucessor natural das pirâmides; e, por fim, poderá saber um pouco mais sobre a arte egípcia, que retrata o homem de maneira a permanecer assim para sempre.

Tudo isto é apenas um pequeno pedaço da ampla história que o Egito nos oferece. Não é fácil resumir um império faraônico (literalmente) em algumas páginas. Porém, com certeza, você verá que esta introdução é mais do que o suficiente para deixar um gosto de quero mais. Afinal, as areias do país do Nilo, quando tocam sua alma, são para sempre...

Boa leitura!

O Autor.

Capítulo 1
Tutancâmon



Qual a primeira imagem que vem à sua mente quando se fala sobre Egito? Com certeza tem algo a ver com as pirâmides ou com as múmias de seus antigos soberanos. O que poucas pessoas entendem é que aquela antiga civilização foi muito mais do que um grupo de pessoas que passavam seus dias à espera da morte.

O Egito foi, na verdade, o lar de uma das civilizações mais impressionantes de todos os tempos. Sua história engloba um total de três mil anos que vai desde a unificação dos reinos do Alto e do Baixo Egito até sua capitulação final como parte do Império Romano. Apesar dos altos e baixos e das invasões estrangeiras que sofreram ao longo dos anos, os egípcios foram capazes de cultivar e desenvolver sua cultura e sociedade com segurança, já que se viam protegidos por barreiras naturais como o deserto a leste e a oeste, e o mar Mediterrâneo ao norte. Porém, essa situação não se deu apenas por causa de seu isolamento. O país ainda conseguiu estabelecer rotas de comércio com os países vizinhos e participou de campanhas militares contra vários deles, o que resultou num crescimento de riquezas e territórios que contribuiu para a exportação de sua influência. O país foi ainda palco do desenvolvimento de diversos povos, dos quais os egípcios tentaram absorver vários elementos de suas culturas.

É possível, entretanto, que a maioria das pessoas hoje pensem num único nome quando vem à mente aquele país: Tutancâmon. Não por este obscuro faraó ter sido um dos governantes mais poderosos ou influentes de seu tempo, um título que merecidamente vai para Ramsés II, também chamado de *O Grande*.

Tutancâmon é o símbolo hoje de uma expedição arqueológica que tinha tudo para dar errado. E, como veremos mais para frente neste capítulo, esteve às portas de ser um dos maiores fracassos da egiptologia. Deixou pouquíssimos registros sobre seu reinado e teve seu nome apagado de muitos lugares. Mesmo as obras que deixou terminaram por ser roubadas por seus sucessores. Então por que lembrar dele quando se fala do Egito?

O motivo é simples: muito se fala sobre as riquezas que formavam a manifestação física do poder do faraó. Tomemos por exemplo Heródoto, o historiador grego que viveu no século V a.C. Impressionado com as famosas pirâmides de Gizé, arriscou falar que aquele monstro de construção só foi possível porque Quéops (Khufu, no original) era um faraó déspota que chegara a prostituir a própria filha a fim de ter sua tumba construída. Foi graças a seu relato – de milhões de escravos em pleno trabalho na planície das pirâmides –, que a imagem do governante enlouquecido pelo poder ganhou a imaginação popular. Foi necessário o trabalho

de arqueólogos modernos, entre eles Zahi Hawass (secretário-geral do Conselho Supremo de Antigüidades do Egito), para quebrar aquela imagem e mostrar que tais monumentos eram um projeto de cunho nacional e que eram trabalhadores livres e não escravos que se submetiam àquele árduo trabalho.

Apesar dos esforços dos arqueólogos, muitos esoteristas insistem em afirmar que as pirâmides não eram túmulos dos faraós e sim câmaras de iniciação para sacerdotes e outros adeptos do esoterismo. E tudo porque não se sabe onde estariam as múmias de Quéops, seu filho Quéfren (Khafré no original) e seu neto Miquerinos (Menkauré), os donos das pirâmides vizinhas. Na Grande Pirâmide, por exemplo, apenas um sarcófago vazio foi encontrado. Não havia sinal de múmia, ataúde ou nada que pudesse provar que Quéops um dia descansara lá dentro. E o pior: nem sinal dos fabulosos tesouros que as lendas diziam estarem lá enterrados com a múmia.

Isso nos leva de volta a Tutancâmon. Se ele não fez grandes conquistas nem deixou seu nome como um grande governante, qual o interesse nele? A resposta não podia ser mais materialista: seu fabuloso tesouro. Além de objetos preciosos como ouro e pedras, foi graças aos objetos cotidianos encontrados naquela diminuta tumba que podemos ter um vislumbre de como era a vida na época conturbada em que ele viveu.

É com esta fabulosa descoberta que começamos nossa viagem ao incrível e místico mundo do Egito Antigo. Para explicar melhor a importância de Tutancâmon (ou Tut, como é chamado pelos arqueólogos que analisaram seus despojos), é necessário falarmos um pouco sobre a vida de dois homens, um arqueólogo e um nobre inglês, que se ligaram ao assunto de maneira indissolúvel: Howard Carter e Lorde Carnarvon.

Howard Carter

Ao contrário do que muitos crêem, Carter descobriu outros monumentos além da tumba de Tutancâmon, o que o torna um arqueólogo importante para a egiptologia. Nasceu em 9 de maio de 1874 em Kensington, distrito de Londres. Passou sua infância em Norfolk, onde viveu com algumas tias solteiras e recebeu grande parte de sua modesta educação.

Foi seu talento para desenho e seu interesse em antigüidades egípcias que o levaram para o país dos faraós quando ainda tinha 17 anos, no outono de 1891. Foi contratado pela Sociedade de Exploração do Egito (*Egypt Exploration Fund*) em Londres para auxiliar nos registros epigráficos (estudos das inscrições gravadas em pedra ou outros materiais) de tumbas localizadas nas cidades de Beni Hasan e El-Bersha, localizadas entre o Alto e o Baixo Egito.

Dois anos depois começou a trabalhar nos registros do famoso templo da rainha-faraó Hatshepsut em Deir El-Bahri como membro daquela entidade, com as atividades sob supervisão de Édouard Naville, professor da Universidade de Genebra e Vice-Presidente da Sociedade de Exploração. Tal trabalho, que o deu certa fama no meio acadêmico, o deixaria ocupado pelo menos até 1899.

No começo do século XX, Carter foi indicado como Inspetor-Chefe de Antigüidades do Governo Egípcio, com responsabilidades que se estendiam por todo o território do Alto Egito, que vai da represa de Assuã até o sul da moderna cidade do Cairo. Essa função foi dele até o final do ano de 1904, quando se tornou Inspetor-Chefe do Baixo Egito, no delta do rio Nilo, que vai do Cairo até o mar Mediterrâneo.

Porém, o temperamento esquentado de Carter trouxe um fim abrupto à sua meteórica carreira. Isso porque houve um incidente em Saqqara, o local da famosa Pirâmide de Degraus do faraó Djoser. Foi lá que um grupo de europeus teve uma discussão com empregados egípcios do Serviço de Antigüidades. Embora não envolvido diretamente na discussão, Carter tomou partido dos europeus, o que não foi bem visto pelo Governo Egípcio, que o transferiu para uma posição menos importante no delta. Essa queda de qualidade foi demais para o arqueólogo e provocou sua saída do órgão no ano seguinte. Começava assim um período negro para ele, que via sua carreira e sua vida vítimas de uma crise.

A partir de então, viu-se obrigado a trabalhar como artista independente, reproduzindo muitos dos afrescos de diversos monumentos, tarefa que fazia desde o começo de seu envolvimento com a Sociedade de Exploração. Foi por causa de seu talento na reprodução dos desenhos antigos que conseguiu entrar para a entidade e nos seis anos seguintes em que ele visitou o país, passou aquele tempo desenhando e contribuindo para as restaurações em que se envolvia. O período em que trabalhou como Inspetor-Chefe o colocou em contato direto com ninguém menos que Gaston Maspero, egiptólogo francês e diretor geral de escavações.

Foi em 1905 que Carter conheceu Lorde Carnarvon, que visitava o Egito por questões de saúde após um acidente com um carro de corrida. O nobre inglês encontrara nas escavações arqueológicas uma atividade para se ocupar e entrou num acordo com Carter para financiar seu trabalho arqueológico.

Foi apenas quando o Serviço de Antigüidades exigiu que o trabalho estivesse nas mãos de um arqueólogo competente é que o nome de Carter surgiu. Em 1907, após algumas conversas e acordos, os dois fecharam negócio e se lançaram ao trabalho. As atividades só começariam dois anos depois, quando explorariam diversos lugares.

O trabalho da dupla recém-estabelecida começou em Tebas (ou Usaet no original), que foi a capital do reino egípcio durante o Novo Império (que durou por volta de 1550 a 1070 a.C., governo que inclui as Décima Oitava, Décima Nova e Vigésima Dinastias). Algum tempo depois, em 1912, eles chegaram a iniciar trabalhos no delta do Nilo, mas com resultados nada animadores.

Em 1914, Lorde Carnarvon obteve uma autorização para escavar no Vale dos Reis, mas a eclosão da 1ª Guerra Mundial fez com que qualquer expedição em curso fosse adiada por pelo menos cinco temporadas.

Carter começou seus trabalhos no Vale dos Reis em 1915. Naquela época muitos sentiam que o lugar ainda tinha bastante a oferecer, mas um número de pequenos achados de vários egiptólogos nesse meio tempo não trazia nada de concreto, apenas alguns objetos com o nome de Tutancâmon inscrito.

Carter iniciou escavações em 1917, mas foi em 1922 que encontrou pequenas evidências que poderiam levar a seu achado. Carnarvon, já cansado de empatar dinheiro numa obra sem muitos frutos, estava disposto a retirar seu apoio até ser convencido por Carter a investir em mais uma temporada de escavações, desta vez contando também com seu próprio dinheiro.

Quando aquela que seria a última temporada começou, Carter sabia que a sorte estava lançada. Encontrar aquela tumba seria o achado do século, pois ele acreditava que, justamente por sua pouca importância, Tutancâmon estava em algum lugar daquele Vale, ainda intocado.

A área que levaria à entrada da tumba estava delimitada entre a tumba de Ramsés II e a de Ramsés VI, próximas das quais foram ainda descobertos os restos de um povoado utilizado pelos operários que trabalharam na construção do sepulcro de Ramsés VI. Os primeiros degraus que levariam ao achado foram encontrados em 4 de novembro de 1922, apenas alguns dias após o começo da nova temporada. A entrada da tumba, com os selos intactos, foi encontrada no dia seguinte. Esse detalhe depois mostrou que havia um engano: os selos de fato estavam intactos, mas uma vez dentro do local viram que havia um buraco numa das paredes, provavelmente feito pelos ladrões de túmulos. Os selos da porta deveriam ser substitutos e não os originais.

Carter telegrafou imediatamente para Lorde Carnarvon, que veio da Inglaterra acompanhado por sua filha, Lady Evelyn. A famosa cena, descrita em milhares de livros arqueológicos, de Carter abrindo um buraco na parede e espiando seu interior com uma vela, foi exaustivamente relatada em documentários, por isso podemos nos abster de narrá-la aqui. Basta dizer que a ansiedade do arqueólogo se fez justificada quando o maravilhoso tesouro de um faraó obscuro veio finalmente à luz.

Lorde Carnarvon

Vamos parar um pouco a narrativa da descoberta para sabermos, afinal, quem era a fonte de dinheiro e interesse acadêmico por trás de Carter. O papel de Carnarvon foi importantíssimo, ele praticamente complementava Carter em muitos sentidos. Os dois jamais poderiam ter sucesso separados, uma vez que o Lorde britânico, embora fosse bastante conhecedor do Egito, ainda assim necessitava de alguém que lhe ajudasse no aspecto acadêmico das descobertas, ou então seria mais um arqueólogo amador que não teria onde gastar seu dinheiro.

George Edward Stanhope Molyneux Herbert, o quinto Lorde Carnarvon, nasceu em 26 de junho de 1866 no castelo de sua rica família, chamado Highclere, localizado em Hampshire. Foi educado no Eton and Trinity College, em Cambridge, e assumiu o título de nobreza em 1890. Casou-se em 1895 com Almina Victoria Maria Alexandra Wombwell, filha de Marie Boyer, esposa de Frederick Charles Wombwell, embora circulem boatos de que seu verdadeiro pai fosse um membro da rica e influente família de banqueiros dos Rothschild.

Como era excessivamente rico, Carnarvon começou a ser conhecido como criador de cavalos de corrida e depois como piloto de carros. Em 1901, sofreu o famoso acidente na Alemanha que o deixou com a saúde debilitada a ponto de ter que largar o esporte.

O quinto Lorde Carnarvon era um verdadeiro entusiasta da egiptologia, atividade pela qual tinha uma verdadeira paixão. Quando conheceu Carter, deixou-se levar pela excitação do arqueólogo e logo se propôs a financiar as escavações já citadas de Tebas. Porém, nem mesmo a fama pela descoberta do século colocou-o fora dos boatos que geraram a lenda da maldição da múmia.

Após abrir a tumba de Tutancâmon e vender a história com exclusividade para um jornal de Londres, fazendo assim com que os demais ficassem sabendo das notícias sobre o achado por terceiros, Carnarvon foi encontrado inconsciente no Winter Palace Hotel. A causa oficial da morte indicava uma infecção causada pela picada de um mosquito (infectado com erisipela, uma infecção cutânea causada por bactérias e que tinha como sintoma dor extrema) enquanto se barbeava. Dizem as lendas que, quando de sua morte, à 1h55 da manhã, as luzes da cidade do Cairo se apagaram. Enquanto isso, em Londres, sua cadelinha de estimação teria dado um uivo forte e caído morta no mesmo instante. Começava aí a lenda da maldição de Tutancâmon, que ninguém afirmava ter visto na tumba, mas que era extremamente conhecida de todos, inclusive dos jornalistas da época.

Com ou sem maldição, o tesouro de Tutancâmon levou ainda um enorme tempo para ser retirado da tumba, catalogado e tratado corretamente. Objetos de valor, estátuas, carroças desmontadas, objetos pessoais, entre outros, maravilham as pessoas do mundo todo quando são expostos.

Carter, com a ajuda de Arthur C. Mace, outro egiptólogo, publicou a obra *A Descoberta da Tumba de Tutancâmon* (originalmente em três volumes e que no Brasil saiu misteriosamente em um só) entre 1923 e 1933. Porém, problemas de saúde e outros compromissos fizeram com que o arqueólogo nunca publicasse um relato detalhado sobre a descoberta da tumba. Carter terminou por morrer em 2 de março de 1939, em Londres.

Um só Deus

No final das contas, Tutancâmon era alguém que merecia tamanho destaque? Um faraó obscuro teve seu nome resgatado do esquecimento apenas por ter sua tumba intacta (até certo ponto, como já foi dito)?

Bem, é importante deixar claro que Tut veio de um período conturbado da história do Egito e merece que gastemos alguns parágrafos para explicá-lo. Trata-se de uma transição inédita na história da Antigüidade de um período em que o politeísmo deu lugar à primeira menção histórica de monoteísmo.

Quando o faraó Amenófis III morreu, depois de um longo reinado de cerca de 40 anos, em que prosperaram a paz e o esplendor artístico no Egito (falaremos mais sobre ele no próximo capítulo), seu filho Amenófis IV assumiu o trono. Ele, Amenófis, era filho do nono da Décima Oitava Dinastia e da rainha Tié. Foi criado no palácio de Malkata, no sul da cidade de Tebas. Não se conhecem muitos detalhes sobre sua infância, porque não era hábito entre os antigos egípcios documentar a vida das crianças da família real. Algumas fontes dão conta de que era fisicamente débil e que não lhe agradava as atividades relacionadas com a caça e o manejo de armas.

O jovem Amenófis não deveria ser faraó, pois o cargo estava visado para seu irmão mais velho, o príncipe Tutmés, filho de Amenófis III com Gilukhipa, uma esposa secundária. Porém Tutmés morreu logo e o cargo de "Filho Maior do Rei" passou para o jovem. Um detalhe: Amenófis havia sido educado para se tornar sacerdote do Templo de Rá, o deus solar.

Assim, o jovem herdeiro tornou-se rei aos 15 anos, por volta do ano 1364 a.C. Muitos acreditam que ele já estivesse casado nessa época com aquela que seria sua consorte real para sempre e se tornaria um nome tão misterioso quanto o do marido: Nefertiti, cujo nome significa "a mais bela chegou". Por muito tempo pensou-se que, pela tradução do nome, que Nefertiti seria estrangeira, mas hoje a maioria dos egiptólogos acredita que era egípcia mesmo. Aparentemente, a união do casal foi uma imposição da mãe de Amenófis, que seria também tia de Nefertiti. Como os dois se tornaram um casal cheio de afetos, a posição de Nefertiti atingiu um nível político sem precedentes.

No início, Amenófis teria introduzido um programa de obras públicas, que começou com a construção de quatro templos dedicados a uma divindade solar secundária então chamada Aton, ao redor do templo de Amon em Karnak, Tebas. Esse ato foi visto por muitos pesquisadores como uma tentativa de fazer uma fusão entre essas duas divindades.

Num desses templos, chamado Hutbenben (casa de Benben, o nome inicial do deus Aton), pode-se ver a rainha Nefertiti como oficiante dos rituais de adoração da divindade. Esses templos eram construídos sem telhado e com blocos de pedra com cerca de 50 centímetros de comprimento e 25 centímetros de largura e altura, conhecidos hoje como "talatat" ("árvore", em árabe).

Já estava claro que o novo faraó se preocupava mais com o espírito do que com o corpo. Mas o fato é que sua predileção por Aton não demorou a ser percebida e logo outros atos do novo faraó começaram a desagradar sacerdotes do culto tradicional.

Foi no quinto ano de reinado que Amenófis resolveu trocar seu nome. De Amen-hotep (no original, que significa "Amon está satisfeito") mudou para Akhenaton ("o espírito atuante de Aton"), que mostrava sua predileção do deus Aton. Akhenaton também se declarou filho e

profeta do seu deus e que Aton era a única divindade que deveria ser cultuada, sendo ele mesmo o único representante legítimo dessa divindade.

Curiosamente Aton era originalmente uma manifestação visível do deus Rá-Horakhti e já era mencionado nos textos das pirâmides, talhados nas paredes daqueles monumentos. Todas as outras divindades estavam assim relegadas a um segundo plano, o que acarretaria seu posterior desaparecimento. Assim surgiu o monoteísmo.

O que teria incentivado o faraó a agir assim jamais se saberá. Especula-se que foi uma maneira de combater o poderio do clero de Amon, que predominava na época.

O passo seguinte foi abandonar Tebas e mudar a corte para o local onde seria construída uma cidade em homenagem ao único deus. Aton não tinha um local de culto próprio e Akhenaton decidiu criar um. Surgiu assim a cidade de Akhetaton ("horizonte de Aton"), hoje conhecida como Amarna, o nome de uma aldeia egípcia próxima às ruínas. Começou assim o período da chamada arte amarniana, do qual o exemplar mais conhecido é o busto de Nefertiti, exposto no Museu de Berlim, na Alemanha.

Parte da população que se fixou por lá seria composta por agricultores, militares, escribas e artífices que acompanharam o rei em seu projeto. Hoje os pesquisadores estimulam que a população do local tenha chegado a mais ou menos vinte mil habitantes. No centro da cidade estava o grande templo de Aton, com aproximadamente 800 metros de comprimento e 300 metros de largura. Sua arquitetura era muito diferente das demais da mesma época, pois não havia salas escuras, apenas pátios ao ar livre que levavam ao altar do deus Aton. Já que se tratava de uma divindade solar, não fazia muito sentido haver escuridão em algum recinto. O palácio do rei tinha mais ou menos 800 metros e se erguia ao longo do eixo principal da cidade. Ao norte da construção, ficava uma espécie de jardim zoológico.

Akhenaton teve seis filhas com Nefertiti e, com uma rainha secundária, Kia, um filho que recebeu o nome de Tutankhaton ("a imagem viva de Aton"), que seria o jovem faraó da descoberta de Carter e Carnarvon.

Como o faraó só prestava atenção nos assuntos que envolviam Aton terminou por descuidar dos aspectos práticos da administração de seu reino. Entre o 8° e o 12° ano de sua regência, Akhenaton iniciou uma perseguição aos antigos deuses, em especial aqueles ligados a Tebas como Amon, Mut e Khonsu. Esses nomes deveriam ser apagados de todas as inscrições por todo o país. Arqueólogos descobriram que essa perseguição incluía até as pessoas mais simples, que fizeram o mesmo com os nomes daquelas entidades em pequenos objetos.

No 12° ano, ocorreu uma espécie de cerimônia de reinauguração da cidade, que reuniu delegações da Ásia, Líbia, Núbia e das ilhas do Egeu. Enquanto isso, o império egípcio começava a desintegrar-se. O faraó já não atendia mais aos pedidos de ajuda de seus aliados no Oriente Médio, o que fez com que os temerosos hititas conquistassem os portos egípcios na Fenícia e que os mitânios, aliados do Egito, fossem literalmente varridos do mapa. O país logo perdeu o controle sobre as minas de ouro da Núbia, importantes para sua economia.

No total foram 17 anos de reinado. No 15° um misterioso co-regente chamado Smenkhkare apareceu. Para alguns, tratava-se da rainha Nefertiti que assumiu o cargo, para outros tratava-se na verdade do irmão de Tutancâmon. O caos seguiu-se e uma guerra religiosa, fomentada pelos sacerdotes da antiga religião, começara. Nefertiti e Kia desaparecem no 15° ano de reinado. O próprio faraó faleceu no 17° ano. Não se tem certeza do que pode ter acontecido à sua múmia, que pode ter sido queimada ou colocada em algum lugar do Vale dos Reis.

Tutankhaton

Dizem que Smenkhkare reinou por cerca de dois anos até que, aos oito anos de idade, o jovem Tutankhaton subiu ao trono. O que se sabe sobre seu reinado é ainda mais motivo para especulações. Para alguns pesquisadores, Smenkhkhare era o título dado aos co-regentes dos faraós. O que teria reinado com Akhenaton seria um nobre, chamado Panhese, da alta estirpe de Amarna, casado com Meritaton, filha mais velha de Akhenaton. Esse misterioso faraó, com o apoio dela, foi quem o sucedeu.

Ambos teriam sido executados em Amarna juntamente com todos os seus moradores por mando de Ay, um futuro faraó, mas vizir na época, que queria o trono para si.

Curiosamente, Tutancâmon e sua irmã Ankhesenamon sobreviveram à matança de Amarna e foram levados a Tebas a fim de se casarem e se tornarem reis. Ele tinha na época nove anos e ela, onze. Por causa da pouca idade do casal real, especula-se que os verdadeiros governantes tenham sido Ay e Horemheb, dois altos funcionários do tempo de Akhenaton. Ay seria o pai de Nefertiti e Horemheb general do exército real.

O jovem faraó só alterou seu nome para o Tutancâmon como todos conhecem no quarto ano de seu reinado. Sua esposa fez o mesmo, num gesto de rejeição às doutrinas religiosas de Akhenaton, desde então considerado "o faraó herege". Os deuses antigos foram restaurados e o fim da guerra religiosa declarado.

Um documento marcou para sempre a situação caótica que o Egito viveu na época de Tutancâmon. Trata-se da chamada "Estela da Restauração", encontrada no terceiro pilote do templo de Amon em Karnak. Lá está descrito como os deuses, relegados a uma situação de decadência, atiraram o país num estado de confusão. Assim, segundo a Estela, o rei mandara fazer estátuas novas dos deuses antigos, e restaurar seus templos e cultos, devolvendo assim o poder aos antigos sacerdotes.

Tut faleceu com 19 anos em 1324 a.C. Ao que tudo indica, seu túmulo ainda não estava pronto, então tiveram que apelar para um menor que, segundo alguns, teria sido projetado na verdade para algum alto funcionário, talvez Ay. O fato é que foi enterrado por lá e esquecido após a tentativa de roubo pelos ladrões de túmulos, que teriam sido pegos no ato pelos guardas da necrópole, os responsáveis por substituir os selos da tumba.

Akhesenamon, a viúva, envia uma carta a Suppiluliuma I, rei dos hititas, pedindo um dos filhos daquele rei como marido. Como os dois povos eram inimigos, foi uma atitude estranha, mas que mostrou o quanto a rainha estava com medo da situação no Egito. O documento, preservado até hoje, pergunta onde está o filho do falecido rei, ao que a rainha responde que não tem nenhum. O rei hitita decidiu então lhe enviar um filho, que nunca chegou ao seu destino, talvez morto por espiões de Ay ou Horemheb.

A rainha não vê outra alternativa a não ser se casar com Ay, que então teria algo entre 60 e 70 anos de idade. Algum tempo depois ela morre misteriosamente e posteriormente é a vez de Ay morrer. Apesar de tudo, Ay respeitou a memória de Tutancâmon, o que não aconteceu com Horemheb, que se tornou faraó contando com o apoio maciço do povo, já que a família real estava toda morta, não havia descendentes e ele mesmo era um herói de guerra. Foi ele quem roubou muitos dos monumentos de Tutancâmon e substituiu o nome dele pelo seu.

Capítulo 2
Os Maiores Faraós do Egito

O exemplo de Tutancâmon, explicado no capítulo anterior, é mais que o suficiente para ilustrar o fascínio que a figura do faraó exerce até hoje em nossa civilização. A imagem que chegou até nós foi a de governantes déspotas que eram soberanos em todos os sentidos. Considerados encarnações dos deuses na terra, eram mais do que simples figuras que cuidavam do país. Sua vontade imiscuía-se até mesmo nos assuntos mais mundanos e cotidianos de seus súditos.

Esses conceitos, preservados em pedra por meio de sua escrita pictórica chamada de hieróglifos, resistiram por mais de cinco mil anos à passagem do tempo em si. É claro que tanto a literatura quanto o cinema usaram e abusaram desses retratos e passaram para nós uma idéia que somente recentemente começou a se modificar sobre o papel dos faraós.

O importante para quem não é um egiptólogo e estuda o assunto de maneira informal é saber que o faraó (termo egípcio que significa "casa grande") era o senhor do Egito. Tudo que lá havia, das coisas menores às maiores, era de sua propriedade. O que estava de acordo com o conceito geral de que o rei era considerado um deus entre os egípcios. E justamente por ter essa "descendência", recebia como missão zelar e proteger seu povo. Um detalhe curioso: a tal "casa grande", a que se refere a palavra faraó, designava mesmo a moradia do soberano, mas não se sabe ao certo quando ou como o termo passou a definir o próprio rei. Alguns pesquisadores estimam que isto possa ter acontecido em algum ponto entre os anos de 1400 e 950 a.C.

Grande parte do poder do Egito vinha do fato de que seu povo vivia numa teocracia, ou seja, apenas o deus encarnado podia governar. Essa diferença no estilo de gerenciar sua nação mostrou-se útil, pois ao contrário de seus vizinhos, que possuíam cidades bastante independentes entre si, o Egito era um Estado forte e centralizado.

A sociedade egípcia estava, de fato, dividida em quatro grandes classes: o faraó, claro, ficava no topo; logo abaixo vinham os nobres e os funcionários palacianos (que eram os sacerdotes, escribas e oficiais militares); depois vinham os mercadores, artesãos, operários e camponeses; e por fim os escravos, que eram conquistados em guerras ou ficavam naquela posição por não terem como pagar os impostos.

Essa aparente autonomia do faraó em mandar e desmandar tinha um limite. Afinal, nem todos sabiam ler ou escrever naquele tempo e cabia aos escribas essa tarefa. Eram eles quem "traduziam" a vontade do soberano e cuidavam de ações como a contabilidade do reino, a arrecadação dos impostos e as negociações em geral. E mesmo o luxo do faraó era, de uma maneira ou de outra, sustentado pelo camponês que, todo ano, era obrigado a repassar um excedente de sua produção ao faraó. Era essa riqueza que financiava a vida opulenta desses

soberanos, de sua família e até dos funcionários do palácio. Parte dessas contribuições era transformada em recursos para construção de grandes obras públicas, enquanto outra parte não era negociada e ficava armazenada para períodos de baixa colheita.

Assim, cada ato do governo egípcio era definido pelo representante das chamadas dinastias, uma família que reinava por certo tempo. Num período de nada menos que três mil anos, pode-se observar avanços maiores ou menores em vários campos, incluindo científicos, tudo de acordo com a simpatia do faraó por esta ou aquela atividade. Eram eles quem determinavam quais os templos que seriam destruídos, quais os países que seriam enfrentados em guerras, entre outras coisas. Em compensação, foram um dos primeiros povos a fazer uso de uma escrita elaborada, conhecer ciências como a Medicina, a Matemática e a Astronomia, além de conseguir reaproveitar regiões desérticas.

Origem dos Egípcios

Com absoluta certeza, o Egito está ligado de maneira indissolúvel ao rio Nilo, sua dádiva dos deuses. Alguns historiadores acreditam que os egípcios teriam começado a se agrupar em suas margens por volta do ano 5500 a.C., quando já havia algumas comunidades agrárias que se formavam na região sul (o Alto Egito). Esses primeiros egípcios deveriam ser nômades e caçadores que viram o potencial da região e trocaram a caça pela agricultura graças aos recursos naturais que o solo das margens apresentava.

Logo começaram a perceber que o rio transbordava entre os meses de julho e outubro (período conhecido como época das cheias), ficava algum tempo naquela posição e depois voltava ao nível normal. Era o lodo, rico em substâncias orgânicas que ficava para trás, o principal componente para o desenvolvimento de suas plantações. O presente que o rio deixava era encarado como oferta de um deus e não demorou muito para surgir uma divindade chamada Hapi, considerada a personificação das águas e associada à região da primeira catarata ou ao vértice do delta do Nilo, perto da cidade do Cairo. Hapi era um homem com uma barriga grande e seios, que vestia uma cinta própria dos pescadores e barqueiros. Em sua cabeça tinha o lótus e o papiro, plantas que, por vezes, também apareciam em suas mãos. Sua pele podia ser azul ou verde, duas cores associadas à fertilidade. Sua figura derramava água de jarros ou levava mesas e bandejas com alimentos.

Seja como for, o lodo trazido pelo rio deixava a terra com uma coloração preta em contraste com o tom vermelho do deserto, considerado o reino dos mortos. Foi naquelas terras que os nobres e os faraós construíram seus famosos túmulos.

Estima-se que tenha sido no período Pré-dinástico (anterior ao ano 5100 a.C., quando ainda não haviam famílias governantes) que os egípcios tenham começado o trabalho de irrigação das terras férteis do Nilo. Levaram as águas para regiões mais afastadas do leito do rio, construíram diques para controlar as cheias e começaram a criar animais como o carneiro, a cabra, a vaca e o burro. Essas atividades contribuíram para que ciências como a Matemática e a Geometria começassem a se desenvolver. Pouco depois já trabalhavam objetos de pedra e cobre, modelavam e pintavam vasos, usavam óleos como perfume e malaquita (mineral usado como pigmento em pinturas verdes antigas até 1800 a.C.) nos olhos para se protegerem dos efeitos solares. Também já fabricavam cerveja e casas de adobe, um tijolo cru feito com argila e palha.

Mais ou menos nesse período é que surgiu também a escrita hieroglífica. Os primeiros registros de textos datam da época da Primeira Dinastia (aproximadamente entre 3200 e 2778 a.C.). Alguns pesquisadores acham que, justamente por ser bem elaborado, esse sistema já estava em desenvolvimento muito antes dessa época. Hoje conhecemos seu funcionamento graças aos esforços do pesquisador francês Jean-François de Champollion que, em 1821, decifrou as inscrições da Pedra de Rosetta, gravada em 196 a.C. com um texto dedicado a Ptomoleu V, um dos faraós do período de decadência.

Outra curiosidade está no fato de que nosso atual sistema de calendário, com 365 dias por ano, também foi uma invenção dos antigos egípcios. Eles também dividiam o ano em 12 meses, mas com cinco dias a mais de festa ao final de cada período.

Depois que esse período inicial de estabelecimento encerrou-se, as comunidades agrárias começaram a se transformar em nomos, ou seja, comunidades autônomas que tinham como

chefes políticos os nomarcas. Assim surgiram as já citadas regiões do Alto e do Baixo Egito. A primeira unificação aconteceu por volta do ano 3200 a.C. sob a égide de um faraó cujo nome parece hoje mais uma lenda do que uma realidade: Menés, sobre o qual falaremos ainda neste capítulo. Começa assim o período dinástico que divide a história do Egito em quatro períodos:

- Antigo Império: entre 3200 e 2235 a.C.
- Médio Império: entre 2060 e 1650 a.C.
- Novo Império: entre 1580 e 1085 a.C.
- Império Tardio: entre 1085 e 323 a.C.

Essas são apenas algumas datas aproximadas, já que quase tudo na história do antigo Egito é passível de ser discutido. Depois de 323 a.C., após a morte de Alexandre, o Grande, que conquistara o país em 332 a.C., começa o domínio da Dinastia Ptolomaica, que leva muitos pesquisadores a rejeitar esse período como parte integrante do Egito faraônico. Mas o fato é que, após a morte de Alexandre, Ptolomeu, um de seus generais, tomou o país para si e também o título de faraó, que passou para seus descendentes. Por um breve período de tempo (cerca de 300 anos), o desenvolvimento foi voltado para as margens do Nilo. Mas quando a rainha Cleópatra VII, a mesma que cortejou Júlio César e Marco Antônio, morreu, o país passou a ser uma mera província do Império Romano nas mãos de Otávio César, mais tarde Augusto. Acabava aí o Egito faraônico como o conhecemos.

Os Períodos Históricos

Antes de falarmos dos faraós mais destacados da história do Egito, vamos fazer uma rápida recapitulação sobre os principais fatos de cada período. Isso é importante para que o leitor entenda melhor que falar sobre o Egito não é apenas glorificar os feitos dos faraós, mas sim oferecer um retrato, o mais apurado possível, sobre cada fase.

Comecemos com o chamado período arcaico, que se inicia com a primeira unificação do país sob o faraó lendário Menés. O aglomerado de nomos, que ainda não é bem um país, reúne-se sob o comando de Menés e começa a tradição faraônica, que estabelece sua capital na cidade de Tinis (também grafada como Tis). Ninguém sabe ao certo, onde ela se localizava, mas há uma tendência a identificá-la na atual cidade de Girga, na margem oeste do Nilo.

O processo de unificação iniciado por Menés foi levado adiante por 18 reis de duas dinastias diferentes, que governaram o país durante 400 anos. Os pesquisadores ainda debatem muito sobre esse período. Para alguns, foi Menés quem transferiu mais tarde a capital para Mênfis (atual cidade do Cairo), enquanto outros insistem em dizer que essa mudança ocorreu séculos depois.

Seja como for, durante esse período o país cresceu muito, anexou novas terras e enviou expedições comerciais para Núbia (atual Sudão), Líbano e Sinai. Aqui também surgiu o papiro e começou o hábito de registrar as transações comerciais, o que contribuiu para que o governo ficasse ainda mais forte e centralizado. Alguns papiros médicos desse período sobreviveram e as construções de pedra começaram a ser erguidas. Os faraós começaram a ser enterrados em mastabas, um túmulo que possuía a forma de um tronco de pirâmide, com paredes inclinadas em direção a um topo plano de menores dimensões que a base. É depois desse período que apareceriam as conhecidas pirâmides.

No fim da Segunda Dinastia, dois reis brigaram pelo trono e provocaram uma divisão do reino. Surgiu em seguida o Antigo Império, em que o governo havia evoluído para o formato da teocracia e o faraó passou a reinar absoluto. O Egito era rico e desenvolvido. O país foi dividido oficialmente em nomos e cada chefe que os governava era ligado ao faraó por laço de sangue. Foram enviadas expedições em busca de ouro, cobre e turquesa, o que resultou na anexação de mais territórios.

Uma das primeiras pirâmides e também uma das mais conhecidas fora da região de Gizé é a Pirâmide de Degraus, construída em Saqqara pelo faraó da Terceira Dinastia Djoser (também grafado de Zhoser). Na Dinastia seguinte, foram construídas as Pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos, que coincidiu com o período de introdução do culto ao deus-sol Rá. Essa foi a fase áurea da construção daquele tipo de monumento.

Na Quinta Dinastia, as pirâmides já tinham um tamanho menor. Na Sexta Dinastia, os avanços na Arquitetura, Escultura, Pintura, Navegação, Medicina e Astronomia apareceram com força total. Foi neste período que apareceu o calendário de 365 dias.

Quando surgiu a Sétima Dinastia, começou também o chamado Primeiro Período Intermediário, em que houve um enfraquecimento do poder faraônico. O último faraó daquela Dinastia, Pepi II, governou por 94 anos e sua idade avançada enfraqueceu seu comando. Pouco depois, o país passaria por uma seca terrível e a fome assolaria tudo e todos. E o “deus” encarnado nada podia fazer a respeito.

Esse período foi da Sétima até a Décima Dinastia. Nesta última, o poder central estava

praticamente desaparecido. Os nomarcas faziam o que podiam para aplacar a fome do povo. Os reis que estavam em Mênfis se chamavam faraós, mas não eram reconhecidos fora de sua cidade. Foi quando surgiu uma nova divisão entre Alto e Baixo Egito. Uma família unificou o Baixo Egito, a partir de Heracleópolis enquanto outra governava o Alto Egito, a partir de Tebas.

Quando a Décima Primeira Dinastia foi fundada pelo faraó Mentuhotep, a querela teve fim, com a vitória para os que governavam a partir de Tebas. Foi ele quem reunificou o país e deixou Tebas como capital. Começava assim o Médio Império, que iria da Décima Primeira a Décima Quarta Dinastia.

Aqui também começou o culto a uma nova entidade. Amon era o deus principal de Tebas, a entidade da criação. Terminou por ser fundido com Rá e originou a entidade conhecida como Amon-Rá.

O faraó passou novamente a ter o poder reconhecido mas sem o poder absoluto do passado. A força dos nomarcas foi mantida e alguns chegaram mesmo a ter seus próprios exércitos. Porém, o comando político continuava nas mãos do faraó.

Na Décima Primeira Dinastia, o Egito reatou suas relações comerciais com outros países e voltou a explorar riquezas no Sinai e na Núbia. Os cofres do Estado estavam novamente cheios e a Arte e a Arquitetura passaram por um novo período de crescimento. Chegamos agora ao Segundo Período Intermediário, iniciado, de acordo com alguns egiptólogos, pela Décima Quinta Dinastia, quando os *hicsos* se estabeleceram como governantes do Baixo Egito para depois dominarem também o Alto Egito. Nas duas dinastias anteriores, os faraós governavam a partir de duas localizações diferentes, Mênfis e Avaris, esta última uma das cidades erguidas com o trabalho escravo dos hebreus. Os governos eram curtos e tumultuados, o que provocou uma nova divisão do reino.

Depois houve um aumento de imigração de pessoas que vinham da Ásia e da Palestina. Os *hicsos* (que significa governantes estrangeiros em egípcio) logo subiram na estrutura social e tomaram o poder. Eles foram os responsáveis pela introdução de objetos como o carro de guerra puxado por bois e a utilização de cobre na confecção de armas. Apresentaram também o tear vertical, os instrumentos musicais e novos alimentos como a azeitona e a romã.

De início, os dois governos se davam bem até que um representante do Alto Egito chamado Sekenenre Tao foi insultado pelo governo *hicso* e começou uma nova guerra entre as duas metades do Egito. Somente quando os *hicsos* foram expulsos é que o país estava pronto para o Novo Império.

Amósis, que expulsou os invasores, foi o fundador da Décima Oitava Dinastia e do Novo Império, que durou até a Vigésima Dinastia. Com os militares apoiando-o, o herói de guerra tirou o poder dos nomarcas e tornou o Egito uma potência imperialista. Foi neste período que governaram alguns dos nomes mais conhecidos da história egípcia, como a rainha Hatshepsut, Tutancâmon e Ramsés II.

Depois de Amósis veio Amenófis I, que estendeu os limites do império até a Núbia e a Palestina; Titmés I, que reforçou a crença em Amon, continuou a expansão territorial e foi o primeiro faraó a construir seu túmulo no famoso Vale dos Reis, o mais importante sítio arqueológico daquele país, visto que muito do que sabemos hoje sobre a história daquele período veio das escavações das várias tumbas lá encontradas.

Durante a Décima Nona e a Vigésima Dinastias, os faraós continuaram a realizar

expedições militares, anexar novos territórios e trazer mais escravos, entre eles os hebreus. A cultura também se desenvolvia a todo vapor, com a utilização de novos materiais e a construção de colossais estátuas em homenagem aos faraós.

Depois da morte de Ramsés XI, último faraó da Vigésima Dinastia, o Egito voltou a se dividir em dois reinos e daí para frente passou por período de unificação e divisão com poucos momentos de crescimento entre a Vigésima e a Trigésima Dinastias. Foi um período marcado pela decadência, quando territórios foram perdidos, houve invasões, guerras civis e o governo caiu nas mãos de diversos povos, entre eles cushitas, líbios, assírios, etíopes, babilônios e persas. Somente quando Alexandre, o Grande, conquistou o país é que houve um período de estabilidade. Algum tempo depois surgiu a Dinastia Ptolomaica, que seria a última Dinastia faraônica.

Alexandre ordenou a construção da cidade de Alexandria, que reunia a maior coleção de manuscritos do mundo e possuía um farol que foi uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo. Quando os ptolomeus tomaram o poder, após a morte de Alexandre, trouxeram um período de estabilidade, mas logo começaram a se embebedar pelo poder e se tornaram egocêntricos e arrogantes. Essa situação estendeu-se até a morte de Cleópatra. E desde então o Egito perdeu seu elo com o passado glorioso e entrou numa nova fase, em que predominavam mesmo as novas religiões como o cristianismo copta e mais tarde o islamismo.

E assim terminamos nossa viagem pela história dos faraós. A seguir você tem algumas biografias dos governantes que mais se destacaram durante os três mil anos de acontecimentos.

Menés

Difícil dizer algo sobre este faraó, um dos mais importantes para a história do Egito. O primeiro documento histórico que cita seu nome é a chamada Palheta da Narmer, de ardósia, encontrada nas escavações de Heracleópolis em 1898. Lá é retratada a figura do rei com a coroa do Alto Egito num dos lados e, no outro, o mesmo rei aparece com a coroa do Baixo Egito. No alto da peça está o nome Narmer.

Menés ou Narmer, para alguns, também é chamado de Hórus Aha ou Hórus Aka (Hórus dos Juncos). Ele é o lendário primeiro faraó da Primeira Dinastia. Teria nascido em Tinis e recebera a denominação de Narmer como uma identificação perante o deus Hórus. Menés é o nome grego que lhe foi atribuído, mas os egípcios chamavam-lhe Meni. Teria vivido entre 3500 e 3000 a.C. Há quem afirme que Menés e Narmer são pessoas diferentes, mas até agora ninguém conseguiu afirmar nada com certeza a esse respeito. Alguns arriscam afirmar que Menés terminou o processo de unificação que Narmer teria começado.

Como se isso não fosse confuso o bastante, há ainda discussões em relação à capital Mênfis. Para alguns, ela teria se originado quando Menés ergueu uma fortaleza no local e passou a governar dali. Essa fortaleza teria sido conhecida como "O Grande Muro Branco" ou "A Balança dos Dois Países". Seja como for, foi Menés quem fundou não só esta cidade como também teria criado a cidade conhecida como Crocodilópolis, ao sul de Mênfis.

Seu reinado teria durado cerca de 64 anos. A ele é atribuído o estabelecimento do costume para a realeza da criação de templos para os deuses egípcios. Aparentemente ele morreu de feridas sofridas durante uma caçada a hipopótamos, já com uma idade avançada.

Foi enterrado primeiramente em Abidos, a necrópole de Tinis, acompanhado por jovens seguidores e servos. Este seria o primeiro funeral monumental de um faraó. Depois sua múmia teria sido transportada para Saqqara. Sua mãe ou esposa, Neithhotep, também foi enterrada numa grande tumba que o monarca havia mandado construir em Abidos. Aparentemente todos os monarcas da Primeira Dinastia foram enterrados no mesmo lugar, mas seus túmulos foram saqueados e nada de significativo foi encontrado por lá.

Djoser

Este faraó, cujo nome é grafado de várias maneiras diferentes (incluindo Geser, Djeser e Zhoser), foi o primeiro da Terceira Dinastia e é impossível dissociar o nome dele da imagem que se tem hoje das pirâmides. Em inscrições mais novas ele é chamado Netjerikhet, que significa "corpo dos deuses".

Sua estátua de calcário, exposta no Museu do Cairo, é a mais velha encontrada em solo egípcio entre 1924 e 1925 nas ruínas de seu complexo funerário em Saqqara, localizada a trinta quilômetros ao sul da moderna cidade do Cairo.

Quando Mênfis desenvolveu-se de uma fortaleza construída por Menés para uma cidade, durante um período de quatro séculos, logo assumiu importância no governo do país. Djoser passou os primeiros anos de seu reinado em Tinis, até oficializar a transferência da capital para Mênfis, e deu seqüência à exploração de minérios do Sinai, que havia sido iniciada por seus antecessores. Também expandiu as fronteiras do Egito para o sul, pouco depois da primeira catarata do Nilo.

Seu reino durou algo entre 19 e 29 anos. É justamente por causa de suas obras em Saqqara que os especialistas arriscam dizer que o período de reinado durou algumas décadas, quase três delas. Seja qual for a duração, foi o suficiente para deixar ao mundo sua maior contribuição artística e cultural, que foi a construção de sua famosa Pirâmide de Degraus. Foi o primeiro faraó a ordenar a construção de uma pirâmide para que fossem sepultados tanto o seu corpo quanto o de sua família. O responsável pelo projeto foi outra figura lendária, um arquiteto, vizir, conselheiro, sacerdote de Rá e príncipe chamado Inhotep (o mesmo nome do famoso personagem do filme *A Múmia,* com Brendan Fraser). Essa lendária figura gerou alguns depoimentos que davam conta de sua grande sabedoria em várias áreas, inclusive astronomia e medicina. Tanto que, depois que morreu, foi venerado como uma entidade e, mais tarde, fundido com o semideus greco-romano da medicina, Asclépio ou Esculápio.

A Pirâmide de Degraus, com cerca de 60 metros de altura, impulsionou a construção de dezenas de pirâmides pelo país (hoje já foram mapeadas pelo menos 80 delas). A idéia era colocar várias mastabas uma em cima da outra, que formavam uma espécie de escada para que o espírito do faraó ascendesse aos céus. A imponência do monumento não espantou os ladrões de túmulos, que só deixaram o pé de sua múmia como prova de existência.

Quéops

O faraó que criou a Grande Pirâmide de Gizé é um mistério completo. Quase nada se sabe sobre sua vida, nem mesmo se tem certeza de que sua múmia um dia esteve na pirâmide. O sarcófago que há em seu interior está quebrado numa das pontas e não há um único indício de que já foi usado. Especialistas especulam que ou o esquife estava aberto à espera de um corpo que nunca veio ou os saqueadores de túmulos levaram a múmia juntamente com seus fabulosos tesouros e o tampo do sarcófago.

Quéops tornou-se faraó com apenas 20 anos e reinou por cerca de 23, período atribuído por uma lista de reis conhecida como Lista de Reis de Turim, um papiro escrito em herático, parte do acervo do Museu Egípcio de Turim, na Itália. Maneton, um sacerdote da era ptolomaica, afirma que Quéops reinou por 54 anos e o historiador grego Heródoto já diz que o faraó dominou por 50 anos.

Ninguém sabe dizer com certeza o motivo que levou Quéops (Khufu no original egípcio) a construir sua própria pirâmide, mas especula-se que tenha sido apenas uma tentativa de perpetuar uma tradição, já que o pai de Quéops, Snefru, que fundou a Quarta Dinastia, havia construído três complexos funerários anteriormente, dois em Dashur (necrópole que fica próximo a Mênfis) e um em Meidum (outra necrópole a 80 quilômetros de Mênfis). Também pode ter sido uma maneira encontrada pelo faraó de provar seu poder absoluto.

Fora o fato de que era filho de Snefru e que foi lembrado como um faraó cruel e sem piedade, pouco mais se conhece sobre ele. Teve diversos filhos, um dos quais Djedefré foi seu sucessor imediato, e também teve uma filha, a rainha Hetepheres II.

Mesmo entre os artefatos arqueológicos, há apenas uma pequena estátua de marfim com 12 centímetros de altura, o único retrato daquele que ordenou a maior obra da Antigüidade.

Quéfren

Outro faraó que deixou pouco sobre sua vida. Estima-se que seu reinado tenha ocorrido entre 2558 e 2532 a.C. Seu nome no original grafa-se Khaf-Rá e significa “da coroa de Rá” para alguns tradutores e “suba Rá!” para outros. É mais provável que o significado real seja o primeiro, pois os hieróglifos que representam seu nome possuem de fato tal coroa.

Entre Quéfren e Quéops reinou o faraó Djedefré, que teria sido irmão de Quéops, cuja pirâmide inacabada encontra-se em Abu Roash, necrópole localizada a oito quilômetros do Planalto de Gizé. Para alguns egiptólogos, Djedefré teria sido um governante corrupto e por isso Quéfren teria mandado destruir suas estátuas e monumentos, amaldiçoando assim sua memória.

Há quem diga que Quéfren era irmão ou filho de Quéops, mas nada foi provado. Sua pirâmide, por ficar num lugar um pouco mais alto que a de Quéops, passa a falsa impressão de que é a maior. É também a única que possui um pouco do revestimento de calcário ainda no topo, já que muitas dessas pedras foram arrancadas dos monumentos pelos habitantes do Cairo com o correr dos anos para serem usadas como material de construção. Dentro dela também há um sarcófago, mas a múmia jamais foi encontrada. Próximo da edificação há ainda a Esfinge, cujo rosto é, para os estudiosos o de Quéfren, o templo mortuário do faraó. Há muita especulação sobre a construção da Esfinge e se o rosto lá retratado é mesmo o de Quéfren. Para alguns, o faraó já encontrou a enorme estátua pronta, enterrada pelas areias do deserto como aconteceu várias outras vezes no decorrer dos anos. Ao desenterrá-la, o soberano teria apenas acrescentado seu nome ao monumento. Já o templo mortuário quase foi destruído quando Saladino[1], o líder islâmico, demoliu grande parte das edificações antigas para arrumar material para erguer muros de proteção ao redor do Cairo em pleno século XII. Lá foram encontradas sete estátuas do faraó no século XIX, que mostram o retrato deste rei.

Miquerinos

Menkauré (ou Menkaura) é o autor da terceira e última das pirâmides de Gizé. Menkauré significa "estáveis são os kau de Ré", com a palavra "kau" como plural de ka, a alma egípcia.

Era filho de Quéfren e da rainha Khamerernebti I. Foi casado com sua irmã, Khamerernebti II e teve outras duas esposas. Teve pelo menos dois filhos do sexo masculino, dos quais um, chamado Chepseskaf, foi seu sucessor.

Maneton afirma que ele reinou por 63 anos, enquanto a Lista de Turim o coloca como tendo reinado por 18 ou 28. O egiptólogo alemão Jürgen von Beckerath situa o seu reinado entre 2514 e 2486 a.C., enquanto outro, Jaromir Malek, entre 2488 e 2460 a.C.

Da mesma maneira que seus antecessores, não se sabe muito sobre seu reinado. O historiador Heródoto diz que ele era "um rei pio e justo", que reabriu todos os santuários, mas como se sabe hoje, os relatos dele eram baseados em ditos populares de credibilidade duvidosa.

Sua pirâmide é menor que as vizinhas e foi revestida até um terço da sua altura com um material mais nobre, o granito de Assuã. No seu interior foi encontrado já na época moderna um sarcófago que foi enviado a Londres, mas o barco que o transportava naufragou quando circundava a costa de Portugal.

Hatshepsut

A rainha que se fez passar por faraó teve sua múmia recentemente descoberta por causa de um dente cujo DNA a identificou. Foi uma figura notável, grande esposa real, regente e monarca do Egito. Pertence à Décima Oitava Dinastia e viveu durante o Império Novo. Seu reinado durou cerca de 22 anos e correspondeu a uma era de prosperidade econômica e paz.

Ela nasceu em Tebas e seu nome significa "A Primeira entre as Nobres". Era a filha mais velha do faraó Tutmés I e da rainha Ahmose. Já durante o reinado de seu pai ela governava o Egito de forma não oficial já que o soberano tinha graves problemas de saúde.

Quando o rei morreu houve um impasse. O herdeiro, Tutmés III, tinha apenas cinco anos e não podia assumir o trono. A outra candidata ao cargo era Neferu-Rá, que também não podia assumir o trono, já que era uma mulher e, isso era vedado para mulheres. Foi então que Hatshepsut tomou o cargo para si por meio do golpe que a trasformou em faraó.

Essa tomada de poder é debatida até hoje pelos egiptólogos. Para uns, ela conseguiu seu intento com a ajuda de aristocratas enquanto os sacerdotes de Amon coroavam o menino de cinco anos. Outros crêem que ela governou como co-regente de Tutmés III.

Seja como for, a nova regente declarou-se "Hórus Feminina". Suas representações não possuem muitos traços femininos e há uma crença geral de que foi ela mesma quem ordenou esse detalhe. Em algumas estátuas é possível notar o uso de uma falsa barba cerimonial, que denunciaria o fato de se tratar de uma mulher.

Como naquela época os anos eram contados a partir da ascensão de um novo soberano ao poder, a confusão era evidente pelo fato de os primeiros atos dela terem se passado nos anos de Tutmés III. Sabe-se que, no sétimo ano, ela deixou de ser rainha e assumiu os cinco nomes reservados aos faraós. Para legitimar a sua posição, ela usou a influência dos sacerdotes de Amon para divulgar um relato que a tornava filha do deus Amon-Rá, que depois se tornou a decoração de seu templo funerário em Deir El-Bahari.

Os sacerdotes não concordaram com a história, mas foram obrigados a legitimá-la para não perderem seus cargos e mordomias. Seu governo trouxe paz ao Egito, um fato até então quase inédito.

Ela logo tratou de terminar as obras inacabadas e para isso contou com a ajuda de Senmut, um arquiteto que também foi seu amante. Enviou expedições ao Sinai para reativar a atividade com as minas daquela região e ordenou uma viagem a Somália, registrada em baixo-relevo em Deir El-Bahari.

Mesmo depois que Tutmés III se tornou adulto ela continuou a reinar. Não há registros, entretanto, sobre como ela foi afastada do governo, se morreu de forma natural ou foi assassinada pelo faraó usurpado. Seu sarcófago foi posto no Vale dos Reis, como o de um legítimo governante homem, ao lado do túmulo de seu pai, Tutmés I. Teria morrido com 37 anos.

Ramsés II

O terceiro faraó da Décima Nona Dinastia reinou entre 1279 e 1213 a.C. O seu reinado é considerado como o mais prestigioso da história egípcia pelos aspectos econômico, administrativo, cultural e militar.

Era filho do faraó Seti I e da rainha Touya. Sua família não era de origem nobre, pois seu avô havia sido um general de Horemheb, o último rei da Décima Oitava Dinastia, já citado no capítulo anterior que assumiu o trono egípcio após a morte do faraó Ay.

Quando tinha apenas dez anos, Ramsés recebeu o título de "filho primogênito do rei", o que equivalia a ser declarado herdeiro do trono. Seu pai introduziu-o no mundo das campanhas militares quando aquele era ainda um adolescente. O futuro faraó acompanhou-o em campanhas contra os líbios e na Palestina.

Acredita-se que pelo menos dez anos antes da morte de Seti I, Ramsés já era casado com pelo menos duas esposas, Nefertari (sua predileta) e Isitnefert. De fato, Nefertari foi a mais importante de várias esposas e foi a grande esposa real até sua morte, no 24º ano de seu reinado. Nefertari possui o túmulo mais famoso do Vale das Rainhas e deu à luz o primeiro filho de Ramsés, Amenhotep, além de outros três filhos e duas filhas.

O faraó também foi casado com sua irmã mais nova, Henutmiré, cuja identidade é um tanto confusa (para alguns ela era, na verdade, uma de suas filhas). De sua união com várias mulheres, teriam sido gerados no total mais de 150 filhos, que foram sepultados num túmulo coletivo do Vale dos Reis, hoje identificado como KV5.

Seu reinado foi mesmo longo, durando mais ou menos 60 anos. Morreu com 82. Ficou marcado por grandes guerras, em especial a que lutou contra os hititas na famosa Batalha de Kadesh, e construiu alguns dos monumentos mais belos de todo o Egito, entre eles o templo de Abu Simbel, que foi desmontado do seu lugar original e transportado para um lugar mais alto para fugir das águas da represa de Assuã.

---

1 O leitor poderá conhecer mais deste grande líder no livro *As Maiores Personalidades da História*, da Coleção História Extraordinária do Mundo, também publicado pela Universo dos Livros.

Capítulo 3
Pirâmides



É impossível desvincular a imagem que as pessoas têm do Egito, hoje em dia, das imagens de múmias e demais monumentos fúnebres. Quem não está acostumado com os avanços da arqueologia pode pensar que se trata de uma profissão no mínimo mórbida, já que lida o tempo todo com restos materiais e humanos. Porém é importante lembrar que nos referimos a uma civilização que prosperou muito antes da invenção do papel ou de outro recurso usado para deixar seus registros. Assim é natural que se procure pistas sobre o que aconteceu naquela época remota não só nos monumentos normais como também nos túmulos.

Quem tem oportunidade de visitar os museus europeus fica extasiado quando se conhece as coleções de objetos egípcios descobertas em escavações nesses mesmos túmulos. Como foi comentado no Capítulo 1, Tutancâmon tornou-se um dos faraós mais famosos de todos os tempos não porque realizou feitos memoráveis, mas sim pelo fato de seu túmulo estar relativamente intocado. A fantástica coleção de artefatos que foram retirados de lá permitiu que se descobrisse muito sobre como era a vida no tumultuado período armaniano e nos anos que se seguiram após a morte de Akhenaton, o faraó herege.

Porém o que mais cativa a atenção dos turistas modernos continua sendo a magnífica visão das famosas pirâmides. A Grande Pirâmide, do faraó Khufu, é a única das Sete Maravilhas do Mundo Antigo ainda em pé e que resiste majestosa ao passar do tempo. Tanto que ela e suas vizinhas geraram um antigo provérbio egípcio que diz que "Todos temem o tempo, mas o tempo teme as pirâmides." Incríveis pessoalmente, com parte de sua majestosidade transmitida por fotos de profissionais e turistas em livros e na Internet, essas incríveis estruturas lembram-nos de nossa mortalidade e mostram a grandeza dos soberanos que as mandaram erguer. Até a de Menkauré, a menor de todas, impressiona como uma espécie de fac-símile da Grande Pirâmide, que por sua vez, encantou os governantes islâmicos a ponto de eles se lançarem numa caça ao suposto tesouro que nela estaria enterrado.

O que poucos sabem é que, apesar de os acadêmicos afirmarem com todas as letras que as pirâmides eram túmulos, ninguém pôde confirmar esse fato, já que em nenhuma delas havia um único sinal da presença de uma múmia ou dos tesouros que lá deveriam estar. Nesse ponto, sem dúvida, Tutancâmon levou vantagem, pois se livrou de uma maneira ou de outra dos famosos ladrões de túmulos.

A falta das múmias levou a corrente esotérica a usar e abusar de teorias – as mais malucas – para explicar seu real significado. Por exemplo, a Ordem Rosacruz Amorc afirma que a

Grande Pirâmide era usada como câmara de iniciação de uma determinada corrente de sacerdotes que ficava num canto da Câmara do Rei emitindo sons que se assemelham ao famoso mantra OM. Não falam sobre a função do sarcófago de granito vazio que lá está, embora deixem uma sugestão de que tal artefato serviria também para as iniciações, quando o candidato a sacerdote, bem ao estilo gótico, supostamente se deitava lá e emitia os mantras designados pelos seus mestres a fim de "abrir a mente".

Teorias excêntricas não faltam. Ao longo dos anos, muito já foi dito sobre a função e a construção das pirâmides. Hoje em dia são cerca de oitenta pirâmides sobreviventes, espalhadas ao longo das terras desérticas que se aproximam das cultivadas e geraram necrópoles famosas como Saqqara (onde está a Pirâmide de Degraus do faraó Djoser, já comentada no capítulo anterior), Dahshur (onde estão as pirâmides inacabadas do faraó Snefru) e Meidum, com outras obras atribuídas aos faraós Huni, da Terceira Dinastia, e ao já citado Snefru. Veremos as principais ainda neste capítulo.

Porém, vamos fazer uma rápida introdução histórica ao assunto para que o leitor entenda bem o porquê de os faraós posteriores como Seti I, Ramsés II e mesmo Tutancâmon escaparam de construir semelhantes tumbas.

O Egito no Período Pré-dinástico

Como vimos nos capítulos anteriores, houve um período em que foi necessário realizar uma unificação do Egito como nação. Os faraós daquele tempo são uma questão de discussão, pois até hoje não se tem muita certeza se existiram ou não. Mesmo o lendário Escorpião Rei (cuja forma correta seria Rei Escorpião e não o contrário), que virou tema de filme de Hollywood, teria sido uma figura real e vivido anteriormente à época de Narmer (ou Nemés), o primeiro unificador do Futuro Império.

Nesse período, as atenções concentraram-se numa cidade chamada Naqada, na margem oeste do Nilo. Também era conhecida no Antigo Egito como Nubt e na antigüidade clássica como Ombos. Seu nome originou-se da palavra egípcia antiga *nub,* que significa "ouro", uma referência à proximidade de minas desse metal precioso no Deserto do Leste. A cidade fica próxima a uma necrópole do Período Pré-dinástico. Foi a grande quantidade de artefatos encontrados por lá que permitiram datar a cultura egípcia.

Sabe-se hoje que, por volta do fim do período conhecido como Naqada II (cerca de 3500 a 3200 a.C.), o longo processo de desenvolvimento que havia começado durante o quarto milênio a.C. culminou na criação de uma monarquia, de um Estado, de arquiteturas e dos primeiros sinais de um sistema de escrita. Nesta época nem falamos sobre dinastias, embora esses governantes lendários sejam considerados como da Dinastia 0.

Com a criação de um rei e de uma monarquia centralizada, o Egito deixou o período pré-histórico e entrou no chamado Período Pré-dinástico, também conhecido como período identificado como Naqada III, que teria durado entre 3200 e 3000 a.C.

A formação crescente dos centros proto-urbanos tornou-se necessária devido a uma dificuldade dos habitantes em encontrar lugares para se estabelecerem. Isso levou ao fortalecimento do poder central e à criação de um líder que se tornou o rei, responsável por organizar, regular e proteger as cidades. Esse poder era expresso por emblemas e legitimizado pela relação que o soberano tinha com uma entidade superior, ou seja, com um deus.

Essas foram as bases da futura civilização faraônica, em que o rei era o líder de um sistema centralizado, da qual a pedra angular era o palácio real, um conceito tão forte que eventualmente o rei e sua habitação tornaram-se um e o mesmo, daí a origem do termo "faraó", significando "casa grande". Também a religião e a arquitetura que se tornariam a religião do estado (ou seja, um grupo de atos de devoção que legitimariam o poder do rei como mediador entre o divino e o humano) que estava assim criado.

Juntamente com o posto de faraó, era criada a classe de oficiais que o ajudariam com a administração do país e de sua economia. Foi o surgimento do chefe desta classe, que no fim da Segunda Dinastia passou a ser conhecido como *tjaty* ou, como chegou até nós, *vizir.*

Vamos nos concentrar no aspecto histórico do período. Sabemos hoje, graças a registros como os do já citado historiador egípcio Maneton, que havia numerosos reinos, que mais tarde, durante o período Naqada I (entre 4400 e 3500 a.C.), dividiram-se e assim surgiram os reinos do Alto e do Baixo Egito.

Ao norte, o papel de rei tomou forma na cidade de Buto, hoje conhecida como Tell al-Fara'um, no delta do Nilo. Enquanto isso, no sul, a monarquia instalava-se em Nekhen (próximo ao local hoje conhecido como Kom El-Ahmar), melhor conhecido dos pesquisadores modernos por seu nome grego: Hieracompolis, na margem esquerda do Nilo.

Os reis de Buto escolheram como símbolo a coroa vermelha, com a deusa-cobra Wadjet, como entidade protetora, enquanto os de Hieracompolis optaram pela coroa branca com o deus-abutre Nekhet como protetor. O primeiro desses reis foi o lendário Escorpião, cujo único registro que comprova sua existência foi a descoberta, em 1898, pelo egiptólogo inglês James Edward Quibell, de duas clavas que estavam no depósito principal do templo de Hieracompolis. Numa, o mítico rei é retratado com a coroa do Alto Egito e com um aluvião na mão num ritual possivelmente de fertilização dos solos após as cheias do Nilo. Na outra, encontrada em pior estado que a anterior, o mesmo Rei Escorpião aparece sentado num trono com a coroa do Baixo Egito, com um falcão em sua frente que ataca um inimigo.

Seja como for, muito pouco se conhece sobre os fatos a respeito desse período. Há ainda o nome de dois outros reis, Rá e Sechen, antes da aparição de Narmer, o unificador e último rei dessa Dinastia 0. Para alguns egiptólogos, que dissociam Narmer de Menés, foi exatamente este último quem fundou a Primeira Dinastia.

Foi durante o reinado de Menés que foi fundada uma segunda capital, Inb-hedj, que depois teria o nome de Mênfis; que permitiu que o território egípcio fosse melhor controlado; e que fosse mantida uma coesão entre o norte e o sul.

Men's foi substituído pelo Rei Serpente, também conhecido como Horus Djet, que iniciou uma série de sucessões que terminaram após o reinado do faraó Qa'a, o último rei da Primeira Dinastia.

Perturbações internas levaram a um período negro, em que menos ainda se sabe, até a aparição de Hotepsekhemwy, o primeiro faraó da Segunda Dinastia. Quando morreu, foi enterrado numa nova necrópole, Saqqara, que ficaria mais conhecida por ser o local da Pirâmide de Degraus de Djoser. Os reis da Segunda Dinastia não conseguiram manter a unidade do reino e logo a divisão estava de volta. Pouco antes de terminar a Segunda Dinastia, seu rei, Khasekhemwy, reunificou o país. É possível que a esposa desse faraó tenha sido a mãe de Djoser, o segundo soberano da Terceira Dinastia. Isso explicaria a transação suave que aconteceu entre o governo dessas duas famílias. Foi com Djoser que o país entraria no Antigo Império e na chamada Era de Ouro das Pirâmides.

A Pirâmide de Degraus de Djoser

Foi sob o controle da Terceira Dinastia que o Egito viveu seu período mais áureo. Foram registrados grandes desenvolvimentos na estrutura social adotada e também nas áreas filosófica e religiosa.

No período anterior, o túmulo real era intimamente ligado à afirmação do poder terreno do faraó, uma expressão material parecida com a observada no caso do Palácio Real. Foi na nova dinastia que o túmulo também se tornou um símbolo da divindade do faraó, de sua sobrevivência após a morte terrena e de seu poder celestial que ia além da morte e que beneficiaria o país inteiro.

É aí que entra a figura lendária de Imhotep, de quem já falamos no capítulo anterior. Alto chanceler e arquiteto de Djoser (que tem um nome anterior registrado, Netcherykhet), ele concebeu a mastaba para seu rei, que depois transformou numa série de mastabas uma em cima da outra, formando a escadaria que elevaria a alma de seu soberano para o céu. Essa imagem seria confirmada por meio dos Textos das Pirâmides, uma coleção de fórmulas e encantamentos gravados nas pirâmides a partir da Quinta Dinastia e que mais tarde evoluiria de forma e se tornaria o Livro dos Mortos.

O autor italiano Alberto Siliotti, jornalista especializado em História Antiga, descreveu um pouco sobre Saqqara em seu livro *Guide to the Pyramids of Egypt* (*Guia para as Pirâmides do Egito,* inédito por aqui). Diz ele que não se sabe ao certo se Djoser foi mesmo o primeiro rei da Terceira Dinastia, mas que ele certamente foi o primeiro a usar a Pirâmide de Degraus (também conhecida como Pirâmide Escalonada) para expressar o novo conceito que o faraó tinha de seu poder. Devido à falta de fontes escritas, não se conhecem os rituais que eram celebrados naquele tempo, mas aparentemente tanto a pirâmide quanto seus anexos "estavam em harmonia com os ritos que haviam começado recentemente, incluindo uma cerimônia de celebração conhecida como *Heb-sed* (Festival de Sed) cujas cerimônias regeneravam as forças do rei, garantindo que seu poder e a unidade do país fossem mantidos".[2]

Duas inovações introduzidas nesse período foram a construção do templo funerário, em que o culto do divino faraó era praticado, e o *z*ram detectar que houve algumas alterações em seu planejamento durante sua construção. O núcleo é "uma estrutura de pedra em forma de caixa quadrada, com 63 metros de lado e oito de altura". Depois essa base foi ampliada com mais quatro metros de cada lado. Numa terceira fase foram acrescidos 8,53 metros apenas na face leste da base. Por fim, os construtores ampliaram cada um dos lados em mais três metros e transformaram a base no primeiro estágio de uma pirâmide de quatro degraus. Foi nessa etapa que a pirâmide atingiu 43 metros. Na derradeira fase os construtores ampliaram o monumento nas direções norte e oeste e a altura cresceu em dois degraus, atingindo os finais 60 metros.

Abaixo da Pirâmide está uma câmara mortuária, um conjunto de passagens e pequenas câmaras usadas para armazenar o equipamento funerário e para o sepultamento dos membros da família real. Dessas galerias saíram vários objetos como pratos, travessas, vasos de alabastro e xisto, cristal de quartzo e diversas outras pedras. Curiosamente não havia qualquer traço de comida ou outra substância nos frascos, pois bastava apenas a presença do vasilhame e a recitação de uma fórmula mágica para assegurar um suprimento constante do que deveria conter cada recipiente.

A câmara mortuária está no fundo de um poço de sete metros de lado com 28 metros de

profundidade. É composta por um compartimento de 2,97 metros por 1,67 metro, construída com o granito rosa de Assuã. A câmara mede 1,67 metro e em seu teto há uma abertura por onde o corpo do faraó foi descido durante o funeral. Depois que a múmia estava no lugar, a abertura foi tampada com um bloco de granito de quase dois metros de comprimento e cerca de três toneladas. Todo o resto do poço foi preenchido com pedras. No interior da câmara foi encontrado uma múmia, mas não se sabe se era a de Djoser.

No lado leste do monumento há 11 poços cavados no solo com 32 metros de profundidade. Do fundo de cada um sai um corredor que passa por baixo da estrutura da pirâmide. No fim de um desses corredores foram encontrados dois ataúdes de alabastro, dos quais um continha a múmia de um menino. Em alguns dos outros corredores foram achados pedestais de pedra calcária que eram destinados a sarcófagos parecidos com o do menino. Os arqueólogos acham que os corredores eram túmulos destinados a membros da família real.

No lado sul do monumento há uma grande mastaba sob a qual há uma réplica dos mesmos corredores descritos anteriormente. Alguns dos aposentos sob a mastaba estão decorados com baixos-relevos que mostram Djoser em várias cerimônias religiosas.

As Duas Pirâmides de Snefru

Pelo menos quatro sucessores de Djoser (Snefru – também grafado como Sneferu –, Khufu, Kafré e Menkauré) dedicaram-se ao conceito de usar o túmulo real como mostra de seu imenso poder. Foram identificadas pelo menos outras sete pirâmides menores depois das grandes construídas em Dahshur e em Gizé. Localizadas entre as regiões do Alto e do Médio Egito, próximas a locais ligados às famílias do período Pré-dinástico, seu verdadeiro propósito ainda é desconhecido, mas arrisca-se o palpite de que simbolizavam o poder faraônico naquelas províncias.

Sobre o reinado de Snefru, o primeiro faraó da Quarta Dinastia (que durou entre 2630 e 2609 ou 2613 e 2589 a.C., dependendo da cronologia adotada para estudo), as pirâmides assumiram sua forma final como expressão de uma importância crescente dada ao culto solar associado com o culto ao faraó, um conceito que continuará a se desenvolver e dará, por fim, origem à construção dos templos da mesma divindade durante a Quinta Dinastia. Com a evolução do conceito religioso, o conceito de Imhotep de uma escada celestial não era mais necessário, sendo que, em seu lugar, surge a face lisa da pirâmide como um reflexo dos raios solares na pedra, uma maneira diferente de representar a ascensão celeste do faraó.

Snefru modificou a Pirâmide de Degraus que Huni, ó último faraó da Terceira Dinastia, havia construído em Meidum, a cerca de 60 quilômetros do Cairo, e a converteu num novo visual. Após Djoser, os egípcios tentaram ainda construir uma nova Pirâmide de Degraus (desta vez com sete degraus), que terminou ruindo e foi abandonada.

A Pirâmide de Meidum possuía uma altura original de 93,5 metros e 147 metros de largura nos lados. O nome de Huni nunca apareceu no monumento, mas grafites encontrados lá, pertencentes ao Novo Império, referiam-se a Snefru, o proprietário das duas pirâmides de Meidum. Isso pode indicar que Huni teria começado essa pirâmide e depois o filho, Senfru, a completou.

Aparentemente Snefru preencheu os espaços dos degraus e mudou a aparência externa do monumento. As técnicas usadas na construção dessa pirâmide e nas operações que preencheram os degraus parecem indicar que havia uma distância entre os faraós que as construíram.

A Pirâmide de Meidum é um estágio intermediário entre a forma de degraus e as pirâmides de Gizé. Além dos andares originais, acrescentou-se nas paredes exteriores um revestimento de calcário, o que deu uma certa forma perfeita. Mas foi esse mesmo revestimento que terminou por ruir, o que deu à pirâmide seu atual aspecto de torre quadrangular. Não se sabe ao certo quando a construção ruiu.

Sua entrada está localizada no lado norte, a 18,5 metros de altura. Há em seu interior um corredor inclinado que conduz à câmara funerária, onde não foi encontrado nenhum sarcófago, razão pela qual se acredita que a pirâmide não foi utilizada como túmulo por um rei.

Havia também no local uma espécie de pirâmide satélite, ou seja, de dimensões pequenas, cujos vestígios foram encontrados na parte sul. Na leste, havia uma capela funerária e uma calçada ligava a pirâmide ao templo do vale, situado junto ao rio Nilo, onde se preparava o corpo do rei para o funeral.

Aparentemente os engenheiros abandonaram o projeto da Pirâmide de Meidum e se lançaram na construção de uma nova, desta vez em Dashur. Foi chamada de Pirâmide

Vermelha por causa da cor rubro-clara de sua superfície de granito. É considerada a maior das três principais pirâmides do local e a terceira maior pirâmide egípcia, após as de Khufu e Khafré em Gizé. Estima-se que tenha sido a maior estrutura criada pelo ser humano quando terminou de ser construída. É também considerada a primeira com lados lisos do mundo. Era coberta originalmente com blocos de pedra calcária polida, conforme pode atestar uns poucos blocos localizados na sua base. A Pirâmide Vermelha foi construída durante o reinado de Snefru e, de acordo com alguns egiptólogos, teria sido seu local de descanso final.

A terceira pirâmide atribuída ao faraó é a chamada Pirâmide Curvada, que dista cerca de um quilômetro da sua irmã vermelha. Ela é mais velha que a versão vermelha e foi projetada para ser uma pirâmide lisa. Para muitos, foi nesta que Snefru finalmente foi sepultado.

O projeto para construir esta pirâmide parecia ir bem no começo, mas durante a construção os engenheiros mudaram o ângulo de inclinação abruptamente quando estava com cerca de dois terços de sua altura planejada. É a quarta pirâmide do Egito em altura.

O egiptólogo alemão Ludwig Borchardt, o mesmo que descobriu o famoso busto de Nefertiti exposto no Museu de Berlim, teorizou que a inclinação foi causada pela necessidade de terminar a pirâmide mais rapidamente, talvez devido à súbita morte do rei. Seja como for, o mistério das circunstâncias que circundam a construção das três pirâmides atribuídas a Snefru deverá continuar por algum tempo.

As Pirâmides de Gizé

Muito já foi falado sobre as três pirâmides de Gizé. A maior parte do material apresentado não possui uma conclusão interessante nem mostra algum detalhe que esclareça quem foram os faraós que as construíram. Para piorar a situação, os esotéricos continuam incansáveis em sua busca por "provas", que estariam escondidas em algum lugar desses monumentos, que mostrariam que os egípcios seriam descendentes dos atlantes que fugiram da catástrofe da submersão da ilha.

Vamos falar de maneira sucinta um pouco sobre cada uma das principais pirâmides egípcias. Comecemos com a de Khufu. A Grande Pirâmide, segundo que se conhece hoje sobre as circunstâncias de sua construção graças às pesquisas encabeçadas pelo Dr. Zahi Hawass, diretor do Supremo Conselho de Antigüidades do Egito, é que foi necessária uma força de trabalho de cerca de 100 mil pessoas durante 20 anos para construí-la. E, ao contrário do que se acreditava, eram homens livres que trabalhavam voluntariamente e não em regime escravo. Sua altura original era de 146,6 metros, mas hoje mede 137,16 metros, uma vez que falta parte do seu topo e seu revestimento.

A Grande Pirâmide tem sua posição orientada pelos quatro pontos cardeais, limitando o delta geometricamente com o prolongamento das duas diagonais e dividindo-o em duas partes iguais seguindo o eixo da pirâmide. Pela medida utilizada (uma vara egípcia corresponde a 0,525 metro), o lado da base da Grande Pirâmide mede 440 varas e sua altura, 280 varas. Ela está numa posição que permite que os raios da estrela Sírius, quando passam pelo meridiano, entrem na câmara do núcleo da pirâmide por meio de um conduto de ventilação quando se anunciava o começo do ano egípcio e das inundações. O mesmo ocorria com a luz da estrela Polar no conduto norte.

Há uma hipótese vigente para a origem dos 2.600.000 blocos que formam o corpo da pirâmide: eles teriam sido recortados das pedreiras, lapidados e transportados em barcos pelo rio Nilo, além de colocados com precisão milimétrica com o uso de uma tecnologia hoje perdida. O que mais levanta suspeitas sobre sua construção é o fato de seu interior não possuir nenhuma inscrição, em contraste com outras edificações egípcias, ricas em escritos.

Nela há alguns corredores e uma grande galeria, que leva para a câmara funerária, a mesma que seria a sala de iniciação segundo os Rosacruzes da Amorc. Há ainda duas outras câmaras, uma chamada de Câmara da Rainha (embora não tenha vestígio de nenhuma mulher lá enterrada) e a Câmara Inacabada, que entrava no solo. Não se sabe se estes aposentos eram para despistar os ladrões ou se faziam parte do plano de construção original e foram por algum motivo abandonados no meio do trabalho.

Passemos agora para a de Khafré. Seus atuais 143 metros de altura possuem paredes menos íngremes que as da pirâmide de Khufu, além de ter restos do revestimento de pedra calcária e granito vermelho, que a faziam brilhar com o sol. Já foi conhecida como a Grande Quéfren. Perto dela há a Esfinge, cujo rosto pensa-se ser uma reprodução de Khafré.

Possui duas entradas, ambas a 12 metros a leste do ponto central de sua face norte. A primeira está a mais ou menos 15 metros de altura em relação ao solo, enquanto a outra foi escavada diretamente no chão e abaixo da entrada original. Da entrada superior é possível ver um corredor inclinado, baixo e estreito, que desce pela estrutura da pirâmide até entrar na rocha, quando muda para uma posição horizontal e segue até o centro, onde se encontra a

câmara funerária.

Há granito vermelho no teto, piso nas paredes de toda a seção inclinada e numa pequena parte da seção horizontal. Bem próximo do fim do granito há canaletas verticais talhadas nas paredes que serviam para receber uma porta levadiça, cujos restos ainda estão no local.

A câmara mortuária foi esculpida nas rochas. O teto é formado por lajes de pedra calcária assentadas no mesmo ângulo das faces do monumento. A câmara mede 14,17 metros no sentido leste/oeste, 5 metros de largura e 6,85 metros de altura.

Em seu interior há um sarcófago com 2,43 metros de comprimento por 1,68 de profundidade. Como na Grande Pirâmide, não há nenhum sinal de múmia.

Na entrada inferior há um corredor cavado na rocha que segue um trajeto igual ao corredor superior, num caminho bem curto que sobe abruptamente e surge no chão da seção horizontal do corredor superior. No corredor inferior não há granito nas paredes, apenas numa porta levadiça. Na parede leste, numa seção plana, há uma passagem em declive que dá numa câmara que mede 10,43 metros de comprimento por 3 de largura e 2,56 de altura.

Passemos por fim para a Pirâmide de Menkauré, a menor de todas. Como foi dito no capítulo anterior, suspeita-se que a pirâmide deste soberano tenha sido bem menor que as demais porque ele morreu de repente. O fato é que o trabalho deste monumento foi terminado às pressas e usou-se material de qualidade inferior às demais pirâmides. Até mesmo algumas partes foram deixadas inacabadas.

Cada lado da base mede 108,66 metros, que perfazem uma área ocupada de 11,807 m^2. Sua altura original era de 66,44 metros, hoje reduzida a 62,18 metros. Cerca de 16 carreiras inferiores são revestidas de granito vermelho, em algumas delas do tipo polido e em estado bruto em outras.

Os subterrâneos da construção mostram que houve uma mudança em sua construção. Inicialmente cavou-se um corredor descendente que atravessava a rocha e que levava a uma câmara mortuária retangular. Depois, o piso dessa câmara foi aprofundado e um segundo corredor foi aberto por baixo do primeiro. Especula-se que essa mudança foi pelo fato de ter-se decidido pelo aumento do tamanho do monumento, o que fazia com que fosse necessário construir o corredor numa posição mais baixa para preservar a entrada na face norte da pirâmide numa mesma altura com relação ao solo. O segundo corredor, por sua vez, é revestido de granito até quando entra na rocha. Naquele ponto começa uma seção horizontal e o corredor é ampliado, formando uma antecâmara que apresenta as paredes de pedra decoradas com painéis esculpidos em relevo.

Na passagem para a câmara mortuária há três portas levadiças de granito, que se encaixam em canaletas verticais talhadas nas paredes. Especula-se que tais portas eram baixadas por meio de cordas que corriam sobre cilindros de madeira fixados no topo de cada canaleta.

Sob esse conjunto há ainda duas outras câmaras e uma rampa de acesso que parte declive do centro do piso da câmara mortuária original e termina numa curta passagem horizontal. A primeira câmara fica à direita da passagem e é um recinto retangular com quatro cubículos fundos em sua parede leste e dois na parede norte, todo escavado na rocha. Os arqueólogos afirmam que os primeiros quatro recintos destinavam-se a receber as quatro vísceras do faraó, em seus respectivos vasos canopos, enquanto os demais se destinavam a receber as coroas reais.

A segunda câmara está no outro extremo da passagem e visava substituir a câmara mortuária

original. Seu piso, paredes e teto são totalmente de granito. Nela foi encontrado um sarcófago vazio, que se perdeu quando o navio que o transportava para a Inglaterra naufragou na costa espanhola. Era retangular, feito de basalto e suas faces externas estavam esculpidas com painéis decorativos.

Há ainda outros detalhes sobre as três pirâmides que, juntos, encheriam um único livro. Porém para não sobrecarregar o leitor com dados e informações, apresentamos somente as mais interessantes. Se são o suficiente para desvendar o mistério sobre o que aconteceu naqueles três lugares só o tempo e as novas pesquisas arqueológicas dirão.

Mas o fato é que o verdadeiro propósito das pirâmides está um tanto longe do que as correntes esotéricas querem afirmar. Não há muitos segredos a serem revelados por lá, a não ser aqueles que sejam de real valor histórico.

---

2 Citação da *Enciclopédia Britânica On-line*.

Capítulo 4
Os Hieróglifos



Bonita, cheia de estilo e ao mesmo tempo enigmática, essas são as palavras mais comuns que nos vêm à mente quando olhamos para a fascinante escrita dos antigos egípcios. A impressão que causa para a maioria das pessoas é que se trata de um mistério insondável e que, seja lá o que estiver contido naquelas figuras, ficará para sempre.

Porém o processo para a decifração daquela escrita foi uma tarefa árdua que contou com várias pessoas envolvidas até o seu ápice, obtido em 1822 pelo lingüista e egiptólogo francês Jean-François de Champollion. Graças a um artefato arqueológico descoberto pela expedição de Napoleão Bonaparte ao Egito em 1799, a famosa Pedra de Rosetta, a língua dos antigos faraós foi redescoberta e divulgada para todo o mundo.

Falaremos mais sobre o processo de decifração um pouco adiante. Por hora, vamos ver o que conhecemos hoje sobre a escrita egípcia. Segundo os pesquisadores, ela surgiu cerca de três mil anos antes de nossa era com o surgimento do Estado unificado. Diz o livro *Egito – Pessoas, Deuses, Faraós*, dos pesquisadores de história da arte Rose-Marie e Rainer Hagen:

"Durante muito tempo (a escrita) foi construída por mil hieróglifos, representando pessoas, animais, plantas, objetos estilizados, etc. Seu número só atingiu milhares na época da decadência."

O termo é uma junção de duas palavras gregas, *hieros* (sagrado) e *glyphein* (gravar). Os próprios egípcios davam aos hieróglifos o nome de "palavras de deus" e atribuíam sua invenção a Toth, o deus da sabedoria e, claro, da escrita. Havia uma outra entidade que era a deusa da escrita, a deusa Sechat, que também era ligada à astronomia, à matemática e à arquitetura.

A função principal dessa escrita era mesmo gravar nos monumentos textos que ficariam para sempre. Mas era também utilizada em papiros e outros materiais, inclusive nos sarcófagos e nas paredes dos túmulos. Era usada apenas por sacerdotes, membros da realeza, funcionários que ocupavam altos cargos e, claro, os escribas, que deveriam saber a utilização daqueles sinais como parte de sua profissão.

Havia pelo menos outras duas formas de escrita, além dos hieróglifos. A primeira era uma forma mais simples, que se utilizava de versões mais abreviadas dos mesmo sinais, que foi

chamada de escrita hierática, que era mais usada pelos sacerdotes no registro dos textos sagrados. Era geralmente gravada em papiros, madeira ou couro. O nome quer dizer sacerdotal e apareceu pela primeira vez em uso na época da Primeira Dinastia, sendo usada até por volta do ano 300 d.C. No começo era muito semelhante ao hieróglifo, mas com o tempo sofreu alterações e se tornou uma forma quase exclusivamente de uso religioso.

A segunda forma era composta por sinais ainda mais simplificados e era usada em cartas, registros e documentos em papiros, ou seja, tudo que envolvia uma comunicação do dia-a-dia. Era a chamada escrita demótica, que ganhou esse nome graças aos escritos de Heródoto. Etimologicamente seu nome significa “popular”. Essa modalidade apareceu no país tardiamente, durante o século VII a.C.

Pesquisadores acreditam que foi na época de Dario, o Grande, durante o domínio persa, que surgiram as primeiras escolas. Com esse acréscimo em sua sociedade, esse sistema de escrita permitiu uma maior divulgação entre as camadas populares, numa escala um pouco menor comparado com o mesmo assunto nos dias modernos, mas ainda assim fator importante para a conservação da cultura egípcia.

Diferente das demais, o demótico é considerado como uma forma degenerada do hierático e de difícil interpretação graças ao modo como as várias letras se aglomeram num único traço. O último documento demótico data de 476 d.C., o que demonstrou uma sobrevivência de mais de mil anos desde seu surgimento.

O Alfabeto

No início, os egípcios usavam pictogravuras, ou seja, retratavam o que viam por meio de objetos. O livro de Rose-Marie e Rainer Hagen define assim o alfabeto pictográfico:

"Seguram-se os sinais-palavras ou ideogramas que simbolizam o objetivo das formas. O desenho que representa três potes de azeite significa o pagamento de três potes de azeite para o faraó. Dez potes de azeite podem ser definidos por dez traços ao lado de um pote. Evidente que representar mil potes de azeite beirava o irracional por ser impossível exprimi-los graficamente. Mas uma invenção genial permitiu exceder esses limites: as abstrações, que eram tão difíceis de representar, foram indicadas desenhando os objetos cujo nome, na língua falada, se assemelhasse às palavras que servissem para exprimir essas idéias (é o princípio do enigma gráfico). Em português, por exemplo, a palavra 'palafita' seria representada pela palavra 'fita'."

Assim temos algumas variações entre os pictogramas. O número mil e a planta lótus eram "kha" em egípcio. Assim, desenhavam um lótus em vez do número mil. E dois mil potes de azeite eram representados por um pote acompanhado de duas hastes de lótus.

Os nomes dos reis também tinham sua representação própria. Por exemplo, o nome do mítico rei Narmer (ou Menés) é representado por um peixe (em egípcio antigo, "nar") e por um buril ("mar"), uma espécie de cinzel usado em trabalhos finos em metal. Outro exemplo é falado nos livros que explicam um pouco sobre os hieróglifos. Na língua oral, boca é "ra". Assim o som era representado por uma boca.

Era possível compor um alfabeto egípcio com 24 caracteres com a ajuda desses sinais fonéticos, o que permitia a composição de qualquer palavra egípcia. Mas os escribas aparentemente não se contentaram em usar apenas 24 fonogramas e davam mais importância às modulações da linguagem e aos seus valores estéticos. Assim inventaram representativos de vários sons que correspondiam à combinação dos fonemas, uma tendência que se registrou por um bom tempo. Por isso, o egípcio escrito, da mesma forma que o árabe ou o hebreu, não registra as vogais, o que pode dar um nó na cabeça de quem se inicia no estudo dessa escrita. Se pegarmos como exemplo o vocábulo da boca já citado, a representação gráfica seria apenas *r,* porém a maneira como pode ser falado varia entre *ra, re, ri, ro, ar, er, ir* ou *or.* Por isso convencionou-se que sempre que falta uma vogal na leitura de uma palavra, completa-se com a letra *e,* o que explica de certa forma a profusão dessa letra nas leituras de termos do egípcio antigo.

Assim decifrar os hieróglifos foi mesmo uma façanha e tanto, principalmente pela escrita não apresentar espaços entre as palavras e frases, haver falta de pontuação e ser lida em linhas da direita para a esquerda ou no sentido inverso, ou mesmo em colunas. A direção da leitura é dada por sinais que representam humanos ou animais. Assim é importante prestar atenção para que lado esses ideogramas estão voltados, pois indicam o sentido da leitura.

O Conhecimento Perdido

A famosa Pedra de Rosetta, hoje parte do acervo do British Museum, mostra claramente que seria difícil decifrar a escrita egípcia sem sua ajuda. Como os hieróglifos eram uma exclusividade das camadas mais altas da sociedade egípcia, havia maneiras mais simplificadas de apresentar a mesma mensagem para o público, muitas vezes inculto. Lembremos que muito depois é que surgiu o demótico.

A pedra em questão trazia a mesma inscrição justamente naquela forma simplificada de egípcio e em grego, numa época em que o país havia caído sob o domínio dos generais gregos de Alexandre, o Grande, a conhecida Dinastia Ptolomaica, a última antes do fim do Egito faraônico sob as mãos do Império Romano.

Os hieróglifos são considerados pela maioria dos historiadores como a mais antiga forma de escrita no mundo. Apesar de ser uma escrita sagrada, o que se pressupunha ser de conhecimento limitado a apenas um punhado de pessoas, foi usado durante 3.500 anos. No total foram identificados cerca de 6.900 sinais e é considerado pelos egiptólogos uma língua difícil de ser lida, o que pode ter contribuído muito para seu posterior desaparecimento.

Mas o que poderia ter contribuído para o desaparecimento dessa língua é um acontecimento que intriga os egiptólogos. Muitos deles atribuem a um grande número de fatores, sendo os mais citados as invasões que o país sofreu de vários povos ao longo de sua história.

Os mais decisivos, entretanto, parecem ter sido mesmo a introdução das línguas grega e romana, mais fáceis de serem apreendidas, que ocorreu justamente na época em que aqueles dois impérios dominaram o Egito. Da mesma maneira como os romanos adotaram muitos dos costumes egípcios, inclusive aspectos de sua religião como prova o culto de Ísis em Roma, os egípcios, por sua vez, adotaram também os costumes romanos, como pode ser observado nas múmias desses períodos, que pouco ou quase nada mantém de semelhante com seus costumes antigos, do modo de preparação das múmias à arte de seus sarcófagos.

Mesmo os cristãos contribuíram para o esquecimento dessa língua, que era considerada por eles como um conhecimento "pagão" e, conseqüentemente, coisa do demônio. Assim, os cristãos daquele tempo fizeram de tudo para que os hieróglifos se perdessem a partir do século V a.C. Para eles, o que se relacionava com aquela escrita era de natureza pagã e, portanto, proibido.

Qualquer pessoa que observe uma parede coberta de hieróglifos fascinar-se-á com o ar de mistério que tais escritos transmitem. Era importante para a humanidade conseguir resgatar o passado daquela que já foi uma incrível civilização, mas que, por razões puramente egoístas e estúpidas, havia caído no esquecimento. Até que o trabalho de Champollion surgisse, aquela escrita era vista como algo estranho e quase impossível de ser levada em consideração. Para muitos daquela época, inclusive, esses símbolos nada mais eram do que uma maneira decorativa dos templos.

O fator responsável que desencadeou a reação que levaria à redescoberta do egípcio antigo foi não apenas a descoberta da Pedra de Rosetta, mas também a enxurrada de objetos obtidos em escavações que as principais cidades européias começaram a receber. Quando isso aconteceu, no começo do século XVIII, muitos desses objetos vinham da região de Mênfis, a antiga capital do Antigo e Médio Impérios. Foi quando a curiosidade pela maneira como aqueles símbolos eram usados cresceu exponencialmente. Afinal, eram dezenas de amuletos,

pequenas estátuas e fragmentos de manuscritos, todos com longas inscrições. Os eruditos daquela época logo se sentiram na obrigação de obter de volta a chave para extrair as informações de todo aquele tesouro em forma material.

Informações que pareciam condenadas a cair no esquecimento total. Isso porque, com a estúpida proibição cristã de mexer com qualquer coisa que fosse pagã, esse conhecimento caiu no total esquecimento. Ninguém mais sabia como ler aquelas inscrições nem como poderia começar a fazê-lo. Para resgatar a maneira de ler esses sinais haviam apenas referências muito dispersas em trabalhos gregos e latinos sobre sua verdadeira natureza.

A presença de artefatos egípcios em grandes cidades da Europa era comum a ponto que, quando começaram a levar obeliscos egípcios para expô-los, um novo ramo da arqueologia surgiu: a egiptologia. Porém recomeçar do zero o estudo daquela civilização há muito perdida não era uma tarefa fácil e os primeiros estudiosos e pesquisadores passaram um bom tempo sem conseguir fazer nenhum avanço, em grande parte graças às conclusões errôneas divulgadas pelos principais eruditos.

Uma prova disso é um livro publicado por um jesuíta de nome Athanasius Kircher, o inventor da lanterna mágica. Sua obra, chamada de *Oedipus Aegyptiacus,* trazia algumas supostas traduções de textos esculpidos em obeliscos romanos. Champollion, o único que afirmava que o jesuíta havia se enganado, acusou-o de apresentar textos compostos de frases totalmente incoerentes, em que reinavam insinuações de misticismo e mostrava períodos obscuros e por vezes ridículos que, segundo ele, nem o próprio Kircher acreditava que o sentido estivesse correto, já que tirava suas conclusões de supostos acadêmicos que nem mesmo existiam.

Um exemplo está na tradução de um conjunto de sete hieróglifos. Para Kircher a frase seria: “O criador de toda a fecundidade e todo o crescimento é o deus Osíris, cuja força vivificante tira Santa Mofta do Céu para seu império.” Algum tempo depois, já com os estudiosos acostumados com as conclusões de Champollion, o mesmo conjunto de hieróglifos foi reexaminado. E foi confirmado pelos egiptólogos modernos como significando apenas um título: “Autocrata, senhor absoluto”.

A Verdade sobre os Hieróglifos

As correntes místicas e esotéricas, também se, aproveitaram da idéia vigente de que os hieróglifos eram intimamente ligados a textos místicos. Assim, por muito tempo, acreditou-se que aqueles sinais fantásticos só eram compreendidos pelos iniciados religiosos; que continham apenas mensagens misteriosas dirigidas a uma classe privilegiada; e que falavam apenas de doutrinas ocultas e idéias filosóficas. Com esse pensamento predominante não é de se espantar que aquela escrita não se revelasse aos estudiosos. Até que uma corrente contrária à idéia da superstição e do mistério começou a surgir.

Com todas as dificuldades no trabalho de decifrar sua verdadeira natureza e o predomínio de idéias místicas, um detalhe havia passado despercebido aos pesquisadores: para entender aquela língua antiga faltava o conhecimento prévio de como era falada. Não foram notados nem mesmo alguns fatores que ajudariam mais tarde na decifração, como o fato de que, nos primórdios do século XVII, os manuscritos coptas trazidos do Egito por viajantes haviam sido concebidos originalmente na língua egípcia e escritos com caracteres legíveis. Assim, para chegar até a língua copta foi um pulo.

Mas o que é essa língua? Muitos pesquisadores acreditam que o copta seja a última forma de escrita utilizada no Egito Antigo, com a qual foram transcritos alguns textos do Novo Testamento e que foi também utilizada pelos cristãos ortodoxos na cidade de Alexandria. Essa língua, de fato, é uma descendente direta da antiga linguagem encontrada nas escritas hieroglíficas, principalmente dos tipos hierático e demótico. Sua escrita apresenta uma forma modificada do alfabeto grego e tornou-se uma língua falada no período entre 200 e 1100 d.C.

Assim o alfabeto copta, adotado pelos egípcios convertidos ao cristianismo, era constituído pelo alfabeto grego com o acréscimo de alguns outros símbolos, entre eles alguns ligados aos hieróglifos.

O mesmo padre Kircher, que errara na suposição do conteúdo de certos textos, publicou em 1643 outro livro, chamado *Lingua Aegyptiaca Restituta,* que reunia traduções de manuscritos árabes recolhidos no oriente. Essa obra trazia uma gramática da língua copta e um vocabulário copta-árabe, ambos importantes para a difusão daquele idioma.

E foi justamente a utilização dessa língua para a interpretação de textos bíblicos que chamou a atenção daqueles que queriam chegar aos segredos ocultos dos hieróglifos. Estudos mais direcionados conseguiram mostrar que, por meios filológicos, era possível encontrar algumas noções de palavras egípcias que eram citadas em escritos gregos clássicos.

Hipóteses sobre a verdadeira natureza daquela escrita apareceram aos montes. Porém, como era de se esperar, muitos tentaram dar uma explicação por meio da suposta revelação de detalhes que pouco ou nada tinham a ver com seu verdadeiro conteúdo. Um exemplo disso foi Paul-Ernest Jablonsky, um filologista alemão que tentou explicar o sistema religioso do Antigo Egito ao reunir e classificar diversas passagens dispersas de autores gregos e latinos que falavam sobre as divindades egípcias. Ele optou por esse pensamento porque queria interpretar os nomes dessas mesmas divindades sob um enfoque de palavras coptas. Os especialistas consideram sua teoria bem fundamentada, mas não consideravam o fato de que os tais escritores gregos e latinos apresentaram apenas noções parciais e incompletas do sistema religioso egípcio, o que levava a uma interpretação errônea, já que esses mesmos escritores, ao transcreverem os nomes das divindades, fizeram alterações substanciais nas

palavras.

A corrida pela descoberta da chave que levava à leitura dos hieróglifos continuou por algum tempo ainda. Essa competição levou a outras tentativas, todas ocorridas na segunda metade do século XVIII, mas que não foram bem-sucedidas e que só tornaram o feito de Champollion algo ainda mais notável.

Como acontece muito em pesquisas acadêmicas, não se chegava a um consenso sobre o objeto de estudo e não foram obtidos resultados satisfatórios. Logo o estudo dos hieróglifos e suas tentativas de decifração caíram em descrédito e por algum tempo ninguém mais dava atenção ao assunto. Aqueles símbolos, diziam uns, eram relativos a fatos astronômicos, enquanto outros afirmavam que retratavam trabalhos nos campos e que cada divindade egípcia representava uma das épocas agrícolas. Havia ainda aqueles que se interessavam em estabelecer uma relação entre egípcios e chineses, de modo que os hieróglifos seriam a verdadeira e obscura origem da escrita pictográfica chinesa. Até mesmo a afirmação de que os hieróglifos não eram sinais fonéticos, e sim apenas sinais decorativos estéticos, surgiram nos campos de pesquisa.

Uma pista significativa passou despercebida por todos quando um dinamarquês, conhecido apenas como Zoëga, publicou em 1797 um livro sobre os obeliscos de Roma (*De Origine et Usu Obeliscorum*). Naquela obra foram reunidos alguns dados importantes para se obter a leitura dos símbolos. Lá era apresentado um estudo que sugeriu, de forma bem vaga, que a verdadeira natureza daqueles símbolos misteriosos estava no preceito de que seriam elementos fonéticos dentro do sistema de escrita egípcia.

Claro que mesmo aquele livro não era perfeito. Errou no fato de que reduziu o conjunto de hieróglifos a apenas alguns caracteres que precediam as expressões correspondentes. A função desse tratado, entretanto, teve um peso significativo na revelação dos hieróglifos, já que este obscuro autor foi o primeiro pesquisador que intuiu, de maneira correta, que a mesma escrita utilizada nos monumentos também era conhecida e praticada pela parte letrada da população egípcia e que, portanto, era usada em vários tipos de textos, fossem sagrados ou profanos.

O livro de Zoëga foi publicado pouco antes da famosa expedição de Napoleão Bonaparte, em 1799. A coleta de inúmeras reproduções de textos egípcios ajudaram a manter o interesse pela decifração daquela escrita, principalmente quando a obra *Description de l'Egypte*, o registro oficial da expedição, foi finalmente lançada. Aquela foi outra obra que ajudou de maneira significativa o árduo trabalho dos primeiros egiptólogos ao mostrar a riqueza da civilização do Nilo e tornar inevitável a necessidade de decifrar aquele código. Afinal, era difícil folhear suas páginas e ver todos aqueles maravilhosos desenhos de ruínas e não se ter a mínima idéia sobre a verdadeira natureza do que se via.

Surge Champollion

O mundo da egiptologia deve muito aos esforços de várias pessoas que se dedicaram à decifração dos hieróglifos, como o físico, médico e egiptólogo britânico Thomas Young, o responsável pelo experimento da dupla fenda, que possibilitou o caráter ondulatório da luz. De fato, ele foi um dos que estudou exaustivamente a Pedra de Rosetta e teve progressos similares aos de Champollion, mas sem o mesmo sucesso.

Porém foram os franceses que decidiram a contenda com os esforços de Champollion. Quando a Pedra de Rosetta foi finalmente encontrada, em agosto de 1799 por um oficial das tropas francesas chamado Bouchard nas proximidades da cidade de Rosetta (em árabe, Rachid), próxima à margem oeste do Nilo, o acontecimento chamou a atenção do mundo inteiro. Era praticamente a primeira vez que se falava na existência de uma peça do Antigo Egito que era bilíngüe (trílingüe, se pensarmos que possui o mesmo texto escrito em hieróglifos, demótico e em grego antigo, sendo que esta última língua ajudou imensamente na compreensão do mesmo).

Foi a partir da pedra que finalmente começaram a sentir que podiam recuperar a antiga sabedoria egípcia. O texto em grego dizia que se tratava de um decreto do corpo sacerdotal do Egito, reunido em Mênfis, em 196 a.C. Esse grupo estava lá para conferir grandes honras ao faraó Ptolomeu V Epifânio (que reinou entre 205 e 180 a.C.). Era apenas uma questão de tempo para que conseguissem relacionar os termos dos textos e começar a estudar as formas em hieróglifos.

Um pouco antes de Champollion, houve um outro erudito francês, chamado barão Silvestre de Sacy, que, em 1802, examinou o texto em demótico da pedra e, ao compará-lo com a versão em grego, publicou alguns resultados que estabeleceram as bases da decifração, principalmente quando viram os grupos de caracteres que compunham os nomes próprios de personagens históricos como Ptolomeu, Arsinoe, Alexandre e Alexandria, que apareciam várias vezes na versão em grego.

Outros eruditos entraram na corrida para conseguir a decifração dos hieróglifos, entre eles Johan David Ackerblad, um orientalista sueco, que publicou uma análise dos nomes próprios gregos citados na inscrição em demótico e, de seu trabalho, estabeleceu um curto alfabeto egípcio popular. Entre os dez nomes identificados por ele estavam os de Berenice e de Ptolomeu, além de reconhecer palavras gregas graças ao seu complexo conhecimento em copta. O pesquisador, entretanto, falhou ao não perceber que os egípcios antigos suprimiam as vogais mediais. Cansado de tentativas vãs, colocou sua pesquisa de lado. Mas seu trabalho juntamente com o do barão provaram que os egípcios marcavam nomes próprios estrangeiros por meio de sinais alfabéticos.

Vamos nos concentrar então em Champollion. O responsável pela decifração definitiva nasceu na França em 1790 e desde muito jovem mostrou interesse pelas línguas orientais. Aos 16 anos já conhecia hebreu, árabe, persa, chinês, além de várias outras línguas asiáticas.

Intrigado com a escrita hieroglífica, estudou-a com afinco e desenvolveu uma suspeita de que a língua copta dos cristãos egípcios seria, na verdade, a mesma língua antiga egípcia modificada. Nesse ponto levou vantagem sobre um outro pesquisador do assunto, um cientista inglês de nome Thomas Young, que chegou a aplicar um método geralmente executado apenas em ciências físicas e matemáticas. Em algumas partes dos trechos em hieróglifos e em

demótico havia um grupo de caracteres correspondentes às palavras empregadas na inscrição grega. O cientista logo estabeleceu algumas noções entre os dois ramos do sistema gráfico egípcio e provou assim que os caracteres utilizados eram tanto figurativos quanto simbólicos. Porém não soube separar as naturezas dos dois sistemas e encarou-os como semelhantes quando, na verdade, são bem diferentes entre si. Foi um dos primeiros a provar que os caracteres dentro de anéis ovalados (os chamados cartuchos que destacam os nomes dos regentes egípcios) eram os mais importantes.

Mas é a vida de Champollion que nos interessa, então voltemos a ela. O jovem pesquisador se convencera inicialmente de que os hieróglifos eram puramente simbólicos e que não tinham nada de fonéticos, opinião essa que logo se alteraria depois de um estudo mais aprofundado de monumentos como o Obelisco de Bankes e a própria Pedra de Rosetta. Foi então que Champollion se convenceu de que muitos hieróglifos possuíam um valor efeito fonético.

A questão "idéias *versus* fonética" ainda prevalecia nos debates acadêmicos quando seus trabalhos demonstraram que a verdade se achava exatamente entre aquelas duas idéias. O sistema egípcio, na verdade, usava tanto sinais que exprimiam idéias quanto alguns que representavam sons. E foi com essa mesma idéia na cabeça que o decifrador dos hieróglifos publicou sua obra chamada *Précis du Système Hiéroglyphique* em 1824, em que os princípios pesquisados por ele foram aplicados por 16 meses entre as ruínas do Antigo Egito. Ao aplicá-los às inscrições de diversos monumentos, o pesquisador foi capaz de ler as proporções fonéticas de tais textos e obter a convicção de que não havia muita diferença entre a língua antiga e o copta.

Demonstrar como Champollion conseguiu seus resultados é bastante complexo. Mesmo assim tentemos demonstrar de maneira resumida e simples como sua mente trabalhou. Lembremos o ponto de partida, que foi o cartucho com o nome do faraó Ptolomeu. Uma vez que esse cartucho foi encontrado, era fácil identificar os oito caracteres que o compunham. O decifrador ainda se apegava à idéia da simbologia pictográfica do nome, por isso teve um pouco de dificuldade em identificá-lo. Como Ptolomeu era um nome de origem grega, deveria pela lógica ser difícil para se gravar com os ideogramas conhecidos de então. Portanto, era de se supor (corretamente) que o nome teria sido registrado da maneira como era pronunciado.

Assim Champollion fez o caminho inverso, ou seja, partiu da forma grega e verteu som a som o nome do grego para o copta, deste para o demótico, deste para o herático e por fim para os hieróglifos. A forma inicial a qual chegou foi Ptolmys (note-se que aqui temos a vogal *o* conhecida, bem como a letra *y,* que age como tal).

O passo seguinte levou o pesquisador a procurar num texto gravado num obelisco de Philae, uma ilha próxima a Assuã, os hieróglifos (com versões em demótico e em grego, como na Pedra de Rosetta) que traziam o nome de outro faraó da dinastia, Ptolomeu Evergetes II, e o de sua esposa, Cleópatra III (que no original grafa-se Qliopatrat).

Depois comparou os nomes dos dois e viu que havia sinais em comum como os das letras P, T, O e L. Apesar dos sinais para a letra T nos dois cartuchos encontrados serem diferentes, Champollion deduziu que eram sinais homófonos, ou seja, iguais para o mesmo som, como o PH era usado antes para retratar o F no português mais antigo.

Com esses dados em mente, foi fácil concluir que alguns hieróglifos tinham o mesmo valor de letras e a partir das quatro identificadas foi possível deduzir as que faltavam. Nesse passo não demorou muito para que compusesse um conjunto de 12 fonogramas identificados de

maneira correta. Assim, com os sinais descobertos e seus valores atribuídos, ele aplicou a tabela a um terceiro cartucho e conseguiu identificar o nome de Alexandre, o Grande (no original, Alksentrs).

Parece mais um jogo infantil, mas não era. Essa questão da substituição das letras era essencial para entender como cada símbolo funcionaria no contexto da língua egípcia. Assim, com a ajuda de outros cartuchos, Champollion logo conseguiu reunir cerca de 79 nomes de reis, em que todas as letras estavam corretamente identificadas. Algum tempo depois, em setembro de 1822, aplicou suas pesquisas em faraós que eram das dinastias mais antigas para verificar se o seu método funcionava. Para sua alegria, suas deduções estavam corretas e os nomes de Ramsés e Tutmés apareceram corretamente decifrados, o que provava que estava no caminho certo. A partir de então as portas para o antigo mundo dos faraós estavam abertas e os acadêmicos entraram nesse mundo com uma sede de conhecimento que perdura até hoje. Essas constatações não facilitaram o conhecimento daquela escrita: os hieróglifos continuam até hoje sendo considerados um sistema de difícil compreensão. Ao contrário de muitos "conversores de nomes" que podem ser encontrados na Internet, não basta apenas escrever uma palavra e observar uma simples troca de letras por símbolos. Esses programas não levam em consideração a questão das vogais que não são representadas com um símbolo em especial nem o fato de que deve haver um contexto especial para que esteja de uma maneira de fácil compreensão.

Neste complexo código, um sinal pode funcionar como um fonograma que representa um som fundamental (um fonema) ou mesmo uma seqüência de fonemas. Uma lebre, por exemplo, não é usada para representar a palavra "lebre" mas sim para registrar o encontro de dois sons, o W e o N, que são usados na composição da palavra em egípcio.

As consoantes só apareciam quando assumiam o papel de semiconsoantes, o que equivale dizer que tinham função de consoantes. Nos dias de hoje, sabemos que as línguas árabe e hebraica também não se escrevem as vogais, por isso não se trata de nenhuma surpresa.

No caso dos antigos egípcios, essa ausência de vogais torna quase impossível imaginar como aquelas palavras eram realmente pronunciadas. Quando aplicável, os estudiosos valem-se das palavras em copta para aproximar a pronúncia. Um exemplo é o nome da "bela que veio", o significado do nome Nefertiti, a esposa de Amenófis IV ou Akhenaton. Seu nome grafa-se na verdade Nfrtiiti, o que dá margem a várias interpretações. Para superar essas dificuldades, já que não dispomos de fontes confiáveis que nos ensinem a maneira correta de pronunciar os nomes, é de praxe inserir um E entre as consoantes. Assim, Nfrtiiti torna-se Nefertiti ou Nefertite. Para alguns egiptólogos a verdadeira pronúncia estaria mais próxima de Nofretiti.

O fato é que, hoje, apenas os acadêmicos se dedicam ao estudo dos hieróglifos. E mesmo assim estima-se que apenas 30% das descobertas totais da arqueologia revelaram os segredos daquela antiga civilização. O que mais o futuro nos espera, agora que dominamos a escrita antiga, é apenas uma questão de tempo para descobrir.

Capítulo 5
As Múmias



Símbolo do mistério que a civilização egípcia representa, as múmias são bem mais do que um simples corpo humano transformado em objeto de estudo. Aquelas tentativas de preservação dos corpos de seus poderosos monarcas fornecem vários e preciosos dados sobre o pensamento religioso vigente na civilização faraônica e são testemunhas mudas de suas antigas crenças numa ressurreição da alma por meio da conservação de seu "habitat natural", por assim dizer.

Os livros de egiptologia mais conhecidos definem que uma múmia bem produzida deveria ser "leve como uma casca de ovo e dura como uma estátua". Esses vestígios servem para nos mostrar que a preocupação do homem com sua própria mortalidade é um assunto antigo e lembram-nos da precariedade da existência. Trechos do famoso Livro dos Mortos egípcio, reproduzidos nas tampas dos caixões e nas paredes dos túmulos, falam coisas como "eu não deteriorarei" e "meu corpo não será presa dos vermes". E exalta os esforços da alma em atingir um patamar de paz no outro mundo: "ela (a alma) é durável e não será aniquilada no país da eternidade".

Talvez haja bem mais no processo de mumificação do que nos parece à primeira vista. Uma prova disso é o fato de a múmia de Ramsés II ter sofrido consideravelmente quando assumiu seu lugar no Museu do Cairo. Depois de ser retirada do local de seu descanso no Vale dos Reis e levada para um esconderijo em Deir El-Bahari (um complexo de templos mortuários e túmulos localizados na margem ocidental do rio Nilo, do lado oposto à cidade de Luxor), juntamente com outras múmias famosas numa tentativa de os sacerdotes protegerem seus soberanos da depredação dos ladrões de túmulos e caçadores de tesouros, ela estava em perfeito estado de conservação quando foi descoberta em 1881 e colocada no museu quatro anos depois. De lá para cá simplesmente começou a se decompor, não por incompetência dos embalsamadores, mas sim das condições climáticas do local onde estava. Em 1976, ela foi enviada para Paris onde cientistas franceses a examinaram e descobriram que a rápida decomposição era causada por um cogumelo, o Daedela Biennis, que foi destruído com doses de irradiação gama de cobalto 60. Não demorou muito para que todos respirassem aliviados e afirmassem que o grande faraó ficaria por perto por mais algum tempo sem grande perigo.

Mas muitos que estudam o Egito fariam de tudo para pôr as mãos nos objetos e processos usados para obter a mumificação. O estranho costume teria começado ainda nos primórdios do

Egito, quando os cadáveres eram enterrados diretamente na areia do deserto que, por ser muito porosa e estar num clima muito quente e seco, causou a mumificação natural de alguns corpos. Uma das mais impressionantes está no Museu Britânico, de Londres, e é chamada carinhosamente de Ginger. Trata-se de uma múmia preservada naturalmente (uma vez que possuía ainda os órgãos que são retirados num processo de mumificação comum) do Período Pré-dinástico. Quem teve a oportunidade de vê-la pessoalmente fica simplesmente impressionado com a vista. A múmia, um homem, ganhou esse nome por causa do seu cabelo vermelho e está cercada de objetos funerários, incluindo as ferramentas que ele usava durante sua vida e vasos de cerâmica que uma vez contiveram comida que o acompanharia na vida no além. Pesquisas acadêmicas dão conta de que ele pode ser uma das primeiras pessoas a ter passado por esse processo, embora não se saiba se a intenção de quem o enterrou era exatamente torná-lo uma múmia. Ginger foi encontrada intacta e enterrada diretamente na areia, substância que provavelmente drenou todos os fluídos do corpo. Graças a esta ação natural seu corpo, secou a um ponto em que uma simples bactéria não poderia se alimentar dos músculos ou da pele. De fato, muito da pele está intacta, embora tenha ganho uma coloração marrom.

Acredita-se que o processo de mumificação tenha sido desenvolvido porque nem todos tinham condição de preservar seus entes queridos diretamente na areia do deserto, embora isso é o que não falta na região do Egito. Mas a pergunta que fica na cabeça dos curiosos é apenas uma: “Por que alguém iria querer preservar seu corpo após a morte?”

Para entendermos o motivo religioso que gerou tal hábito é necessário abrirmos espaço neste capítulo para contarmos aquele que talvez é o conto mais famoso de toda a mitologia egípcia. Vamos conhecer o mito de Osíris.

O Senhor dos Mortos

"Ele morreu e ressuscitou para assumir um posto onde iria julgar os mortos". Apesar de essa descrição ser bastante conhecida, não se refere a Jesus, mas sim a Osíris, rei do submundo para onde vão as almas dos mortos. Muitos estudiosos de religião apontam sobre certas semelhanças entre as histórias, o que enfurece os cristãos mais fervorosos e delicia os acadêmicos que falam ser provável que, em um ou outro momento, os judeus tenham absorvido elementos da religião egípcia e repassado até a época de Cristo.

Polêmicas religiosas à parte, vamos conhecer um pouco sobre a entidade original. O significado exato do nome é desconhecido e a forma Osíris vem do grego, que por sua vez adaptou a definição do nome da língua Síria, que grafava como Usire. As formas em egípcio antigo variam entre Asar, Aser, Ausar, Ausir, Wesir e Ausare.

O fato de não sabermos a origem correta do nome forma um obstáculo para que se conheça a pronúncia de seu nome escrito em hieróglifos. A maioria dos pesquisadores acredita que o nome seria Aser, com um "a" pronunciado do fundo da garganta como se estivesse engolindo. Essas observações foram feitas com base em hieróglifos encontrados, que grafavam o nome do deus como ws-ir ou os-ir (lembremos que os egípcios omitiam as vogais quando escreviam em sua escrita pictográfica). Por isso a pronúncia correta seria algo próximo a Us-iri (em que se lê oos-ee-ree), reconstituído a partir do cóptico Ousire.

Os pesquisadores tentaram de toda forma entender o que o nome expressaria, e chegaram a algumas alternativas interessantes, entre elas "aquele que ocupa um trono", "para criar um trono" ou mesmo "aquele que copula com Ísis". Mas a interpretação mais aceitável por parte dos egiptólogos é que Osíris significa "O Poderoso".

Outros itens que foram pesquisados, para se entender melhor este antigo mito, foram sua possível origem e iconografia. Sobre o primeiro item pode-se dizer que seu culto data de épocas muito antigas, sendo uma possível origem o nome de Busíris (que significa "Lugar de Osíris" ou "Domínio de Osíris"), que é o nome de um lugar localizado na região central do delta do rio Nilo. Os pesquisadores acreditam que Osíris teria substituído uma entidade mais velha, de nome Andjeti, um deus local que cedeu ao seu "sucessor" suas insígnias. Curiosamente suas atribuições por lá eram mais ligadas a fertilidades das terras e os seus seguidores o adoravam apenas para obter uma boa colheita. Assim, Osíris seria uma personificação do ciclo da vegetação.

A transformação em deus funerário teria acontecido apenas no Antigo Império, quando o faraó falecido (o pai do corrente) seria Osíris e o faraó vigente, o filho desse deus, Hórus. Acredita-se que o processo de mumificação, uma exclusividade do faraó por ser algo muito caro, tenha se tornado uma regalia aberta ao público a partir do fim do Primeiro Período Intermediário e durante o Médio Império. No início, a mumificação tornou-se acessível aos altos funcionários e depois para toda a população. Os rituais tinham apenas um objetivo: unir-se a Osíris e garantir a imortalidade no além, algo que todos os homens, independente de sua classe social, almejavam de uma forma ou de outra.

Osíris tem também uma representação própria variada. A imagem mais antiga dessa entidade data de cerca de 2300 a.C. e mostra algumas poucas características que terminariam por se perder. No geral, ele é mostrado como um homem mumificado com uma barba postiça, com braços cruzados no peito. Em suas mãos estão os símbolos do poder, um cetro e um

chicote, enquanto na cabeça está a coroa chamada de Ateg, branca com duas plumas de avestruz. Em algumas representações apresenta um uraeus (serpente) que sai da coroa e chifres de carneiro.

Também foi representado como uma múmia em posição deitada de cujo corpo saem espigas, um símbolo que representa uma prática em que os egípcios regavam uma estátua do deus feita de terra e de trigo que depois eram enterradas em terras agrícolas, para garantir uma colheita próspera. Este costume, inclusive, teria durado da pré-história egípcia até a era ptolomaica. A pele dessas representações sempre vinha em tons verdes ou negros, cores ligadas à fertilidade e ao renascimento.

Mas o que fascina mesmo os que não conhecem muito a história do Egito é a lenda que conta a morte e a ressurreição de Osíris, registrada em várias fontes, como os Textos das Pirâmides (descobertos em Saqqara em 1881), os Textos dos Sarcófagos (escritos no interior dos sarcófagos de madeira retangulares) e no já citado Livro dos Mortos, porém de forma desconexa. A principal é mesmo um relato romano, chamado *De Iside et Osiride* (*Sobre Ísis e Osíris*), de autoria de Plutarco. Vamos à história:

Osíris é filho dos deuses Geb (deus da terra) e Nut (deusa do céu). Teve três irmãos: aquela que seria também sua esposa, Ísis, seu inimigo Seth e a esposa deste, Néftis. Osíris governou a terra (ou seja, o Egito) e ensinou muitas coisas aos homens, incluindo as técnicas agrícolas, como domar os animais e demais informações necessárias para a sobrevivência da civilização. Essa foi uma era de grande prosperidade que logo chegaria ao fim.

Seth, deus da violência e da desordem, era o governante do deserto, que, como vimos nos capítulos anteriores, era uma região associada aos mortos. Este deus não estava satisfeito com a situação e invejava o sucesso que Osíris tinha entre seus súditos. Logo bolou um plano para matar seu irmão. Conseguiu convencer 72 conspiradores a ajudá-lo a organizar um banquete e convidou o deus governante. Durante o evento, Seth apresentou a todos uma magnífica caixa-sarcófago que prometeu entregar para quem nela coubesse. Os conspiradores, para enganar Osíris, experimentaram um a um a caixa, mas ninguém cabia nela, já que havia sido confeccionada com as medidas de Osíris. Este, é claro, entrou na caixa e Seth a fechou e, com a ajuda dos conspiradores, jogou-a no rio Nilo. A correnteza do rio arrastou a caixa até o mar Mediterrâneo, onde foi levada até a cidade de Biblos, na Fenícia. O tempo passou e uma árvore cresceu no local e envolveu a caixa. Pouco depois essa mesma árvore foi cortada por ordem do rei da cidade para servir de coluna no palácio real.

Ísis, quando soube do ocorrido, saiu desesperada à procura do marido e vagou por algum tempo em busca de informações. Conseguiu chegar a Biblos, onde se revelou para a rainha e, com a ajuda desta, cortou a coluna e recuperou o corpo do deus. Para garantir que Seth não tentasse outro ataque, escondeu o corpo numa plantação de papiros.

Porém Seth era mais esperto e soube do resgate do corpo. Localizou onde estava a caixa e cortou Osíris em 14 pedaços que espalhou por todo o Egito. Algumas versões da lenda, em documentos da era ptolomaica, afirmam que o número de pedaços variava entre 16 e 42. Esses números seriam associados ao número de dias entre a lua cheia e a lua nova (14) e o número de nomos que constituíam o Egito (cerca de 40).

Continuemos a história: Ísis, com o auxílio de sua irmã Néftis, foi à procura das partes do corpo. Reuniu todas, com exceção do pênis, que foi devorado por alguns peixes. Para substituir o órgão ela criou um falo com caules vegetais.

A seguir vê-se a realização do primeiro processo de mumificação, em que Ísis e Néftis recebem o auxílio do deus chacal Anúbis, filho de Osíris e Néftis, que mais tarde recebeu os atributos de deus do embalsamamento e guardião das necrópoles. Ísis transforma-se num milhafre (uma espécie de ave de rapina) e bate suas asas sobre o corpo para criar uma espécie de ar mágico que o ressuscita. Ainda sob essa forma, ela se une a Osíris e desse encontro nasce Hórus, o deus falcão, que representará o faraó vivo. A partir desse ponto, Osíris passa a governar o mundo dos mortos.

Na melhor tradição de que por trás de todo mito há um fundo de verdade, historiadores diversos começaram a pesquisar se não haveria um fundo de verdade nos acontecimentos narrados. Especula-se, por exemplo, que Osíris tenha sido um chefe de nomo que, de fato, introduziu a agricultura na região do delta no Nilo e que teria entrado em conflito com o líder dos nomos da região, possivelmente retratado como Seth. Desse conflito resultou a morte de Osíris e sua posterior vingança por meio de seu filho Hórus.

Resta citar apenas algumas linhas sobre o que se sabe a respeito do o culto desse deus. Havia seguidores por quase todo o Egito e os principais centros de adoração eram Abidos (no Alto Egito) e a já citada Busíris, onde os egípcios visitavam pelo menos uma vez na vida, hábito semelhante ao dos muçulmanos com sua peregrinação à cidade de Meca.

Em Abidos, havia uma procissão realizada todos os anos onde a barca de Osíris era transportada. Tal veículo era um símbolo da vitória do deus sobre seus inimigos.

Os locais de culto afirmavam possuir uma das partes do corpo do deus. Assim, Abidos encontrava-se na posse da cabeça, enquanto Busíris possuía a espinha dorsal (de onde teria se originado a coluna Djed, símbolo associado à resistência e à estabilidade), Atribis (ao norte do Cairo) afirmava ter o coração e Heracleópolis era a que mais tinha partes do deus: a coxa, a cabeça, dois flancos e duas pernas. O que não deixa de ser visto como uma espécie de canibalismo simbólico por especialistas...

Durante o mês egípcio de Khoaik (que seria o período entre os meses de outubro e novembro) era comemorado por todo o país os Mistérios de Osíris, em que se relembrava o mito. A época seria a mesma em que Ísis teria reencontrado as partes do corpo.

Osíris chegou a ser adorado fora do Egito mas, curiosamente, nunca no mesmo patamar que sua irmã.

O Local da Purificação

Assim, por meio do mito, vemos que a principal crença dos egípcios era a de que o corpo precisava ser conservado após a morte porque, sem ele, era impossível alcançar a imortalidade da mesma maneira que Osíris a obteve.

Também é necessário lembrarmos que, de acordo com a concepção egípcia, a alma humana era composta por cinco partes:

1) o Ka (também grafado como Kha) era o conceito da "força vital" que fazia a diferenciação entre um vivo e um morto. A morte ocorria quando o Ka deixava o corpo. Acreditava-se que esta parte era criado por Khnun, o oleiro do universo, em sua roda. Era o Ka que precisava ser mantido por meio dos alimentos e bebidas deixados como oferenda nos túmulos, já que essa parte da alma consumia o chamado kau (energia) desses alimentos e não de seu aspecto físico. Como o Ka era representado como uma segunda imagem do morto, muitos trabalhos tentaram identificá-lo como um duplo ou um fantasma.

2) O Ba (também grafado como Bha) era a representação da alma e da personalidade do morto. É a parte que mais se aproxima do conceito ocidental de alma e é o que faz um indivíduo único. É definida em textos especializados como "a parte da pessoa que vive após a morte e às vezes é representada como um pássaro com cabeça humana voando para fora da tumba para se unir ao ka na pós-vida". Era uma característica que as divindades também poderiam ter. O faraó era encarado como o Ba do deus Hórus.

3) O Ren era o nome da pessoa, aquele dado quando de seu nascimento. Viveria enquanto fosse pronunciado, por isso era colocado em vários escritos de forma protegida. Assim, o nome dos soberanos estava protegido por uma espécie de cartucho mágico. E quando algum deles caía no desagrado do povo (como Akhenaton) seu nome era apagado dos monumentos.

4) O Sheut é identificado como uma sombra. Estudos afirmam que a crença egípcia determinava que "uma pessoa não poderia existir sem sua sombra, nem a sobra sem a pessoa". Sua representação era a de uma pequena figura humana pintada por completo de preto.

5) O Akh é um conceito que variou durante a história egípcia. No começo era a unificação do Ka com o Ba após a morte do corpo físico. O Akh seria, então, parte de um coletivo de outras pessoas, deuses e animais (Akh-Akh). Significava que a pessoa iria se unir aos deuses e se tornar imortal e imutável. Depois o conceito mudou para um elemento da alma que se fundia com o Ka. Aqui se acreditava que esta parte passava algum tempo no outro mundo antes de retornar como o Ka de outra pessoa.

Assim, com todos esses conceitos em mente, fica fácil começar a entender o quanto a mumificação era importante para os egípcios. Por exemplo, acreditava-se que o Ka permanecia com a múmia, por isso, se o corpo se deteriorasse, acabaria com a morada desse elemento.

Rose-Marie e Rainer Hagen explicam que "originalmente, antes de conseguirem atingir seu método de mumificação, os egípcios tinham o costume de envolver os corpos numa esteira ou numa pele de animal, enterrando-os na areia", como parece ter sido o caso da já citada múmia Ginger.

Os embalsamadores procuraram reproduzir artificialmente essa conservação natural e esse trabalho só podia ser desenvolvido num prazo de 70 dias num local longe das habitações, na margem ocidental do Nilo. No começo trabalhavam em tendas arejadas perto da margem, já

que usavam a água do rio para lavar os corpos, o que pode ser comprovado pela descoberta de alguns restos de plantas aquáticas nas costas de algumas múmias.

Depois o local se tornou mais complexo. Havia salas e casas reservadas para essas práticas, que se tornariam as áreas conhecidas nos registros como Belas Casas ou Casas da Purificação. Sacerdotes vigiavam atentamente esses trabalhos.

De acordo com o observado, em algumas pinturas e baixos-relevos havia pelo menos uma pessoa presente que utilizava uma máscara com a cabeça de chacal do deus Anúbis. Há um exemplar dessa máscara, feita de terracota, com abertura para os olhos, que leva a crer que tal apetrecho fosse usado para proteger o embalsamador dos cheiros fortes emitidos durante os processo.

Esse detalhe faz-nos acreditar que os egípcios que mexiam com as múmias faziam o trabalho com certa pressa e que por vezes nem mesmo prestavam muita atenção. Foi graças a essa falha deles que, no melhor estilo médico que esqueciam objetos dentro do paciente, foi possível encontrar alguns instrumentos esquecidos dentro de alguns "clientes". Entre os achados estavam ganhos feitos com couro de cobra, pinças, espátulas, colheres, agulhas, furadores com cabeça de forcado (usados para abrir, esvaziar e fechar o corpo). Até mesmo um rato já foi encontrado numa dessas múmias, o que mostrava que, além do provável mau cheiro do processo, a pressa pode ter influenciado na qualidade do serviço.

Tudo o que se pode fazer, entretanto, é especular sobre como seria esse processo. Não há documentos escritos sobreviventes que detalhem como era o processo de mumificação, da mesma maneira como não há registros sobre a construção das pirâmides. O pouco que sabemos vem por uma fonte grega, Heródoto, o incansável historiador. Diz ele que após o ritual de choro feito pelas carpideiras, o morto era levado aos embalsamadores que, por sua vez, mostravam à família "uma seleção de efígies de cadáveres de madeira", que eram pintados em diferentes formas de acordo com o quanto a família pagaria. Depois que o modelo era escolhido e o preço acertado, a família voltava para casa e os embalsamadores se prepavam para o trabalho. Diz Heródoto:

"A maneira mais nobre é a seguinte: começam por extrair o cérebro pelas narinas, com o auxílio de um gancho de ferro. Em seguida, com uma faca de pedra da Etiópia, fazem uma incisão no flanco do defunto, pela qual retiram os intestinos. Limpam cuidadosamente a cavidade abdominal e lavam-na com vinho de palmeira, e salpicam-na com perfumes moídos. Depois enchem o ventre com uma mistura composta de mirra pura, canela e outros aromas, e costuram-na."

Em seguida, o cadáver recebia um banho de natrão (composto por silicato de soda e alumínio) em que permanecia por 70 dias. Ao término desse período, o corpo é novamente lavado e envolto em faixas de pano (muitas vezes de linho) revestidas de cera que levavam uma camada de resina, para se fazer de cola. Ao término do trabalho, os parentes retomavam a posse do cadáver e o inseriam no sarcófago. O mesmo era então levado para o local do túmulo e, uma vez lá, era realizada a chamada Cerimônia de Abertura da Boca, quando um sacerdote "abria" magicamente a boca da múmia para que esta pudesse falar e se defender perante o tribunal de Osíris, durante seu julgamento. Diz a lenda que o coração do morto, conduzido perante Osíris por Anúbis, era pesado numa balança que era vigiada por Thoth, o

deus da sabedoria com cabeça de íbis. O coração era pesado junto com uma pena, símbolo de Maat, a deusa da justiça e do equilíbrio. Se a pena fosse mais pesada o espírito do morto era absolvido e ele alcançava a vida eterna, conhecido como Campos Elíseos (Sekhet-hetepet), "onde a primavera era eterna". Caso fosse mais pesado, o coração era atirado para ser devorado por Ammut, um monstro parte leão, parte hipopótamo e parte crocodilo, que os devorava lenta e eternamente.

Heródoto registrou um outro método, em que o corpo não é aberto, mas recebe uma lavagem de óleo de cedro, que dissolve os intestinos. Essa informação foi confirmada por cientistas que acrescentaram que os embalsamadores deveriam começar o trabalho cerca de quatro dias após a morte da futura múmia. Além dessa lavagem, o corpo ainda era dissecado por meios químicos durante cerca de 52 dias e depois envolvidos por faixas durante 16 dias. Após isso, a múmia era depositada no sarcófago e enterrada três dias depois.

O banho de natrão não teria sido usado além dos primeiros dias de aplicação do processo. Por volta do Médio Império, os embalsamadores teriam preferido o uso de pó de natrão, mais eficaz, um produto que se encontrava em abundância num vale desértico chamado Ouadi Natrum. O pó podia ser reutilizado muitas vezes, mas perdia progressivamente sua eficácia. Muitos sacos dessa substância foram encontrados em câmaras funerárias e por vezes era possível até mesmo distingui-los sob a mesa do local de embalsamamento.

Os Vasos Canopos

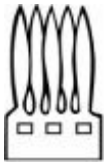
Não era apenas a múmia que era o resultado da dissecação do cadáver. Perto dos sarcófagos eram encontrados cofres de madeira que encerravam quatro vasos de alabastro que continham as vísceras retiradas durante o processo de mumificação. Esses vasos foram chamados de canopos, nome retirado da cidade de Kanops, cidade localizada a leste de Alexandria. O mais antigo conjunto de canopos era datado da Quarta Dinastia, que reinou durante o Antigo Império. Pertencia a Hetep-Heres (também lido como Heteferes), a mãe do faraó Khufu.

Mais uma prática reservada de início para os faraós e depois aberta para todos os egípcios que pudessem pagar por ela, o processo da extração das vísceras que eram depositadas nos vasos canopos trazia naqueles recipientes o fígado, o estômago, os intestinos e os pulmões. Esses órgãos eram envolvidos separadamente em tecidos de linho e colocados nos vasos, que eram molhados com resina de embalsamamento (cuja composição ainda hoje é objeto de discussão).

Apesar de por vezes também ser extraído e tratado, o cérebro não era de muita importância na mumificação, sendo até menosprezado, ao contrário do coração, que se acreditava ser o centro do espírito, da razão e dos sentimentos. Esse órgão era tão importante que era submetido a um tratamento químico diferenciado e depois recolocado na múmia, já que era justamente ele que seria usado no julgamento da corte de Osíris.

As vísceras colhidas eram consagradas a quatro outras entidades para proteção, que eram quatro filhos de Hórus cujas cabeças serviam de tampas para os canopos. Amset, com cabeça humana e cujo nome é derivado da Aneth, uma planta suada em conservações, era o protetor do estômago. Hapi, com cabeça de babuíno, velava pelos intestinos. Duamoutef, com cabeça de cão, vigiava os pulmões. E por fim Quebekhsenouf, com cabeça de falcão, preservava o fígado.

Capítulo 6
Arte Egípcia



Importante fator para se expressar, a arte dos egípcios merece um capítulo à parte. Para quem não conhece o assunto é um pouco difícil lembrar das imagens de templos e estátuas sem nenhum vestígio de cor e acreditar que os estudos apontam o fato de que elas já foram cheias de cores vivas, por vezes em combinações berrantes. Mas a verdade é que o Egito antigo já foi um local onde a arte predominava de tal maneira que era inconcebível pensar numa civilização em que esse dom fosse melhor aproveitado.

Estudiosos do país apontam para evidências que sugerem que a arte egípcia teria surgido a cerca de três mil anos antes de Cristo, com a primeira pintura egípcia a destacar a reflexão sobre os movimentos dos corpos e preocupação com a delicadeza das formas datada de entre 1560 e 1309 a.C. Como quase tudo naquela civilização, prever uma data exata é muito difícil, assim torna-se mais interessante falar em períodos.

A maioria pode pensar que os artistas daquele tempo eram contratados apenas para trabalharem nas paredes internas dos túmulos, já que muitos exemplares desse tipo de arte foram encontrados ainda com suas cores, ao passo que as paredes dos monumentos já a perderam devido à exposição ao tempo. Veremos mais para frente como sua participação foi importante para legar uma imagem incrível de uma civilização que, até quando escrevia, fazia uso das imagens e desenhos.

Concentremo-nos inicialmente no trabalho desenvolvido nas paredes dos túmulos. Muitas delas contam, como se fosse uma história em quadrinhos sem texto, cenas do cotidiano do falecido. A parede onde o desenho seria aplicado era primeiramente revestida de gesso branco para, em seguida, ser aplicada a tinta sobre aquela camada. Essa tinta era uma mistura produzida com uma espécie de goma colorida artificialmente. Um exemplo bem interessante é uma pintura pertencente ao túmulo do funcionário Nakhat, ligado a Décima Oitava Dinastia, que está no Museu Metropolitano de Arte de Nova York, nos Estados Unidos. Em cima, à direita, pode-se ver claramente as vindimas, primeiro na colheita, em seguida vê-se que as mesmas são pisoteadas. Na parte de baixo vemos a pesca de alguns peixes e a depenação de algumas aves. As diferenças de dimensões entre as figuras são sinal de *status* social. Assim, os proprietários do túmulo (Nakhat e sua esposa) são retratados maiores do que seus servidores, e estes, por sua vez, são maiores que os operários.

E o traçado do desenho? Era feito com um sistema que os arqueólogos modernos utilizam

para fazer cópias dos desenhos em caso de deterioração avançada, composto por linhas mestras que dividem a parede para efeito de decoração, de maneira a obter superfícies delimitadas e reservar certos espaços para cenas diferentes. Assim o efeito história em quadrinhos, com as cenas justapostas e sobrepostas, torna-se possível.

Havia também uma outra rede linear, apagada posteriormente, que era usada para obter as proporções. Essa grade dividia o registro em quadrados de tamanhos iguais em que as figuras se integram, de acordo com certas normas. Por exemplo, um homem de pé sempre ocupa 18 quadrados da planta, enquanto um sentado ocupa 14. Essa regra, segundo os especialistas, permite criar figuras pequenas, mas bem proporcionadas, ao se dividir os quadrados normais em dois ou quatro menores.

De início parece-nos estranho que uma civilização tão adiantada preferisse desenhar a forma humana apenas de perfil. Esse fato foi satirizado até mesmo na famosa história em quadrinhos francesa de Asterix. Em *Asterix e Cleópatra* (transformado em filme com o nome de *Asterix e Obelix: Missão Cleópatra*), há algumas ótimas tiradas, como quando o druida Panoramix vai posar para um retrato numa barraca e o egípcio que vai retratá-lo, claro, pede para que fique de perfil. Claro que é tudo uma questão de estilo, uma vez que há registros de retratos que foram desenhados com o rosto completamente de frente, embora não fosse uma tendência naquele tipo de arte.

Algumas conclusões podem ser tiradas da observação de tais artes. Por exemplo, a perspectiva é desconhecida em pinturas e demais gravações esculpidas. Como analisam Rose-Marie e Rainer Hagen:

"Não há vestígios de espaço tradicional. As personagens, os animais e os objetos são planos, colocados ao lado e acima uns dos outros. A linha está determinada, a representação do perfil privilegiada. Contudo, a visão lateral é freqüentemente combinada com a visão frontal. No homem, por exemplo, a cabeça, a boca, as pernas e os pés são vistos de perfil, enquanto os olhos, os ombros e as mãos são vistos de frente. O desenho figurativo estilizado que então aparece deve transmitir informações visuais nitidamente identificáveis."

Pelas cores da pele das pessoas é possível concluir que a escolha tinha também um caráter informativo. Os corpos masculinos são vermelho-acastanhados, com exceção de Osíris, o deus dos mortos, que é negro ou verde (como já foi citado no capítulo anterior), enquanto os femininos são retratados com tons de amarelo.

As cores exerciam um papel que ia para muito além do aspecto decorativo. Vamos ver o significado das mais utilizadas:

1. Preto ("kem" no original): era obtido a partir do carvão de madeira ou da pirolusite (composto de óxido de manganésio obtido na região do deserto do Sinai). Era associado em geral à morte, mas também podia assumir um aspecto de fertilidade e regeneração, ligado à cor que as terras ao longo do Nilo assumiam após as enchentes. A lama depositada pelas águas era dessa cor, o que teria originado o nome de Khemet ou "a negra" para o país. Na arte, a cor era usada para retratar sobrancelhas, perucas, olhos e bocas.

2. Branco ("hedj" no original): cor resultante da cal ou do gesso e simbolizava a pureza e a verdade. Com esse significado, era utilizado nas vestes dos sacerdotes e objetos rituais.

Outros objetos que também recebiam essa cor eram casas, flores e templos.

3. Vermelho (“decher” no original): o tom era obtido a partir da mistura de outros materiais de cor ocre. Tinha um duplo significado: por um lado retratava o poder, a sexualidade e a energia. Por outro, era associado ao maléfico Seth, o mesmo que matara Osíris prendendo-o num caixão. Os olhos desse deus eram sempre vermelhos, como também o eram as representações do deserto, lugar ligado aos mortos.

4. Amarelo (“ketj” no original): a limonite, óxido de ferro hidratado, era a principal fonte para se obter essa cor. Era associada à eternidade por ser a cor do Sol e do ouro. Por isso os objetos destinados aos deuses e os itens funerários do faraó eram feitos com esse metal.

5. Verde (“uadj” no original): produzido a partir da malaquite, uma pedra que possui tons dessa cor que vão dos mais escuros aos mais claros. Simbolizava a regeneração e a vida.

6. Azul (“khesebedj” no original): era obtido a partir do carbonato de cobre, comumente conhecido como azurite. Outra maneira de ser obtida essa cor era pelo uso de óxido de cobalto. O azul era cor com que se retratava o céu e o rio Nilo.

Estátuas

Da mesma forma que as pinturas tinham o propósito de ser uma maneira de retratar os acontecimentos daquelas épocas remotas, também as esculturas tinham esse propósito. O problema era que as pessoas comuns não podiam, por uma questão de convenção egípcia, ser representadas ao lado de deuses e nem dentro dos templos. Aliás, nesse ponto a participação do povo, como veremos no Capítulo 9, era essencial para construir os templos, mas sua permanência naqueles recintos era vedada.

As estátuas eram fabricadas também seguindo um esquema. A quadrícula era traçada sobre os quatro lados do bloco de pedra e depois era continuamente renovada conforme o andamento do trabalho. Todas as estátuas eram criadas para ser contempladas de frente, mostram pessoas em posições de repouso ou em passo solene para frente; numa posição que já demonstra quase um máximo de movimento que se concebia na época.

Uma das invenções mais impressionantes da estatuária egípcia é mesmo a estátua-cubo, que mostra uma pessoa (na maioria das vezes um escriba ou um sacerdote) acocorada, envolta numa espécie de véu, de onde surge apenas a cabeça num conjunto que transmite um ar de vigor e poder concentrado.

Pode parecer estranho, mas ao longo dos três mil anos de história do país, em que na maior parte do tempo se manteve isolado de possíveis influências do exterior, o estilo artístico dos egípcios sofreu poucas mudanças. Todas as manifestações, entretanto, tinham como principal objetivo servir o estado, a religião e, claro, o faraó. A crença na vida depois da morte refletiu-se muito como o assunto predominante na arte egípcia. Afinal o pensamento, a cultura e a moral vigentes eram baseados em profundo respeito pela ordem e pelo equilíbrio. A arte, ao contrário do que se pensa hoje, não se prestava ao conceito de ser ou não bela, mas sim se tal trabalho (pintura ou escultura) era eficiente em seu propósito, seja ele de retratar ou mesmo de servir como algum artefato mágico.

Por isso, o faraó era representado nas estátuas com posição serena, quase sempre de frente, sem demonstrar nenhuma emoção. O objetivo desse estilo não podia ser mais claro: representar, mesmo de uma maneira ilusória, um sentimento de imortalidade. Assim, há várias estátuas de faraós que são representadas em formas que emanam força e poder, enquanto os dados históricos mostram que a coisa nem sempre era assim.

A parte amarniana (do já comentado faraó Akhenaton), por exemplo, retratou o faraó com barriga protuberante e suas filhas com uma, no mínimo "curiosa", deformação na parte traseira do crânio. Trata-se de um exemplo de como um faraó poderia ser. Exames em outras múmias, como a de Sequenenre Tao, da Décima Sétima Dinastia, que, a julgar pelos ferimentos na cabeça, poderia ser ou um ataque violento com armas pesadas ou o fato de que o faraó não possuía uma constituição física tão forte assim.

Dentro da estatuária ainda vale fazer menção aos chamados Usciabtis (também grafados como Ushabits). Essas pequenas estátuas funerárias, geralmente esmaltadas nas cores azul e verde, tinham um propósito singular: substituir os servos que, no começo, eram enterrados junto com o faraó morto para servi-lo na eternidade. Como essa prática, um tanto violenta, era vista com maus olhos pelo povo, providenciou-se uma espécie de substituto para a matança e assim surgiram essas figuras. Com o auxílio de uma fórmula mágica, inserida na base das pequenas estátuas, o espírito do faraó podia transformá-los em trabalhadores "reais" que o

supriam de diversos serviços. Finamente trabalhados, os ushabits eram feitos de madeira, gesso ou pedra. Feitos pelos artesãos egípcios, eram cópias fiéis de seus donos e foram objetos importantes que mostraram como era a aparência física das pessoas da época.

Os Artistas

O conceito de artista, como temos hoje em dia, era praticamente desconhecido no Egito dos faraós. Por mais de três mil anos, a arte em si obedeceu a certos princípios que muito pouco se alteraram e que tinham normas rígidas como a preservação da simplicidade das linhas, a preocupação com a abstração e outras características que, para nós, impressionam justamente por parecerem tão modernas.

Curiosamente vemos que os artistas sofriam também com a instabilidade política que foi característica nos períodos intermediários. Há, por exemplo, uma pintura feita numa pedra calcária, hoje no Museu Egípcio de Berlim, que é um exemplo perfeito desse caos retratado. O cânone das formas foi totalmente esquecido e a peça em questão, na verdade uma estela chamada de Estela de Montuhotep, que data do período Intermediário entre o Médio e o Novo Impérios, traz desenhos que, embora possuam figuras humanas e hieróglifos, parecem mais ter sido feitos por um garoto da sexta série que se apressava em terminar o trabalho para não se atrasar para a escola...

Assim chegamos à figura do artista propriamente dita. O profissional do desenho tinha necessariamente que seguir as regras e nunca assinava sua obra nem impunha algo que ficasse diferente do cânone das formas. Vamos ver o que Rose-Marie e Rainer Hagen dizem disto:

"O artista, tal como o conhecemos, ainda não existia. Não se encontram traços dessa originalidade e dessa criatividade (hoje tão ligadas a este tipo de trabalho) senão nos esboços dos fragmentos de olarias ou dos estilhaços de pedra. Os egípcios julgavam os artesãos/ artistas pela sua capacidade de reproduzir segundo a compilação dos modelos 'sagrados', os programas pictóricos tradicionais, de forma harmoniosa sobre as paredes."

Um texto atribuído a Iriirusen, artista do Médio Império, traz uma definição que ele teria dado a si mesmo:

"(...) eu conheço... a avaliação do cálculo correto... a maneira como um corpo deve ser colocado onde é preciso... de resto sou um artista excelente na sua arte, um homem acima do comum por parte dos seus conhecimentos: eu conheço o passo da estátua de um homem... a posição da mulher... a atitude de quem lança a fisga..."

Todas as obras de arte eram assim realizadas por equipes de trabalho e jamais eram assinadas. Assim, todos os trabalhos egípcios são anônimos por natureza. Outro ponto que é diferente da nossa concepção moderna é que o artista, justamente por mexer com representações sagradas de deuses e faraós, era supostamente bem visto na sociedade egípcia. Assim, o mito do artista que morre de fome e não consegue vender seu trabalho era praticamente desconhecido por lá.

Essa natureza anônima permitiu que apenas alguns casos de nomes de artistas fossem conhecidos. No mais, pouco se sabe sobre o caráter de seus criadores, inclusive nos demais aspectos sociais e pessoais. Assim não é errado concluir que o artista egípcio não tem um sentido de individualidade em sua obra, mas sim efetua um trabalho sempre de acordo com

uma encomenda e requisições específicas.

No mais, sabe-se que os trabalhos eram feitos em oficinas, onde se reuniam executores e mestres de diferentes vertentes artísticas juntamente com escultores, pintores, carpinteiros e até mesmo embalsamadores, que se inteiravam das representações sagradas para realizarem seus trabalhos junto dos corpos que cuidavam. Os trabalhos, inclusive, não eram feitos em unidades, mas sim em série.

Objetos de estudantes e pesquisadores de arte atuais, as peças de arte egípcia podem apresentar para o olho melhor treinado diferenças que refletem traços individuais. Por exemplo, algumas apresentam inovações em termos de composição decorativa, enquanto outras mostram o talento do artista envolvido, apesar de produzir em massa. Mesmo como um executor de tarefas sobrenaturais, ele precisaria de contato com o mundo divino, que forneceria o poder por meio de sua força criadora. O termo original para este profissional já diz tudo: *sankh,* ou seja, *o que dá vida.*

Efeitos Mágicos

Tratemos agora de um outro aspecto intimamente ligado à produção artística do Egito antigo: o lado mágico. É claro que, com essa mania de escreverem nas paredes, muita informação foi perdida com o passar do tempo, principalmente aquelas inscritas em palácios e habitações que eram construídos com tijolos de terra crua, vindo do lodo do Nilo. Pondera-se que tipo de informações poderia ter chegado até nós caso tivessem sido salvas.

A grande parte do que sabemos vem das inscrições feitas em templos e túmulos, destinados aos deuses e aos mortos, não para amadores de arte. O povo só tinha acesso mesmo às estátuas gigantes que eram colocadas diante dos templos e às esculturas que ornamentavam as faces exteriores dos pilões, que serviam também como uma espécie de propaganda política.

Sabemos, pela análise dos exemplares retirados dos túmulos, que as estátuas e as pinturas desses locais tinham um objetivo primordial, que era o de garantir a vida eterna para a alma (ou o Ka, mais especificamente), que podia pular para fora de seu corpo mumificado quando quisesse e passar para a estátua ou para a pintura do mural. Qualquer um desses casos podia servir de abrigo para a alma caso o corpo fosse destruído, na maioria das vezes pelos já citados ladrões de túmulos, que despedaçavam as múmias em busca dos amuletos e pedras preciosas que eram colocados entre suas bandagens. Toda aquela decoração podia inclusive fornecer receptáculos para o falecido animar, sempre por meio de fórmulas mágicas. Assim pode-se concluir que todos esses objetos eram necessários para garantir a ressurreição. Não era necessário haver uma representação figurativa do morto, bastando a presença de um retrato idealizado (ou seja, sem muitos detalhes, o que deve causar fúria na maioria dos artistas modernos). Por meio da combinação entre magia e arte, claro, aspectos da vida anterior do morto como velhice e doença nunca apareceriam, além de conservar a maturidade masculina.

O nome do morto sempre era mencionado na estátua ou acima de seu retrato em qualquer posição que aparecesse. Era um elemento de identificação e de personalidade que servia para garantir tanto a individualidade do morto quanto a sua capacidade de realizar essas tarefas mágicas de transformação. Um exemplo de como essa interação acontecia era que, enquanto os artistas trabalhavam, os artesão recitavam fórmulas mágicas que eram transmitidas de pai para filho juntamente com as técnicas do ofício. Para os egípcios, a magia vivia nas peças de arte e eram sujeitas a leis. Dessa maneira, o faraó sempre estará massacrando seus inimigos e o escriba acocorado pode, a qualquer momento, levantar-se e voltar para o convívio da luz do dia, atingindo assim a tão almejada imortalidade.

Panorama Geral

A seguir, veremos os pontos artísticos principais de cada fase da história egípcia.

Período Arcaico ou Tinita

Pouca coisa sobreviveu dessa época, mas alguns túmulos conseguiram legar alguns exemplos. É aqui que se perde o "primitivismo formal" e se observa alguma influência da arte mesopotâmica, especialmente nas fachadas dos templos.

Antigo Império

As proporções do corpo humano tornam-se mais equilibradas e harmoniosas. Cresce a atenção aos detalhes. Imhotep é o primeiro nome ligado ao uso da pedra talhada e da sua aplicação para objetivos expressivos.

Durante a Quarta Dinastia são construídas as pirâmides de Gizé, como já foi comentado. Juntamente com esses monumentos, surge a Esfinge, com o rosto do rei Khafré, uma homenagem ao monarca. Na Quinta Dinastia as proporções faraônicas já se reduzem a tamanhos mais acessíveis.

Aumenta também o gosto pelas estátuas-retrato de grande robustez pelo seu volume cúbico e imobilidade. A maioria das figuras desse período estão em pé, com a perna esquerda avançada ligeiramente para a frente, ou ainda sentadas. Nota-se também uma diferenciação na cor da pele masculina, mais escura, e feminina, mais clara. Começam as representações nos túmulos de cenas do cotidiano.

Os materiais mais utilizados na estatuária foram o diorite, o granito, o xisto, o basalto, o calcário e o alabastro.

Primeiro Período Intermediário

Um dos primeiros períodos em que o caos e a desordem política refletem-se nas pinturas e na produção artística existente, a ponto de fazer com que seja praticamente nulo. Neste período são os textos que aparecem mais e retratam a revolução espiritual da época. É aqui que o homem comum começa a acreditar que tem tanto direito à vida eterna quanto os faraós ou seus altos funcionários.

Médio Império

Na arquitetura, foram adaptados os padrões artísticos usados nas construções, provavelmente pelas tentativas de retomada da construção de pirâmides. Porém o resultado vai longe dos obtidos no Antigo Império e hoje não passam de escombros.

Na escultura, a expressão humana ganha nova dimensão e realismo, passando a retratar nas representações faraônicas os sinais de envelhecimento de seus modelos reais. Até a representação bidimensional perde a sua dependência dos cânones e adota uma maior naturalidade e algumas noções de profundidade tridimensional. Nessa época foram criadas esfinges em que os rostos dos monarcas aparecem emoldurados por suas tocas reais.

Na pintura, foram os túmulos dos governadores dos nomos que deixaram espetaculares cenas de caça, pesca, banquetes e danças. As pinturas são realizadas sobre estuque fresco ou relevos.

Segundo Período Intermediário

Um dos maiores mistérios é justamente saber o que aconteceu com a arte durante esse período. É mais um período obscuro e de grande insegurança. Como no primeiro período intermediário foram outros segmentos que se destacaram, entre eles a matemática e a medicina.

Novo Império

Após uma nova reunificação do Egito a arte volta a ter mais um período de estabilidade que revive as tradições do passado em monumentos que existem até hoje. Em Tebas surgem grandes edifícios, a principal entidade é Amon e seu principal centro de culto era Karnak.

Aqui os reis abandonam de vez a tradição de serem sepultados em pirâmides e apelam para uma nova tentativa de escapar dos saqueadores de túmulos. Vão para o Vale dos Reis (sobre o qual falaremos no Capítulo 8) e são seguidos pelos altos dignitários.

Em Deir El-Bahari há o templo funerário da rainha Hatchepsut, construído pelo seu arquiteto Senemut que se enquadra perfeitamente na falésia de calcário em que se encontra. É vizinho ao templo de Mentuhotep II, que foi construído quinhentos anos antes.

É também nesse período que floresce a arte de Amarna, nome atual da cidade construída pelo faraó Akhenaton. O estilo amarniano caracteriza-se por ser excessivamente naturalista e por quebrar as regras anteriores da solidez e da imobilidade. As obras deste período possuem maior fluidez e flexibilidade, principalmente na escultura, que assume formas orgânicas e pouco geométricas, e chegam a beirar a caricatura em alguns casos. Apesar disso, o exemplo mais famoso da arte desse período é o busto de Nefertiti, do Museu de Berlim.

Os sucessores de Akhenaton devolvem a arte aos padrões anteriores. Quando Tutancâmon reinou, os padrões de arte já estavam de volta ao normal.

Foi com Ramsés II que a arte egípcia voltou ao auge. A literatura prestou-se a contar histórias mitológicas e épicas de guerra. Até o final de seu reinado vemos impostos estilos variados que retomam em essência as antigas tradições.

Terceiro Período Intermediário

Após Ramsés III, começou a degradação do poder faraônico. Neste período, que durou cerca de 350 anos, a arte seguiu os passos estabelecidos durante o Novo Império. Os trabalhos mais citados são os do segmento de metalurgia, principalmente as máscaras dos faraós Psusennes I e Chechonk II, o pendente em ouro de Osorkon II e a estátua em bronze da adoradora divina de Amon Karomama.

Época Baixa

A presença de estrangeiros no período é constante, mas mesmo assim a Vigésima Sexta Dinastia consegue reunificar o Egito. O poder real concentra-se no delta do Nilo, onde estão grandes cidades como Sais, Mendes e Sebenitos, cenários de grandes trabalhos arquitetônicos.

Durante essa dinastia também se nota uma maior qualidade no trabalho de polidez da pedra, que dá origem a trabalhos conhecidos como “arte lambida”, em que as pedras usadas tornaram-se tão lisas que quase não se acredita que tenham estado brutas um dia.

Egito Ptolomaico

Quando Alexandre, o Grande conquista o país e seu general Ptolomeu assume o governo algum tempo depois, começa o último governo faraônico que dura até a tomada do país pelos romanos.

Nesse período, os ptolomaicos assumiram as formas artísticas egípcias. Os reis desse período aparecem nos templos como os antigos faraós. Há uma forte predominância da harmonia helenística que será seguida desde os templos até a reprodução de retratos em madeira que eram colocados sobre as múmias, substituindo as máscaras mortuárias por efígies inicialmente helênicas, depois romanas.

Capítulo 7
Ladrões de Túmulos e Maldições



A imagem das múmias está intimamente ligada ao antigo Egito, como vimos nos capítulos anteriores. Mas há um outro detalhe que está, por sua vez, ligado às múmias e que fez a festa de escritores e roteiristas de cinema pelo potencial literário que isso causou. É claro que estamos nos referindo à questão milenar da assim chamada "maldição dos faraós".

Todos sabem, por exemplo, que o *blockbuster A Múmia*, de 1999, com Brendan Fraser, tinha por princípio um sacerdote que é amaldiçoado a sofrer "uma condenação pior que a morte" por seu amor proibido pela eleita do faraó. O filme, uma excelente aventura e entretenimento, é, do ponto de vista egiptólogo, um verdadeiro amontoado de bobagens que, infelizmente, é confundido pelas pessoas que pensam que o que está lá retratado acontece de verdade. Um exemplo disso é o secretário-geral do Conselho Supremo de Antigüidades do Egito, o arqueólogo Zahi Hawass, conhecido dos que acompanham os documentários de TV por assinatura. Em artigo sobre a maldição dos faraós, ele revelou que, numa conferência na Pensilvânia, nos Estados Unidos (onde leciona arqueologia pela UCLA – Universidade da Califórnia em Los Angeles), várias pessoas perguntaram se ele não sentia medo da maldição...

O doutor Hawass é um exemplo interessante. Nomeado em 2006 pela revista norte-americana *Times* (sócia do conglomerado Time-Warner) como uma das 100 pessoas mais influentes do planeta, sempre foi um apaixonado pela arqueologia. É sempre o primeiro a entrar num túmulo ou ruína recém-descoberta pelos arqueólogos e tem o poder para permitir ou vetar estudos de qualquer um que se atreva a examinar o passado do Egito. Mesmo assim, ele escreveu numa edição especial da revista *National Geographic*, publicada por aqui em 2004, sobre a questão da maldição:

"Existe realmente uma maldição dos faraós? Os antigos egípcios acreditavam em magias e maldições? A resposta, ao menos, para a segunda pergunta, é sim. Os antigos egípcios inscreviam, de fato, pragas ameaçadoras nas paredes e portas de suas tumbas."

Como exemplo, ele cita que encontrou duas delas na capela funerária de uma autoridade do Antigo Império chamada Petety. As maldições estavam gravadas nas laterais da entrada que leva à câmara interna da capela. Eis o texto de uma delas:

"Àquele que adentrar esta tumba
E a ela causar dano ou grande risco:
O crocodilo o perseguirá na água
E as serpentes o perseguirão em terra.
O hipopótamo o perseguirá na água,
E os escorpiões o perseguirão em terra."

A segunda dizia:

"Escutem todos!
O sacerdote de Hathor castigará em dobro aquele que
Entrar nesta tumba ou fizer qualquer mal a ela.

Os deuses o confrontarão, pois sou honrado pelo meu Senhor.
Os deuses não permitirão que qualquer coisa aconteça a mim.
O crocodilo, o hipopótamo e o leão devorarão aquele que causar
Qualquer malefício à minha tumba."

Com certeza uma maldição um pouco distante da que originou o mito, a que supostamente constava na tumba de Tutancâmon, cujo bordão já foi até tema de programa de TV: "A morte virá com asas ligeiras para aquele que perturbar o sono do faraó." E então o leitor pode parar e perguntar simplesmente: "Como foi que surgiu essa história de maldição?" Para compreender melhor, é necessário voltar um pouco no tempo e relembrar o panorama que levou Howard Carter e Lorde Carnarvon à descoberta do século, já relatada neste livro no Capítulo 1. Tutancâmon teria sido o faraó que começou todo o terror ligado a esses túmulos. Ou melhor, a imprensa britânica. "Quem conta um conto, aumenta um ponto", diz o ditado popular, mas no caso de meios de comunicação a frase muda para "Quem conta um conto, cria uma lenda."

As Origens da Maldição de Tutancâmon

Não vamos repetir aqui a maioria dos detalhes já descritos no capítulo dedicado ao faraó menino. Mesmo porque Tutancâmon estava mais para adolescente do que para menino, já que morreu com cerca de 18 anos de idade e em sua tumba já havia, inclusive, múmias de bebês que se supõe que sejam seus filhos.

Lembremos apenas que Tut morreu por volta de 1300 a.C. e que sua tumba passou por muito tempo despercebida no Vale dos Reis, sobre o qual falaremos com mais detalhes no Capítulo 8. Carter estava convencido de que o jovem rei estava em algum lugar daquela necrópole e passou por toda a via sacra de convencer Lorde Carnarvon a financiar algumas temporadas para localizar o que ele próprio considerava um possível achado importante para a arqueologia. Algo que traria fama e fortuna para ambos. Hawass teve a oportunidade de conversar com uma testemunha ocular da descoberta, o xeque Aly, um senhor de 70 anos que era chefe de uma família extensa. Segundo ele, em 1922, era apenas um garoto que usava o Vale dos Reis como *playground*. Conta Hawass:

"Ao que se sabe, sua família, os Abd el-Rassul, vivia na região desde sempre. Na década de 1870, eles descobriram um grande número de múmias reais ao vasculhar uma tumba secreta a poucos quilômetros do Vale dos Reis. Um grupo de sacerdotes egípcios teria encontrado aquelas múmias de reis e rainhas do Novo Império e as escondido na tumba, um poço profundo, por volta do ano 1000 a.C. Tiveram esse cuidado para mantê-las a salvo dos ladrões de tumbas que andavam percorrendo o Vale."

Aqui entra em cena o principal fator que motivou o surgimento das maldições: os ladrões de túmulos. Como vimos nos capítulos anteriores, eles são responsáveis pelo saque da maioria dos túmulos do Antigo e do Médio Impérios. Chegou até nós um papiro datado de 1100 a.C. que narra uma história de roubo a tumbas na região. Em determinado trecho lê-se claramente a pergunta de um juiz da corte que interroga o acusado. "Por que você roubou a tumba do faraó?" A resposta pode muito bem ter sido sarcástica ou desafiadora, mas quem a consegue ler não segura um riso contido: "Todo mundo diz que o faraó é um deus. Por que ele não me deteve?"

Voltemos à nossa história principal: Howass conta que a família do xeque manteve a existência do tal esconderijo em segredo até que, em 1881, um membro da família deu com a revelou o segredo para as autoridades e funcionários do governo removeram as múmias, que hoje estão no Museu do Cairo. Conta-se que, durante o cortejo do barco que as transportava Nilo acima, a população local via o transporte e chorava pela partida de seus reis antigos.

A partir daquela data, misteriosos fatos aconteceram com a família do xeque. Os membros começaram disputas entre si e várias coisas ruins aconteceram. O xeque teria confidenciado a Hawass que isso teria despertado a maldição de seus ancestrais.

Foi justamente o xeque e sua família que ajudaram Carter nos trabalhos e estava entre as pessoas que testemunharam a descoberta do degrau que levava à entrada do túmulo de Tut, ainda encoberto por muito entulho do passar dos séculos.

Carter esteve em 1922 na mansão Highclere, dos Carnarvon, para pedir mais uma temporada, que ele mesmo iria financiar. Impressionado com a resolução de seu protegido, Lorde Carnarvon concordou em financiar o que seria a derradeira temporada. Satisfeito com o resultado, Carter ainda passou numa loja de animais e comprou um canário. Voltou ao Egito em setembro e confidenciou ao *reis* (nome do chefe dos trabalhadores locais) que o canário era especial. O *reis* disse que, se era assim, o pássaro traria boa sorte.

O trabalho avançou e na tarde de 4 de outubro um menino com um burrico que trazia água fresca para os trabalhadores se aproximou do local e cavou um buraco na areia para ajeitar um dos potes. Foi quando o primeiro degrau de calcário da tumba foi encontrado. O xeque Aly disse que Carter logo viu que a descoberta era importante e então telegrafou para que Lorde Carnarvon fosse imediatamente para o Egito. Após o fato, ele voltou para sua tenda e então teria testemunhado que uma cobra comeu o canário adquirido. A partir daí começaram os boatos sobre a suposta maldição.

O resto já foi narrado no Capítulo 1, por isso vamos avançar um pouquinho. O túmulo foi furado por Carter, que colocou uma vela numa pequena abertura, já que eles não podiam fazer nada sem a presença das autoridades egípcias, que ainda demorariam um pouco para chegar ao local. Quando Lorde Carnarvon perguntou se ele via algo, deu a famosa resposta: "Sim, coisas maravilhosas!"

Nos próximos anos, a imprensa mundial concentrar-se-ia em noticiar os tesouros resgatados da tumba, muitos deles necessitando de restauração antes mesmo de serem retirados. Eram no total cerca de cinco mil objetos, de roupas a jóias, de apetrechos cerimoniais a móveis. Porém havia também indícios de que os ladrões de túmulos também conseguiram entrar por lá, tanto que havia alguns objetos cuja ausência era facilmente identificada nos quais ficaram para trás. De fato, embaixo de um móvel, havia um buraco na parede do túmulo. Aparentemente, os ladrões teriam sido apanhados pelos guardas da necrópole e a tumba novamente fechada. Só então teria ficado em paz até ser descoberta por Carter e sua equipe.

É claro que, nesse meio tempo, havia uma avalanche de pessoas, entre jornalistas e turistas, que queriam ter acesso à tumba intocada. E, como todos devem saber, até que determinado local antigo seja liberado para o público em geral, demora um pouco, pois o trabalho dos arqueólogos é muito demorado e meticuloso. Foi com esse pensamento que Lorde Carnarvon vendeu os direitos da cobertura dos trabalhos com exclusividade para o *Times* londrino. E aí começou uma reação que atrairia a ira não só dos demais jornais da Inglaterra, que se viram privados da possibilidade de falar sobre o assunto, mas também criou atrito com o governo britânico. Howass comenta:

"Carter e Carnarvon agiram como se a tumba tivesse sido encontrada na Inglaterra, e não no Egito. Tratavam as autoridades e os jornalistas egípcios como estrangeiros! Segundo indícios, Carter e Carnarvon teriam até mesmo subtraído alguns artefatos da tumba."

A situação, como podemos ver, era tensa entre os descobridores, as autoridades egípcias e demais jornais, tanto do Egito quanto da Inglaterra. Um ambiente bastante propício para o aparecimento de qualquer boato que faça quebrar o monopólio da informação.

E esse boato de fato aconteceu quando, no final de fevereiro de 1923, Lorde Carnarvon foi picado por um mosquito na face. No dia seguinte, quando foi se barbear, fez um corte com a navalha bem no local da picada, que gerou uma infecção grave. Ele contraiu pneumonia pouco tempo depois e morreu em 5 de abril de 1923, apenas cinco meses após a descoberta da tumba. É claro que os jornais descontentes com a situação da cobertura aproveitaram-se e lançaram uma verdadeira enxurrada de histórias sobre a suposta maldição de Tutancâmon.

Hoje, o homem moderno pode pensar que é coisa de criança acreditar em tal história, mas lembrem-se de que estamos falando de uma época em que os maiores sucessos do cinema eram os filmes conhecidos como Clássicos de Monstro dos Estúdios Universal, dos quais os destaques iniciais eram justamente *Drácula,* com Bela Lugosi, e *Frankenstein,* com Boris Karloff. Esses filmes são cultuados até hoje e conseguem imprimir um certo terror sem a grande utilização de efeitos especiais. Por isso, não é de se espantar que o público mundial tenha consumido as histórias ligadas à maldição de Tutancâmon (depois dos faraós em geral) com avidez. Nem mesmo que a própria Universal tenha posto Karloff para realizar a primeira versão de *A Múmia*, em 1932, que coincidiu com a abertura da tumba de Tut. Junte-se a isso, outra mania na época, os contos e romances de terror, que mexiam justamente com múmias que voltavam à vida.

Após a morte de Carnarvon, vários outros acontecimentos "bizarros" foram ligados ao jovem rei. Hawass cita alguns em seu artigo, como:

• um jornalista relatou que quando Carnarvon estava morrendo em sua cama, num hotel no Cairo, as luzes se acenderam e apagaram várias vezes seguidas e que ele começou a se expressar num idioma que ninguém compreendia.
• o filho de Carnarvon, Lorde Portchester, repetiu várias vezes, sempre segundo os jornais, que Susie, a cadela predileta de seu pai, uivou e caiu morta no exato instante em que seu pai morrera.
• outro jornalista foi mais longe e comparou o lugar da picada de Carnarvon com uma cicatriz de Tutancâmon que, segundo o artigo, "ocupava o mesmo lugar da picada do mosquito".
• alguns jornais publicaram a imagem do santuário dourado que continha os vasos canopos de Tutancâmon e disseram que havia gravado uma inscrição na parede externa do objeto em que se lia a frase "aos que entrarem na tumba sagrada, as asas da morte visitarão em breve".
• uma inscrição contida num tijolo de barro, encontrado em frente a uma estátua do deus Anúbis, foi "traduzida" como "Matarei todo aquele que adentrar o recinto sagrado do grande rei."

Como se tudo isso não fosse absurdo o suficiente, as ligações continuaram mesmo quando a imprensa conseguia identificar uma relação entre o morto e o jovem rei. Senão vejamos algumas atribuídas à suposta maldição:

• o irmão mais novo de Carnarvon, Aubrey Herbert, morreu subitamente em setembro de 1923, cinco meses depois.
• A. C. Mace, que trabalhou ao lado de Carter no registro e escavação da tumba e que escreveu com ele a quatro mãos o relato publicado sobre o assunto, morreu antes de terminar sua tarefa.
• um especialista em raios X, chamado para examinar a múmia de Tutancâmon, morreu antes de chegar ao Egito.
• um magnata norte-americano de estradas de ferro, Jay Gould, visitou o túmulo e, pouco depois, apanhou um resfriado e terminou por morrer de pneumonia.
• Georges Benedite, um egiptólogo francês, estava na tumba quando caiu e se machucou. Morreu pouco depois em decorrência dos ferimentos.
• essa é a hipótese mais absurda de todas: em Londres um príncipe egípcio foi morto por sua esposa ciumenta. Mas para a imprensa a verdade aconteceu quando a alma de uma princesa egípcia (que vai Deus saber de onde veio, com certeza não da tumba de Tut) teria saído de lá, possuído a esposa e matado o marido.

Mesmo aqueles que teriam vivido anos antes de se pensar no nascimento de Carter e Carnarvon foram ligados à maldição somente porque estudavam o Egito. Champollion, que decifrou os hieróglifos, morto em 1832, teria morrido porque "decifrou os segredos esquecidos dos faraós".

Uma das mais estapafúrdias, entretanto, ligou uma morte do final do século XIX com a maldição. No sítio de Meidum estavam escavando naquela época a tumba de um alto dignitário e parente do faraó Khufu chamado Rahotep e de sua esposa chamada Nofret. Esse lugar foi aberto em 1871 pela equipe do egiptólogo francês Auguste Mariette. Havia um operário que foi o primeiro a adentrar o local e ao ver as estátuas do casal morto, que estavam

a um canto, pintadas em cores ainda fortes e com cristais nos olhos que davam um ar vivo às figuras, deu um grito e caiu morto devido a um ataque cardíaco. E também essa morte foi indicada como efeito da agora maldição dos faraós egípcios.

Novas Histórias de Maldições

E se o leitor pensa que todos esses boatos morreram naquela época, está tremendamente enganado. Com o passar dos anos, a mania pelas maldições egípcias acalmou um pouco, mas voltou à tona com força durante a década de 1970, quando alguns dos tesouros de Tutancâmon foram selecionados para uma exposição mundial. Na época, a Organização das Antigüidades Egípcias era dirigida por Mohammed Mahdy, que assinou o termo, datado de 1977, para que 50 artefatos do tesouro de Tut fossem para os Estados Unidos e depois para a Inglaterra. Na mesma tarde, entretanto, Mahdy foi atropelado e morreu.

Seu sucessor, Gamal Mahrez, foi entrevistado por um escritor alemão de nome Philip Vandenburg, que baseado nas entrevistas feitas com aquele egiptólogo, escreveu um livro chamado "discretamente" de *A Maldição dos Faraós*. Lá ele alega que perguntou a Mahrez se ele acreditava em tal coisa e que o entrevistado respondera apenas que "eu trabalho há 30 anos como arqueólogo, descobri templos, tumbas, múmias e ainda tenho saúde". Aparentemente o egiptólogo morreu no dia seguinte, de ataque cardíaco.

O mesmo Vandenburg propagou em sua obra a existência de uma "placa" na tumba de Tut com a seguinte inscrição: "A morte deitará sua asas sobre aquele que perturbar a paz do faraó." Curiosamente não há registro de tal placa e ninguém que esteve envolvido com a descoberta de Carter jamais citou tal objeto. O jornalista extrapolou ao afirmar que isso aconteceu "porque a placa se perdeu".

Howass conta, ainda, que, quando estava estudando para seu doutorado, que faria na Universidade da Pensilvânia, na Filadélfia, durante a década de 1980, leu num jornal norte-americano da época a história de um homem que trabalhava no ramo de turismo e que havia matado a esposa. Até aí tudo bem. O que realmente chamou a atenção foi a defesa do homem, que alegou estar sob a influência da maldição dos faraós que se manifestou para ele por meio de um *ushabti* que comprara no Egito e que o impulsionara a matar a esposa a facadas.

Numa outra ocasião, ainda na Pensilvânia, uma mulher se levantou durante uma palestra e fez a seguinte declaração para que todos ouvissem:

"Sou uma jovem saudável, até recentemente nunca havia adoecido ou consultado um médico. Há dois meses fui para o Egito e toquei numa estátua no museu. Quando voltei, fiquei doente."

Outra história que o secretário conta e que chama a atenção foi a da visita do prefeito de Los Angeles, Tom Bradley, ao Egito. Na ocasião, Howass o levou para ver as pirâmides porque, na época, estava sendo realizada uma obra de restauração na Esfinge. Bradley quis subir na e Howass disse em tom de brincadeira que "toda autoridade que chegara ali perdera seu cargo". Um mês depois o prefeito perdeu a eleição e seu cargo. "E ele não chegou a subir na Esfinge", lembra o secretário.

Os Ladrões de Túmulos e a Magia

Os egípcios, como vimos nos capítulos anteriores, acreditavam que o mobiliário de suas tumbas ajudava seus *ba* a retornarem para o mundo dos vivos, por isso colocavam pinturas e estátuas no local. Também acreditavam que os mortos tinham poder e influência sobre os vivos, o motivo pelo qual escreviam cartas pedindo ajuda aos falecidos. Essas cartas eram deixadas nas capelas ligadas às suas tumbas e algumas chegaram até nós. Uma, por exemplo, é de uma mulher que pede ao marido que ajude na recuperação da saúde de uma criada. Outra, de um homem para sua esposa morta, pergunta porquê ela o deixou e que ele se sentia infeliz por viver sem ela.

Então não é de se espantar que a preocupação egípcia com os túmulos fosse grande. Além das pilhagens que aconteciam não apenas nos túmulos reais, mas também nos dos altos dignitários (e mais tarde nos das demais pessoas), havia um enorme comércio de objetos saqueados no mercado negro. Enfim, os roubos de túmulos eram uma praga que os egípcios não conseguiam controlar, mesmo que se esforçassem para tanto.

Muitas armadilhas foram tentadas para deter os ladrões. Por exemplo, os sarcófagos com as múmias eram depositados ao fundo de poços que eram posteriormente preenchidos com pedras e entulho. Esses poços eram muito compridos, como atesta Hawass, que conta sobre um descoberto em Saqqara, com nada menos do que 18 metros de profundidade. Porém os ladrões conseguiam entrar das maneiras mais surpreendentes. Por exemplo, no poço citado por Hawass, havia indícios de entradas dos ladrões que escavaram em meio ao entulho até o fundo. Ele conta:

"Em alguns casos, os ladrões partiam do fundo de um poço e cavavam um túnel, interligando-o a outro. A precisão com a qual alguns desses túneis eram cavados revela que os saqueadores sabiam exatamente onde estavam e pretendiam chegar. Provavelmente muitos desses ladrões eram as mesmas pessoas que trabalhavam nas construções das tumbas!"

Curiosamente, as tumbas reais não possuíam inscrições com maldições. Os reis tinham, na verdade, outro tipo de proteção, como guardas e sacerdotes que vigiavam as pirâmides dia e noite. As entradas e corredores internos eram bloqueados por grandes lajes de granito, como as encontradas em várias pirâmides, não só nas de Gizé.

Um caso, já citado aqui, foi o da pirâmide da rainha Hetepheres, a mãe de Khufu. Quando foi descoberto por um arqueólogo em 1925, o local estava cheio de apetrechos funerários, mas não havia um só sinal da múmia da rainha, que se supõe estar em algum outro lugar ainda não confirmado. Há quem acredite que a múmia foi vítima dos ladrões, que a despedaçaram em busca dos amuletos e jóias que eram embrulhados com os corpos mumificados.

Porém o debate sobre a existência ou não de uma maldição antiga continua. Hawass mesmo já foi testemunha de que algo da magia dos egípcios ainda pode estar rondando as velhas ruínas. Em Tuna el-Gebel, nome atual do local conhecido na Antigüidade como Hermopolis, Howass conta que estava em seu escritório quando um casal bem vestido chegara para visitar o sítio arqueológico. Ele era um médico e ela, formada em comércio. O secretário os convidou para um chá e ficou sabendo que eles estavam lá porque eram casados há oito anos e

não haviam conseguido ter filhos. Nenhum dos médicos dos grandes centros como Alexandria ou Cairo poderia ajudá-los. Até que ouviram algumas pessoas de sua cidade comentarem que havia um local considerado mágico dentro do templo de Thoth, o deus da sabedoria, onde se localizava um monumento a Min, o antigo deus da fertilidade. A senhora em questão só precisava ficar algum tempo sobre uma pedra que a gravidez era garantida.

É claro que Howass não acreditou naquilo e ainda tentou censurar o médico por entrar nessa conversa. Porém, para seu espanto, o homem não só confirmou que acreditava como pediu para que ele mostrasse o local. Embora achasse aquela conversa sem pé nem cabeça, o secretário chamou o chefe dos guardas e pediu para que o casal fosse levado até o local que queriam tanto ver. Passou-se um ano e nunca mais ele soube algo sobre o médico ou sua esposa.

Até um dia em que eles reapareceram. Eles passaram para fazer uma visita a Howass e apresentar seu filho recém-nascido, cuja concepção atribuíram ao antigo deus egípcio. Como diz o secretário:

"É possível que ocorrências desse tipo, inexplicáveis, tenham ajudado a minha determinação de enfrentar qualquer perigo para proteger nosso passado."

Capítulo 8
O Vale dos Reis



Tutancâmon, verdade seja dita, somente escapou da "pior das mortes", de acordo com os egípcios antigos, por uma questão de sorte. Se ele tivesse sido um faraó como Khufu ou Kafré, provavelmente seu túmulo teria sofrido o mesmo destino das Pirâmides de Gizé, ou seja, seria apenas mais uma tumba vazia e sua múmia não seria hoje a única que ainda repousa no Vale dos Reis.

A primeira impressão que se tem quando se observa qualquer foto ou vídeo sobre a necrópole do Novo Império é de que fica numa área tão afastada que, se não fosse pelos turistas que vão lá, provavelmente apenas os arqueólogos se ocupariam de explorar as tumbas do lugar. Porém, a verdade não é essa, já que o Vale é um dos pontos altos de qualquer visita turística ao país.

É claro que a aridez contribuiu (e muito) para propagar a famosa lenda da maldição de Tutancâmon. Afinal, de um lugar tão distante e lúgubre, só poderia mesmo vir algo tão excêntrico. Porém o interessante é mesmo deixar de lado as lendas e superstições e tentar enxergar o local pelo ponto de vista histórico. Vamos revisar o que sabemos sobre o famoso Vale que abrigou alguns dos maiores monarcas do Egito.

O Vale dos Reis foi usado por cerca de 500 anos como necrópole não apenas real mas também para altos funcionários e nobres pertencentes a um grupo que foi da Décima Oitava a Vigésima Dinastia, mais precisamente entre os séculos XVI e XI a.C. A região fica na margem leste do Nilo, próxima à antiga cidade das 100 portas chamada Tebas (correspondente à moderna Luxor), no coração da necrópole tebana.

No geral, a região é dividida em dois Vales: o Vale do Leste (onde estão a maioria das tumbas reais) e o Vale do Oeste, cujos túmulos ainda são trabalhados pelos arqueólogos e que não é aberto ao público.

A descoberta de Tutancâmon, em 1922, foi apenas uma das mais espetaculares já feitas no local, porém não foi a única. Por exemplo, uma delas, que sempre havia sido posta de lado pelos arqueólogos e tida como uma tumba menor, foi redescoberta recentemente e identificada como o local de repouso dos lendários filhos de Ramsés II (falaremos mais sobre ela daqui a pouco). Todas essas escavações mostram que mesmo hoje, passados mais de 80 anos da descoberta de Howard Carter, ainda há aqueles que acreditam que podem encontrar algo por lá. Um exemplo disso aconteceu em 2006, quando, logo no começo do ano, se anunciou a descoberta de um novo túmulo por lá, o primeiro desde Tutancâmon. A descoberta continha

cinco sarcófagos intactos com múmias da Décima Oitava Dinastia, o que, ao ver das agências de notícias mundiais, “quebrou assim a enraizada crença de que não existia mais nada para descobrir no Vale”. Um dos egiptólogos envolvidos, o norte-americano Lent Weeks, analisou a tumba e é da opinião de que o local sugere “que não foi aberto para um faraó”. Zahi Hawass anunciou que poderia tratar-se de um túmulo de uma esposa ou de um filho real. A tumba fica a apenas cinco metros da de Tutancâmon, o que nos faz pensar na ironia da cena: Carter e os demais de sua equipe contentes com o tesouro de Tut, sem saber que havia uma outra esperando pela oportunidade de ser encontrada a tão pouca distância...

Porém as buscas no Vale dos Reis não são uma atividade típica do começo do século passado. Desde o século XVIII, os pesquisadores acreditam que há muito mais do que o local já apresentou que espera por pesquisas. E por mais que os modernos arqueólogos tenham em mãos instrumentos de alta tecnologia, ainda há muito o que ser examinado, a julgar pela recente descoberta anunciada em 2006.

Vale a pena lembrar também que a necrópole tebana bem como o Vale dos Reis tornaram-se Patrimônio Mundial em 1979. Ao mesmo tempo em que muitos pesquisadores das mais renomadas universidades mundiais se interessem em trabalhar por lá, o medo de atividades terroristas, que atinge outros lugares de interesse desse segmento como os templos, faz com que muitos investidores se mantenham à distância dos trabalhos. Zahi Hawass declarou, em vários programas de TV, que ainda há muito o que fazer no Egito e que o material recuperado até agora, referente a toda a atividade arqueológica por lá, é apenas uma pequena fração do que realmente se conhece sobre o Egito Antigo.

De todos os sítios arqueológicos é claro que o mais fascinante é mesmo o Vale dos Reis. Graças à expedição de Carter, objetos admiráveis foram recuperados dos túmulos do lugar. Somente a paciência dos arqueólogos saberá dizer o que mais os aguarda naquele vale tão árido.

As Nomenclaturas

Tebas teve essa denominação vinda dos gregos, que a separaram da Tebas de seu próprio país, denominada "A das Sete Portas". A Tebas egípcia chamava-se, na verdade, Niwt que, em egípcio antigo, significa "a cidade". Suas colinas são dominadas pelo pico conhecido como Al-Qurn, que equivale à denominação antiga de "Ta dehent", ou "O Pico". Este possui uma aparência em formato de pirâmide e que provavelmente ecoava como um símbolo que as representava no Antigo Império. Sua posição isolada também resultou em acesso reduzido e contava com uma polícia especial, chamada Medjay (termo usado no filme *A Múmia,* de 1999), que guardava a necrópole.

A grande diferença entre os túmulos do Vale e as pirâmides que salta à vista é a forma como foram trabalhados. Enquanto as pirâmides eram um símbolo que lembra, a todos que as vêem, o poder que o faraó exercia (o que de nada adiantou pois, como vimos, todas foram saqueadas), os túmulos do Vale foram cavados diretamente na rocha que compõe o lugar, o que fazia com que sua posição teoricamente sumisse dos olhos dos ladrões. O que não era bem uma novidade arquitetônica, já que muitas pirâmides e mastabas continham seções que levavam para o nível do chão, além de haver registros que dão conta da existência de tumbas do mesmo estilo, mas que datam da época do Antigo Império.

Após a derrota dos *hicsos* e de uma nova reunificação do país, que era então governado por Amósis I (entre 1580 e 1558 a.C.), os governantes de Tebas começaram a construir essas elaboradas tumbas que refletiam seu poder reconquistado. As tumbas de Amósis I e de seu filho Amenófis I, embora se desconheça o local exato, provavelmente estariam em algum lugar da necrópole de Dra' Abu el-Naga', na margem oeste do Nilo. No Vale, que é o que nos interessa, as primeiras tumbas escavadas foram a de Amenófis I (embora sua identificação exata seja objeto de discussão) e a de Tutmés I, cujo conselheiro Ineni anotou em seu próprio túmulo que a idéia de colocar o túmulo real "naquele lugar desolado" tinha sido dele:

"Eu vi a escavação da tumba na rocha de sua majestade, sozinho, ninguém viu, ninguém ouviu."

O Vale foi, assim, usado principalmente para enterros entre aproximadamente 1539 e 1075 a.C. Contém aproximadamente 63 tumbas, que começam com a de Tutmés I e terminam com a de Ramsés X ou XI. Apesar do nome e do fato de que havia um grande números de reis enterrados por lá (que depois foram removidos de seus jazigos pelos sacerdotes e colocados na tal vala comum onde foram descobertos anos depois e transportados para o Museu do Cairo), seus nobres, seus filhos e suas esposas também lá estavam. Nem mesmo o surgimento do Vale das Rainhas, que seria da época de Ramsés I (1301 a.C.), fez com que o vale fosse só dos soberanos.

A lista a seguir é dos túmulos encontrados no Vale dos Reis. A denominação KV (Kings' Valley) é usada desde 1821, quando foi criada pelo egiptólogo britânico John Gardiner Wilkinson, que viveu no século XIX. O número a seguir indica a ordem pela qual foram descobertos. Esses túmulos são abertos ao público, ao passo que os identificados como WV (West Valley) são fechados.

Vale do Leste

KV1 – Túmulo de Ramsés VII.

KV2 – Túmulo de Ramsés IV.

KV3 – Túmulo de um filho ainda desconhecido de Ramsés III.

KV4 – Túmulo de Ramsés XI.

KV5 – Túmulo dos filhos de Ramsés II, que contém 120 salas e, até o fechamento deste trabalho, ainda estava em exploração. É, de longe, o maior túmulo do Vale.

KV6 – Túmulo de Ramsés IX.

KV7 – Túmulo de Ramsés II.

KV8 – Túmulo de Merenptah.

KV9 – Também conhecido como Túmulo de Memnon. É o túmulo atribuído a dois regentes, Ramsés V e VI.

KV10 – Túmulo de Amenmesés.

KV11 – Túmulo de Ramsés III.

KV12 – Ocupante desconhecido. Pesquisadores acreditam que se trata de um túmulo de família.

KV13 – Túmulo de Bay (importante chanceler asiático no Egito) e depois de Amenherkhepshef (nobre da Vigésima Dinastia, provavelmente filho de Ramsés III).

KV14 – Túmulo de Tausert (outra rainha-faraó no estilo de Hatshepsut, última representante da Décima Nona Dinastia) e depois reutilizado para Setnakhte (primeiro faraó da Vigésima Dinastia).

KV15 – Túmulo de Seti II.

KV16 – Túmulo de Ramsés I.

KV17 – Túmulo de Seti I. Também conhecido como Túmulo de Belzoni (referência a Giovanni Battista Belzoni, explorador e egiptólogo italiano).

KV18 – Túmulo de Ramsés X.

KV19 – Túmulo de Mentuherkhepshef (filho de Ramsés IX).

KV20 – Túmulo original da rainha Hatshepsut e depois de Tutmés I.

KV30 – Conhecido apenas como Tumba de Lorde Belmore (referente ao segundo Conde de Belmore, nobre e político irlandês). O ocupante original é desconhecido.

KV32 – Túmulo de Tia'a (rainha egípcia da Décima Oitava Dinastia, esposa de Amenófis II e mãe de Tutmés IV).

KV34 – Túmulo de Tutmés III.

KV35 – Túmulo original de Amenófis II. Cerca de 12 múmias, muitas delas reais, foram lá colocadas, inclusive Ramsés IV a VI e os Amenófis II e III.

KV36 – Túmulo do nobre Maiherpri (que teria vivido no reinado de Tutmés IV).

KV38 – Túmulo de Tutmés I.

KV39 – Possivelmente o túmulo de Amenófis I.

KV41 – O dono original deste túmulo é desconhecido, mas desconfia-se que seja a rainha Tetisheri (esposa de Taá I, o Antigo e mãe de Taá II, ambos da Décima Sétima Dinastia).

KV42 – Túmulo de Merytre-Hatshepsut (esposa de Tutmés III e mãe de Amenófis II e que não deve ser confundida com a Hatshepsut que foi faraó).

KV43 – Túmulo de Tutmés IV.

KV45 – Túmulo do nobre Userhet (que teria vivido durante o reinado de Tutmés IV).

KV46 – Túmulo dos nobres Yuya e Tjuyu, possíveis parentes da Rainha Tiy (esposa de Amenófis III e mãe de Akhenaton, o faraó herege). Até a descoberta do túmulo de Tutancâmon, era esta a tumba mais bem preservada do Vale.

KV47 – Túmulo de Siptah (penúltimo faraó da Décima Nona Dinastia).

KV48 – Túmulo do nobre Amenemopet, sobre o qual pouco se sabe.

KV49 – O dono original deste túmulo é desconhecido, e os pesquisadores acreditam que era usado como uma espécie de depósito.

KV50 – Túmulo que contém animais enterrados, provavelmente os de estimação de Amenófis II, cujo túmulo fica próximo.

KV54 – Provável depósito que os embalsamadores usavam ao trabalhar com Tutancâmon.

KV55 – Provável depósito que possui os espólios de várias personalidades do período de Akhenaton, como a já citada Tiy e do misterioso Smenkhare, que pode ter sido o sucessor imediato de Akhenmaton e antecessor de Tutancâmon.

KV56 – Conhecida como Tumba de Ouro, cujo proprietário original é desconhecido. Só possuía o que parecia ser os restos de uma criança real da Décima Nona Dinastia. Porém até o caixão se desintegrou após a descoberta e sua forma foi coberta com uma camada fina de ouro (daí o nome). Também foram encontrados um par de pequenas luvas e braceletes de prata com os nomes de Seti II e Tausert, além de um par de brincos de ouro com o nome de Seti II.

KV57 – Túmulo de Horemheb, general de Tutancâmon e sucessor do trono após Ay.

KV58 – Conhecida como Tumba da Carruagem, que continha depósitos do túmulo de Ay, identificado como WV23. O dono original permanece desconhecido.

KV60 – Túmulo de Sitre In (enfermeira de Hatshepsut).

KV61 – Túmulo aparentemente não usado.

KV62 – Túmulo de Tutancâmon.

KV63 – Túmulo cujo propósito é desconhecido.

KV64 – Curiosamente não se trata bem de um túmulo, mas sim de uma anomalia localizada por meio de radar, que ainda está para ser confirmada a existência ou mesmo se se trata de um túmulo ou uma câmara.

KV51, KV52 e KV53 – Túmulos que contêm animais. A localização das três foi perdida desde sua descoberta entre 1905 e 1906.

KV21, KV26, KV27, KV28, KV29, KV31, KV33, KV37, KV40, KV44 e KV59 – Túmulos cujos donos originais são desconhecidos.

Vale do Oeste

WV22 – Túmulo de um dos maiores governantes do Novo Império, Amenófis III. Foi recentemente investigado, mas ainda não está aberto ao público.

WV23 – Túmulo de Ay, o único aberto ao público naquela parte do Vale.

WV24 – Túmulo cujo proprietário original é desconhecido.

WV25 – Túmulo que pode ter sido iniciado como o local de repouso do faraó herege Akhenaton, mas nunca foi terminado.

WVA – Câmara de armazenagem para o túmulo de Amenófis III, localizado próximo.

O Túmulo dos Filhos de Ramsés II

Cada túmulo dos Vale dos Reis daria um livro só pelas descobertas e pela história que envolve cada um. Porém o que mais é comentado no momento é a redescoberta da KV5, que se mostrou o local de descanso dos filhos de Ramsés, o Grande.

Localizado próxima à entrada do Vale, com o passar do tempo sofreu o destino de outros túmulos que entram pelo chão, ou seja, ficou entupido de entulho levado pelas chuvas que assolam o local com o passar dos anos. Além disso, foi um dos que foi roubados na Antigüidade, o que prova que, apesar da idéia ser diferente, não adiantou muito para conservar os túmulos da ameaça dos ladrões e caçadores de tesouros.

Este túmulo, em especial, foi examinado diversas vezes desde que a exploração do Vale começou a ser feita nos tempos modernos, primeiro pelo egiptólogo britânico James Burton e depois por ninguém menos que Howard Carter, em 1902, que usou o KV5 como depósito de lixo. Mas nenhum deles foi capaz de ir além dos primeiros compartimentos, e por isso mesmo não viram nada de incomum com o lugar.

E assim permaneceu até que o Projeto de Mapeamento Tebano (*The Theban Mapping Project*), sob a direção do já citado Kent Weeks, decidiu limpar o túmulo, em parte para ver se poderia ser detectado algum tipo de perigo para os trabalhos que já estavam em andamento nas vizinhanças. Só então foi descoberta a verdadeira natureza daquele “depósito”. E mesmo assim demorou um pouco para isso acontecer, visto que entre 1987 e 1994 ainda não se sabia nada sobre isso.

Apenas no ano seguinte, em 1995, depois de fazer uma substancial limpeza nas câmaras exteriores do túmulo, é que descobriram os longos corredores, alinhados com cerca de 70 salas (o que não é de se espantar, pois se lembrem que Ramsés II ficou famoso por ter uma prole muito grande) que avançavam na pedra.

Essa descoberta maravilhou o mundo todo e despertou novo interesse na egiptologia. Os achados incluem milhares de *ushabits*, contas de faiança, recipientes de vidro e, até mesmo, uma grande estátua de Osíris, entre outros objetos. As escavações continuaram e, como resultado, foi descoberto que o túmulo era ainda maior do que se pensava, já que contém mais corredores, com mais salas, que partem de outras partes. Pelo menos 150 salas ou câmaras foram descobertas em 2006, das quais apenas 7% foram limpas. O trabalho de limpeza na KV5 continuará por pelo menos mais alguns anos, até que a maioria dos segredos dos filhos de Ramsés II esteja revelada.

Capítulo 9
Os Grandes Templos Egípcios



A grande sacada dos egípcios, quando se fala sobre a religião, é mesmo a beleza que eles impunham em suas obras. Não apenas os túmulos dos faraós se beneficiaram da tecnologia por eles desenvolvida, mas também os templos, lugares totalmente dedicados aos deuses e onde o faraó sentia-se na obrigação de sempre trabalhar, ampliar e melhorar os que foram erguidos por seus antecessores.

Para que o leitor entenda a função dos templos, é necessário tecermos alguns comentários orientadores. Como vimos ao longo deste livro, os egípcios adoravam centenas de diferentes deuses e deusas, alguns deles conectados às forças da natureza, como tempo, o Nilo, o Sol e a Lua. Havia também aqueles que eram relacionados a aspectos da vida cotidiana, como o lar, e também havia o faraó, o governante supremo do Egito, considerado um deus vivo.

Com tantas divindades por perto, era natural que se pensasse num lugar para que o povo pudesse adorá-las. Ao contrário do que acontece com a fé cristã, que apresenta Deus como uma entidade distante, os egípcios antigos acreditavam que era seu dever atrair seus deuses para que convivessem na mesma terra que seus adoradores. Assim começaram a construir os grandiosos templos de culto, em geral dedicados a uma ou mais entidades, e os templos mortuários, dedicados aos faraós já falecidos, onde seus antigos súditos vinham pedir ajuda daqueles soberanos nos reinados correntes.

Comecemos nossa viagem pelos templos de culto. A palavra original para esse tipo de construção é *hat-netcher,* que significa "casa do deus". Eles acreditavam que o *Ka* dos deuses e deusas de fato moravam nos templos, mais precisamente no santuário interno, conhecido pela palavra *naos*.

Esse tipo de templo era em geral muito complexo e continha lojas, celeiros, escolas e oficinas, mas, apesar de seu tamanho, todos compartilhavam de um *layout* comum. Começavam com um portão principal (também conhecido como *pylon*) que levava a um pátio aberto, além do qual havia uma sala hipostila (com teto de preferência) que continha muitas colunas, numa espécie de alusão ao mito de que o Egito havia surgido no princípio dos tempos das águas primordiais por meio de uma colina principal, representada pelas colunas, que eram gravadas e decoradas para se parecerem com rolos de papiros, encimadas com motivos de lótus que simbolizavam a criação e o desabrochar do universo.

Havia também uma sala que levava ao santuário interno, que representava o primeiro monte de terra que surgiu das águas do caos. O santuário era habitado por uma estátua de ouro ou prata da divindade, que era tratada como se fosse um ser vivo, alimentada e cuidada todos os

dias apenas pelos sacerdotes que moravam no templo. Estes eram sustentados pelas oferendas entregues aos deuses, daí a origem da polêmica quando Akhenaton tentou fechar os templos dos antigos deuses durante seu reinado. Curiosamente, os sacerdotes do templo, apesar de ser um lugar de adoração, não deixava os seguidores da religião egípcia adentrarem seus recintos, muito menos conhecer o santuário onde habitava a estátua do deus em questão. Muitos estudiosos modernos, que se dedicaram a reconstituir essas construções, ressaltam o aspecto obscuro desses lugares, provavelmente para inspirar certo receio e temor entre os seguidores, já que eles saíam do exterior ensolarado e entravam em um lugar escuro, iluminado com tochas e imerso em incenso. Ou seja, nos templos, todos (inclusive o faraó) saíam do mundo dos vivos e visitavam o mundo da divindade, que nem sempre era simples de ser entendido.

Teoricamente apenas o faraó era considerado santo o suficiente para adentrar o santuário interno, mas na prática os sacerdotes de alto escalão eram nomeados para fornecer as "necessidades diárias" dos rituais que envolviam a divindade. Esses cuidados incluíam despertar o deus todos os dias com um hino, queimar incenso, lavar a imagem, untá-la e vesti-la, além de apresentar as oferendas de comida. Os sacerdotes também deveriam se lavar cerca de quatro vezes ao dia e raspar todo o cabelo de sua cabeça e corpo como forma de ritual de purificação. Os sacerdotes mais importantes viviam o tempo todo nos templos enquanto os outros na escala hierárquica cuidavam de questões que envolvessem o exterior, como coletar taxas e realizar outras tarefas administrativas. Originalmente também havia sacerdotisas, mas no Novo Império apenas os homens recebiam permissão para se tornarem sacerdotes. A presença feminina era permitida apenas como instrumentistas que tocavam música durante as cerimônias.

Os seguidores do deus não deveriam permanecer no templo em lugares que iam além do primeiro pátio descrito anteriormente e geralmente adoravam as divindades em suas residências com a utilização de pequenos altares. Para o homem moderno, parece uma espécie de excentricidade um templo que não permite a presença de seus seguidores em suas dependências, mas não podemos esquecer que, para os egípcios, o templo era a casa de seu deus, fosse ele quem fosse, e que era a presença dele na terra abençoada que provia as inundações e plantações. O templo era apenas o lugar onde o deus estava, e quanto mais perto, melhor. Tanto é, que a tarefa mais realizada pelos adeptos da religião nos templos era justamente levar oferendas e fazer suas orações particulares. De tempos em tempos, durante alguns dos famosos festivais, as imagens dos deuses deixavam temporariamente seus santuários e iam, em cerimônias como procissões, para serem exibidas ao público em altares de madeira que muitas vezes representavam os barcos usados para navegar o rio Nilo.

O Templo de Karnak

Os templos de culto eram as edificações mais importantes nas cidades egípcias. Alguns deles acumularam grande riqueza, em particular durante o Novo Império. Provavelmente você já deve ter visto em algum livro ou documentário da TV essas magnânimas construções, muitas delas em ruínas, que eram símbolos dos reinados desses homens poderosos.

O maior e mais imponente desses templos é o de Karnak, dedicado à tríade tebana de deuses: Amon (deus da mitologia egípcia visto como rei dos deuses e como força criadora de vida), Mut (esposa de Amon, representada como uma simples mulher com um vestido vermelho ou azul usando a serpente e a dupla coroa do Alto e Baixo Egito) e Khonsu (deus da Lua, do tempo e do conhecimento, grande admirador de jogos). Com o passar dos tempos, foi sucessivamente aumentado pelos diversos faraós que governaram o Egito. Começou a ser construído durante o Médio Império e foi expandido por todo o Novo Império por vários reis que acrescentaram, além de outras edificações, enormes portões e obeliscos. Ramsés II contribuiu com estátuas de si mesmo (sabemos o quanto ele era megalomaníaco) e supervisionou a Grande Sala Hipostila, um dos grandes destaques do lugar, que possui um teto sustentado por nada menos que 134 enormes colunas, ainda hoje existentes, embora muito do teto tenha desaparecido. No total, estima-se que, para atingir o tamanho e a complexidade que possui hoje, foram necessários pelo menos mil anos de constantes construções.

É quase impossível dar uma amostra do quão grande é o complexo em si, mas vamos tentar reunir as descrições sobre o local e montar uma pequena viagem virtual. Comecemos com a parte principal do conjunto, que é constituída pelo grande templo de Amon, inicializado no Médio Império (data aproximada, segundo os egiptólogos). Quase todos os faraós tentaram ampliar e embelezar esse templo, por vezes chegando a ponto de destruir e reutilizar construções e estruturas anteriores. O resultado é simplesmente de deixar qualquer um atônito. O complexo abrange nada menos que quatro pátios, dez *pylons,* um lago sagrado e vários edifícios.

O último faraó que fez obras importantes no templo foi Nectanebo I durante a Trigésima Dinastia. Basta dar uma procurada nos livros especializados e na Internet que se pode ver sempre a mesma imagem característica do enorme *pylon* e uma avenida com esfinges com cabeça de carneiro, um animal ligado ao deus Amon. Essas são as contribuições de Nactarebo I, uma paisagem que, mesmo com alguns pontos deteriorados, é ainda de grande beleza.

O templo é direcionado de acordo com um eixo leste-oeste e outro norte-sul. O eixo leste-oeste abrange do primeiro ao sexto *pylon* e segue a trajetória do Sol, o que faz crer que se trate de uma representação do eixo solar ou celeste. Já o segundo abrange do sétimo ao décimo *pylon* e segue em paralelo ao curso do Nilo, uma indicativa que se trata da representação do eixo real ou terrestre.

A partir do primeiro *pylon,* chega-se ao primeiro pátio, onde há duas capelas erguidas pelos faraós Seti II e Ramsés III que serviam de local de descanso para as barcas sagradas. A face leste do primeiro pátio é delimitada pelo segundo *pylon* e uma porta, cercada de estátuas de Ramsés II, das quais a que mais chamou a atenção foi apropriada inadvertidamente (ou seja, roubada) pelo faraó Pinedjem I, da Vigésima Primeira Dinastia, que reinou entre 1054 e 1032 a.C.

Depois do segundo *pylon,* adentra-se numa das mais interessantes partes do templo que é a

já citada Sala Hipostila. Essa sala foi iniciada por Seti I, continuada por Ramsés II, seu filho, e concluída por seus sucessores.

Em seguida passamos pelo terceiro *pylon*, construído por Amenófis III, para depois adentrar uma área particular que marca o ponto de encontro dos dois eixos já citados. Trata-se do local em que o eixo terrestre cruza com o celeste , um conhecimento marcado por quatro obeliscos levantados por Tutmés I e II, dos quais hoje em dia resta apenas um dos erguidos por Tutmés I.

Entre o quarto e o quinto *pylons,* que também foram erguidos durante o reinado de Tutmés I, há um vestíbulo transversal, conhecido pelos egípcios antigos como *Uagit* (palavra que significa "o verdejante"), decorado em sua origem com colunas grandes. Foi aqui que a rainha-faraó Hatshepsut ergueu seus dois obeliscos, dos quais apenas um permanece no local.

Depois do sexto *pylon,* aparece a capela erguida pelo meio-irmão de Alexandre, o Grande, Felipe Arideu, entre 323 e 317 a.C. Em seguida adentra-se no grande pátio que remonta ao tempo do Médio Império. O lugar é delimitado a leste pelo Akhemenu (um edifício construído por Tutmés III) que possui, além da Sala das Festas, o que sobrou das dependências do assim chamado "jardim botânico", composto por um conjunto de salas decoradas com representações de plantas e animais de procedência exótica, principalmente da Síria e da Palestina. Esse local era usado, a julgar pela sua decoração, para propagar as várias campanhas militares de Tutmés III. Uma curiosidade sobre o local: justamente pelas representações de animais serem no mínimo curiosas, beirando o exótico e o extraordinário, e também pelo fato de não haver nada igual em todo o Egito, muito se discutiu sobre qual seria a verdadeira função do aposento. A teoria mais aceita, hoje em dia, diz que seria uma maneira encontrada pelos egípcios de representarem a variedade de formas e espécies de natureza. Assim, obteríamos uma classificação por meio de um sistema ordenado, uma característica própria do universo.

Ao leste, fora da muralha que cerca do Templo de Amon, há as ruínas do templo amaraniense (ou seja, de Tel El Amarna, atual nome da cidade construída por Akhenaton, cuja história já vimos nos capítulos anteriores). Esse edifício foi construído por ele antes que abandonasse Tebas (próximo do qual fica Karnak) para construir sua cidade, Akhetaton.

Quando andamos pelo eixo norte-sul, que está destacado do leste-oeste na altura da área que é delimitada entre o terceiro e quarto *pylons,* chegamos a um pátio conhecido como *da cachette* (assim mesmo, escrito todo em letras minúsculas). Foi lá que o arqueólogo francês Georges Legrain descobriu em 1901 um esconderijo, datado provavelmente da época ptolomaica, em que os sacerdotes de Amon haviam escondido 17 mil estátuas de bronze e outras 900 de pedra. O lugar, que passou a ser o *Pátio da Cachette,* é descrito da seguinte maneira pelo pesquisador Alberto Silliotti:

"O pátio da cachette está delimitado ao sul pelo sétimo pilono, em cujo flanco encontra-se o lago sagrado, imagem do oceano primordial, do qual foi criado o mundo. O remanso, no qual nadavam os gansos consagrados a Amon, alimentava-se das águas do Nilo e servia tanto para as abluções rituais dos sacerdotes de Amon quanto para as evoluções das embarcações sagradas."

Em tempo: ablução é a lavagem e purificação de partes do corpo por meio da água, um ritual que é comum a várias religiões.

Mas continuemos nossa jornada pelo templo de Karnak. Após passarmos pelo eixo norte-sul, encontramos o oitavo e o nono *pylons*. O último foi construído por Horemheb, um dos sucessores de Tutancâmon. A leste do nono *pylon* está o templo consagrado a Khonsu, sobre o qual falamos no início deste capítulo.

No décimo e último *pylon* está a avenida de esfinges com cabeça de carneiros, já citada, que unia os templos de Amon e o de Mut. Era de lá que partia uma outra linha de "esfinges androcéfalas", como dizem os guias turísticos, que unia Karnak a outro complexo, Luxor, sobre o qual falaremos mais adiante.

É mesmo difícil para o homem moderno entender a riqueza que deveria rondar aquele local quando estava em funcionamento. Documentos históricos indicam que apenas em Karnak trabalhavam cerca de vinte mil pessoas. Para alguns estudiosos, o poder dos templos chegava a ser um concorrente sério ao patrimônio do próprio faraó, daí a preocupação deste em se entender com os sacerdotes de maneira a evitar atritos. E mais uma vez começamos a entender o porquê da atitude de Akhenaton quando decidiu fechar os templos dos antigos deuses.

O Templo de Luxor

Uma pequena cidade de 60 mil habitantes na margem direita do Nilo é o que corresponde à cidade que Homero descreveu como "Tebas das cem portas". Trata-se de Luxor, uma palavra que vem do árabe el-Uqsor, plural do termo el-Qasr, que significa "acampamento" ou "fortificação". Essa é uma referência a dois acampamentos militares que estavam instalados no local na época romana.

Essa cidade de Tebas (não confundir com a de mesmo nome localizada na Grécia), que os egípcios chamavam de *Uaset,* estendia-se pela mesma área onde hoje se localizam os complexos de Karnak e Luxor. Em seu ápice, contou com nada menos do que um milhão de habitantes e foi capital no Novo Império, quando os domínios egípcios se estendiam do rio Eufrates até a Alta Núbia.

Era uma cidade dedicada ao deus Amon que tinha, como acabamos de ver, seu centro de culto concentrado em Karnak. Uma vez por ano, durante a festa conhecida como Opet ou Festa do Harém, celebrada entre o segundo e o terceiro mês da estação marcada pelas inundações, uma procissão saía de Karnak e seguia até Luxor. Esse ritual era conhecido como *Ipet-resit* ou Harpem Meridional de Amon. Era quando a imagem do deus seguia em sua embarcação, do templo de Karnak até o de Luxor, este último era uma construção de 260 metros de comprimento, edificado por Amenófis III em cima de um outro que existiu e que havia sido construído pela rainha Hatshepsut. Conta Silliotti:

"A rainha havia mandado construir também seis pavilhões para as paradas da embarcação de Amon ao longo do primitivo dromos da Décima Oitava Dinastia, a rota sagrada que unia o templo de Luxor ao de Karnak. Nos tempos de Hatshepsut a procissão da festa de Opet sehuia um itinerário terrestre, percorrendo os dromos que unia os dois templos, enquanto a partir de fins da Décima Oitava Dinastia, os simulacros das embarcações sagradas de Amon, Mut e Konshu eram transportados para o Templo de Luxor subindo o Nilo."

Falemos mais um pouco sobre essa festa. Durante ela, o Amon de Karnak visitava o Amon de Luxor (definido como Amon-em-ipet, que significa "Amon que está em seu harém") com o intuito de revitalizá-lo. E Luxor era o cenário perfeito para esse "encontro sagrado" acontecer.

O templo abrangia em sua forma original uma grande colunata com 14 colunas em forma de papiro, de 19 metros cada uma e circunferência de quase dez metros. Essa colunata era delimitada a leste e oeste por uma muralha decorada com relevos inspirados na festa de Opet. Foi terminada e decorada justamente na época de Tutancâmon e era por ela que se entrava num magnífico pátio fechado por uma fileira dupla de colunas, que tinha como limite a sala hipostila ao sul.

Desse local passa-se para a porta interna do templo, que inclui quatro antecâmaras, alguns aposentos anexos e o santuário do barco sagrado, que é o compartimento mais interno e cujo pavilhão foi reconstruído por Alexandre, o Grande que, como alguns leitores devem saber, foi consagrado como filho de Amon quando passou pelo Egito.

Mais tarde, já na época de Ramsés II, o templo foi ampliado, quando assumiu o aspecto que possui até hoje. O primeiro *pylon* foi decorado com relevos que representam a Batalha de Kadesh, na Síria, ocorrida em 1274 a.C. e alardeada por aquele faraó como um dos maiores

triunfos militares de seu reinado. Trata-se de um confronto entre os egípcios e os hititas ocorrido nas margens do rio Orontes, junto à cidade de Kadesh (hoje território da moderna Síria). É uma das batalhas mais conhecidas da antigüidade e no mural de Luxor foi representada como uma grande vitória, apesar de hoje em dia os egiptólogos chegarem à conclusão de que isso não foi verdade, visto que documentos hititas mostram que o máximo que aconteceu foi um empate. Porém o templo era para venerar os deuses e Ramsés II, como um deus encarnado, tinha que fazer propaganda de si mesmo, o que explica em parte a mentira.

Além do primeiro *pylon* há também o primeiro pátio e, na seção mais interna do templo, um santuário triplo para as embarcações da tríade tebana, ambos construídos também por Ramsés II. O pátio é delimitado por um peristilo (semelhante a um corredor coberto e circundante que rodeia a estrutura central, aberto lateralmente através de uma ou mais fiadas de colunas, característica típica dos templos gregos) com 74 colunas também em forma de papiro dispostas em fileira dupla e decoradas com 16 estátuas do próprio faraó. O perímetro abrange no lado setentrional uma capela dedicada à tríade tebana que data da época de Hatshepsut.

No lado oriental há uma igreja bizantina construída por volta do século VI d.C. Sobre ela foi erguida a mesquita de Abu el-Haggag, do tempo em que o Egito já se achava sob o domínio dos sultões Aiúbidas, que funciona até hoje.

Também pertencentes ao tempo de Ramsés II, havia dois obeliscos que precediam o primeiro *pylon* e que o então paxá do Egito, Mohammed Ali, doou à França em 1819. Um deles, o ocidental, tinha mais de 22 metros de altura e pesava 220 toneladas. Está hoje na Praça da Concórdia, em Paris, onde foi instalado em 1836. Já o segundo ficou em Luxor, porque a França renunciou aos direitos de propriedade do objeto em 1980.

Luxor tinha como função a cada ano, em seus aposentos mais secretos, durante o Opet, celebrar o "renascimento divino do faraó", como define Silliotti:

"Na penumbra da 'sala do nascimento divino', Amon, que para a ocasião assumia a aparência do faraó, ia ao encontro da rainha à qual Tot, o deus de cabeça de íbis, predizia seu futuro destino de mãe. Então Amon ordenou a Cnum, 'o divino oleiro', que moldasse no torno a criança em gestação e seu ka, seu 'duplo', que representaria sua essência divina e imortal. A rainha, com a ajuda de Hathir, Ísis e Néftis, dava à luz seu filho divino, filho do rei dos deuses, assim reconhecido pelo pai Amon. E ele apresentava oferendas de incenso e flores frescas a Amon e recebia em troca a natureza divina, a juventude e promessas de vida longa; depois o coroava como soberano legítimo das Duas Terras."

Após essa cerimônia, o faraó apresentava-se assim regenerado e preparado para mais algum tempo de reinado pela terra do Egito.

O templo também tinha a função de local de culto da parte divina do faraó, ou seja, de seu *kha,* o símbolo irrefutável de seu poder. Essa função era de cunho universal e não estava, de forma alguma, ligada a um único faraó, sendo comum a todos que já reinaram. Sua realização perdurou por pelo menos 17 séculos e explica assim, pois Alexandre precisava passar por ela para se legitimar como soberano do Egito, o que dependia de ser reconhecido oficialmente como filho de Amon. Uma vez nesse caso era sua obrigação seguir a tradição local e, por isso, ele teria contribuído para reconstruir o santuário da embarcação do deus.

De acordo com a cosmogonia (termo que abrange as diversas lendas e teorias sobre as

origens do universo de acordo com as religiões, mitologias e teorias científicas através da história) tebana, Luxor também era o lugar de origem da Ogdoade, nome dado às oito divindades primordiais (compostas por quatro casais: Nun e Naunet, Huh e Hauet, Kuk e Kauket e, por fim, Amon e Mut). Essas divindades foram geradas pelo criador da terra, o demiurgo (entidade que criou o mundo material) conhecido como a serpente Irta, também chamada de Kematef. Ela e as oito divindades da Ogdoade foram sepultadas numa mística tumba quando terminaram suas missões. Essa tumba ficava em Medinet Habu, um sítio arqueológico situado na margem ocidental do Nilo, no lado oposto a Luxor. Foi lá que os governantes do Novo Império estabeleceram a tradição de deixar o Amon de Luxor sediado por dez dias durante um outro evento, conhecido como Festa do Décimo Dia. Durante o reinado de Ramsés II, a procissão não adentrava o templo pela porta principal do primeiro pátio, mas sim pela porta oeste que dava para o Nilo. O povo entrava pela porta leste.

A porta principal do Templo de Luxor era utilizado durante outra festa anual, a de Amon-Min-Kamutef, que celebrava Amon como o deus da fertilidade. Já na época de Nectanebo I, a passagem que ligava Luxor a Karnak recebeu a já citada passagem de esfinges com cabeça humana.

Quando o Egito já demonstrava sinais de completa dominação romana (isso na época do imperador Deocleciano em 300 d.C.), havia uma parte mais ao sul do templo que foi utilizada para o culto imperial e que incorporou o forte romano que havia no local.

Tudo isso é um breve resumo das descobertas feitas ao longo dos anos em Luxor, iniciadas em 1885 pelo arqueólogo francês Gaston Maspero, que era o diretor do Serviço de Antigüidades Egípcias (o órgão do governo que tem hoje Zahi Hawass como diretor e que mudou seu nome para Supremo Conselho de Antigüidades do Egito).

E nem só de descobertas antigas vive o local. Por exemplo, em 1990 ocorreu o que é considerado até agora um dos mais importantes achados dos últimos anos: um esconderijo, descoberto durante as sondagens feitas para comprovar a estabilidade das colunas do pátio de Amenófis III. Esse local possuía várias e magníficas estátuas, sendo que a mais bela era feita de quartzito vermelho e representava o faraó. Hoje, ocupa local de destaque no Museu de Luxor.

Outros Templos

É claro que o Egito possui outros templos, além de Luxor e Karnak, que merecem ser citados e, se possível, ser visitados. Há milhares de publicações que falam os pormenores neles observados, mas para não cansar muito os leitores, tentaremos fazer um resumo dos principais:

Comecemos com Abidos, um dos mais conhecidos, e que já foi citado neste livro quando falamos sobre o mito de Osíris. A cidade era tida como a tumba de Osíris e por isso mesmo tinha um status de cidade santa e, como tal, era o destino de grandes peregrinações. Faraós do Médio Império mandaram construir túmulos honorários (também conhecidos como cenotáfios) para que também pudessem participar da ressurreição de Osíris.

Foi lá que o faraó Seti I, pai de Ramsés II, ergueu um templo funerário e um cenotáfio. O primeiro, que é o que nos interessa por se tratar de uma curiosa mistura de templo mortuário e de adoração, era dedicado ao faraó, obviamente, e a outras seis divindades: Osíris, Ísis, Hórus, Ptha, Rá-Haractes e Amon-Rá.

O cenotáfio é localizado atrás do templo e é conhecido como Osireion. Possui uma estrutura que simboliza as águas primordiais em que, no centro, é possível ver a colina original de onde o mundo tomou forma. Nas paredes estão gravadas palavras de natureza mágica que representam lendas da cosmogonia egípcia.

Devido a beleza dessas obras que Ramsés II, que completou a decoração, construiu também outro templo funerário, mas infelizmente não resistiu à passagem do tempo. É menor que o de Seti I e está em ruínas.

Passemos agora para Dendera, que foi a capital do VI nomo do Alto Egito. A necrópole de lá reúne túmulos que remontam a um período de antes das dinastias reinantes (também conhecido como Protodinástico). Mas sua importância histórica e até turística deve-se ao templo greco-romano dedicado à deusa Hathor. Muito bem conservado, com profundas criptas escavadas no muro exterior e decoradas com baixos-relevos.

Na parte de cima do templo do templo há capelas dedicadas a Osíris, pois o local também era considerado uma de suas tumbas. No teto de uma das capelas há uma reprodução de uma pintura que representa o Zodíaco (o original foi retirado pelos franceses e levado para o Museu do Louvre). Diante do edifício principal, na parte direita da entrada, estão dois *mammisi,* nome dado aos pequenos templos que celebram o nascimento de Ihyttro, filho de Ísis. O primeiro remonta à época de Nectanebo I e foi terminado apenas na época ptolomaica. O segundo é originário da época romana.

Ao sul do Templo de Hathor, bem ao lado do que sobrou de um lago sagrado, há um outro pequeno templo romano da época de Otávio Augusto, conhecido como Templo do Nascimento de Ísis.

Em Medinet Habu, um sítio arqueológico na margem ocidental do rio Nilo, no lado oposto a Luxor, encontra-se um complexo que abrange muitos edifícios, entre eles o templo de culto a Ramsés III, além de um segundo templo dedicado a Amon.

O primeiro é o que está mais bem conservado dentre todos os templos de Tebas. Foi erguido a pouco mais de um quilômetro ao sul do Ramesseum (o templo funerário de Ramsés II que se situa na margem ocidental da cidade e era dedicado ao deus Amon e ao próprio faraó, famoso pela estátua colossal de Ramsés em posição sentada, da qual apenas restam

fragmentos).

O templo de Medinet Haru era dedicado a Ramsés II que, segundo algumas inscrições encontradas, era venerado como uma das formas de Amon-Rá. Tanto é que a embarcação de Amon era transportada até lá durante a Festa do Vale, quando visitava a necrópole a fim de que os mortos pudessem se beneficiar da força vital do deus-faraó.

Sua entrada é muito grande, ao contrário das dos outros templos. Possui o aspecto de uma fortaleza asiática, conhecida como *migdol*, e era unida à muralha do templo como uma espécie de protetora ritual. Ao sul viam-se as fundações do palácio real, usado durante as cerimônias pelo soberano e que se ligava diretamente ao pátio do templo por meio da "Porta das Aparições", onde o faraó se exibia para o público presente.

No muro norte exterior há alguns baixos-relevos que mostram as batalhas travadas por Ramsés III contra os chamados "Povos do Mar", que eram invasores que vinham das regiões do norte, provavelmente de localidades próximas do templo.

Vale a pena também falarmos um pouco sobre o Ramesseum. Os templos funerários mais interessantes foram erguidos no extremo ocidental de Tebas e eram usados pelo faraó enquanto este ainda era vivo, serviam para relacionar o culto de sua imagem pessoal à do deus Amon. Esses templos eram conhecidos pelos antigos egípcios sob o nome de Castelos dos Milhões de Anos. Era lá que celebravam a festa *sed*, de origem muito antiga e que ocorria durante o trigésimo ano de reinado para regenerar as forças do rei e trazer poder ao país.

O templo de Ramsés II, batizado de Ramesseum por Jean-François de Champollion, é considerado como um dos exemplos mais perfeitos e elegantes dos templos mortuários, apesar de ter hoje muitas partes que estão em ruínas por causa de terremotos. O complexo era conhecido pelos antigos egípcios como "Castelo dos Milhões de Anos do rei Usermaatra Escolhido de Rá que se une a Tebas na Posse de Amon no Ocidente de Tebas".

O complexo abrange o templo de culto real, onde aconteciam as atividades celebradas para a glória do faraó; o palácio real usado pelo soberano durante as cerimônias; um templo voltado para o culto da mãe e da esposa de Ramsés, respectivamente Tuia e Nefertari, cujas fundações são vistas na parte exterior do lado norte da construção principal; grandes depósitos localizados na parte norte, feitos com tijolo cru, em que eram armazenados os produtos das numerosas propriedades do Ramesseum e que serviam como oferendas rituais e para a alimentação dos sacerdotes que lá trabalhavam.

No lado ocidental do primeiro pátio havia a já citada estátua em granito vermelho de Assuã de Ramsés. Foi essa obra que inspirou o poeta britânico Percy Bisshe Shelley a compor seus versos sobre Ozymandias, que era na verdade um apelido do faraó, uma espécie de tradução grega do prenome de Ramsés, que era Usermaatra. A palavra também era usada como um dos nomes do Ramesseum, que o geógrafo grego Estrabão relacionou com o nome Memnon.

No segundo pátio podia-se ver o que restou de uma estátua de Ramsés II conhecida como "O Jovem Memnon", recuperada pelo explorador italiano e pioneiro da arqueologia Giovanni Battista Belzoni em 1816. A cabeça dessa estátua está hoje no Museu Britânico, em Londres, na Inglaterra.

O Ramesseum foi abandonado no final da Vigésima Dinastia e reutilizado várias vezes como local de enterro dos sacerdotes tebanos durante a Vigésima Nona Dinastia. Hoje, vários organismos de pesquisa dedicam-se ao seu estudo e restauração, entre eles está a equipe franco-egípcia do Centro Nacional de Pesquisa Científica, de Paris, e o Centro de Estudos e

Documentações, do Cairo.

Com certeza há muito mais para se falar sobre os templos egípcios, mas grande quantidade de leitores poderá achar a tarefa enfadonha, portanto resta apenas comentar que os esforços internacionais para a conservação desses monumentos lutam contra o tempo, o clima e até mesmo contra a poluição das cidades próximas para poder registrar essas maravilhas dos passado para as futuras gerações. Um trabalho que seria praticamente impossível sem a cooperação de equipes mundiais que se apaixonaram pelo país dos faraós e transmitiram essa paixão para o mundo todo, que tanto admira aquele país.

Bibliografia Consultada



CERAM, C. W. *História Ilustrada da Arqueologia.* Melhoramentos, São Paulo, 1977.

CLARK, T. Rundle. *Mitos e Símbolos do Antigo Egito.* Hemus, São Paulo, 1990.

CULTURAL, Abril. *Egito, Terra dos Faraós.* Parte da Coleção Civilizações Perdidas. Abril, São Paulo, 1998.

HAGEN, Rose-Marie e HAGEN, Rainer. *Egito – Pessoas, Deuses, Faraós.* Taschen, Hohenzollernring, 2005.

HAMILTON, R. *Ancient Egypt.* Parragon, Nova Iorque, 2007.

CARTER, H. Mace, Arthur C. *A Descoberta da Tumba de Tut-Ank-Amon*. Fascínio da História 1, Mercado Aberto, 1991.

ROMER, John. *O Vale dos Reis.* Melhoramentos, São Paulo, 1994.

SANTON, Kate. *Archaeology – Unearthing the Mysteries of the Past.* Parragon, Nova Iorque, 2007.

SILIOTTI, Alberto. *Egito.* Coleção Grandes Civilizações do Passado. Folio, Vitória, 2007.

- . *Guide to the Pyramids of Egypt.* White Star, Vercelli, 2003.